

RESUMOS COMUNICAÇÕES ORAIS

SUMÁRIO

Sessão 1 - quarta-feira, 7 de outubro, 8h 8

Os dispositivos tecnológicos como ferramenta de combate ao novo coronavírus e seus desdobramentos na pandemia de covid-19

Quézia Salles Cabral Viana 9

Muito além do corre dos entregadores: exploração e controle do trabalho amador de/atravs da produo de dados

Rafael Oliveira de Almeida 12

Novas fronteiras telejornalísticas: o uso das imagens de câmeras de vigilância na produo noticiosa

Antonio Pinheiro Torres Neto 15

Desinfodemia no Brasil: o avanço de desinformaes sobre coronavírus

Girliani Martins da Silva 18

O uso de um game contra *fake news*: uma pesquisa-ação no ensino médio

Wagner Silva de Oliveira 21

Sessão 2 - quarta-feira, 7 de outubro, 10h 24

A divulgao científica nos primeiros trs meses: Análise de dois perfis do Twitter durante a pandemia de COVID-19

Amanda Toledo do Prado Paes, Luisa Massarani 25

Cartografando controvérsias: a rede formada em torno da Amazônia no *Youtube* entre agosto e setembro de 2019

Aldemir Oliveira, Leda Gitahy 28

Relaes, afeto e contnuo movimento: modos de funcionamento da propaganda poltica digital

Maria Cortez Salviano 31

‘Como uma viagem a um país estranho’: discursos e performances
anti-capitalismo no *Youtube*

Suzana Correa Petropouleas 34

Notícias falsas como artifício de difamação: *Fake news* de temas sexuais
como estratégia conservadora no contexto das guerras culturais

Gustavo Bianchini 37

Sessão 3 - quarta-feira, 7 de outubro, 13h 40

Ciência cidadã e meliponicultura: A divulgação científica como ferramenta no
engajamento do cientista cidadão

Celso Barbiéri, Sheina Koffler, Tiago Mauricio Franco 41

Construção dos conteúdos de Genética na educação formal: que demandas
trazem os estudantes do ensino médio?

Vinícius Nunes Alves, Adriane Pinto Wasko, Marielly de Campos 44

Ações e reflexões de divulgação científica no departamento de endocrinologia
do Hospital das Clínicas: as diferenças no desenvolvimento sexual

Ana Fukui, Berenice Bilharinho de Mendonça 47

Riscos, aprimoramento e inovação: análise em torno da modulação hormonal
em um grupo no *Facebook*

Camila Silveira Cavalheiro 50

Blog Consciência Animal: divulgando comportamento e bem-estar animal

Caroline Marques Maia 53

Sessão 4 - quarta-feira, 7 de outubro, 15h 56

Exemplos de divulgação científica pela perspectiva decolonial

Luana Pires Vida Leal 57

Mulheres negras e a divulgação científica nas mídias e redes sociais

Aline Silva Dejosi Nery, Luciana Ferrari Espindola Cabral,

Ana Lúcia Nunes de Sousa 60

Raça, racismo e extensão: reflexões a partir da análise de revistas extensionistas	
Ana Clara Andrade Melo	63

Intervenção Afrofuturista: experiências em um cursinho popular na cidade de Itaquaquecetuba	
Alisson Felipe Moraes Neves, Luís Paulo de Carvalho Piassi	66

Sessão 5 - quinta-feira, 8 de outubro, 8h 69

A acomodação do discurso científico na produção de José Reis no Grupo Folha (1947-2002)	
Juliana Passos Alves, Luísa Massarani	70

A produção da vacina da COVID-19: um olhar para o discurso de ansiedade veiculado pelas notícias de jornal	
Alberto Lopo Montalvão Neto, Flávia Novaes Moraes, Wanderson Rodrigues Moraes	73

O jornalismo cultural em cenários de vanguarda artística e cultural: a cobertura da Ilustrada na Vanguarda Paulista (1979 a 1985)	
Luciana Martins de Souza	76

O jornalismo de Clarice Lispector: transgressão ao judaísmo	
Thiago Cavalcante Jeronimo	79

Presidentas latino-americanas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla e Michelle Bachelet: gênero e política nas capas de jornais	
Adriana Silvestrini Santos	82

Sessão 6 - quinta-feira, 8 de outubro, 10h 85

A mulher com deficiência da novela: olhares discursivos para o corpo de Luciana	
Thaís Ribeiro Alencar	86

Saber e conhecer: algo(em)ritmo na mediação televisada	
Antônio Inácio dos Santos de Paula	89

Violências Encenadas: efeitos do discurso fotográfico no Instagram Victória Bernardino Coelho	92
Escola de samba e Copa do Mundo de futebol: desconstrução da torcida carnavalesca a partir do compartilhamento de vídeos no Instagram Lucas Rocha	95
Sessão 7 - quinta-feira, 8 de outubro, 13h	98
Passarinho, que som é esse? Diálogo entre ciência e música em um produto cultural Tiago Leite Trujillano, Dayana Aparecida Brito dos Santos, Emerson Ferreira Gomes	99
Criança, imagem e divulgação científica no <i>Youtube</i> : comparando produções na rede social Shaila Regina Herculano Almeida Maximo, Emerson Izidoro dos Santos	102
Jornalismo científico e alfabetização científica: uma análise dos vídeos 2 minutos para entender, publicados no <i>Facebook</i> da revista Superinteressante Victor Luis dos Santos Barbosa	105
<i>Science Vlogs Brasil</i> : pesquisa exploratória sobre os canais Ana Beatriz Camargo Tuma	108
Curta Ciência: pontes de saberes em webséries Eveline Stella de Araujo, Guilherme de Paula Pires, Valquíria Michela John	111
Sessão 8 - quinta-feira, 8 de outubro, 15h	114
A comunicação organizacional e as instituições de ciência, tecnologia e ensino: o caso da APTA Fernanda Domiciano da Silva, Maria Beatriz Machado Bonacelli	115
Ciência ao Pé do Ouvido: como a UFU se comunica com a sociedade por meio de podcast Thiago Augusto Arlindo Tomaz da Silva Crepaldi, Diélen dos Reis Borges Almeida, Jhonatan Dias Gonzaga	118

Agências de notícias científicas no fomento da cultura científica no Brasil: a agência de notícias da Universidade Federal do Ceará Cristiano Teixeira de Sousa	121
Popularização da ciência: mapeamento e análise de projetos realizados no nordeste brasileiro Paulo Jefferson Pereira Barreto	124
Estudo sobre divulgação científica na tríplice fronteira Amazônica: Tabatinga - Brasil / Letícia - Colômbia / Santa Rosa – Peru Maiber Silva Pedroza, Germana Fernandes Barata	127
Sessão 9 - sexta-feira, 9 de outubro, 8h	130
Harry Potter e as possibilidades de divulgação científica e cultural Maria Rita Bialtas, Taciane Aurora Alves, Emerson Ferreira Gomes	131
Jogos como estratégia para a Divulgação Científica: uma possibilidade no contexto da Banca da Ciência Antônio de Andrade Souza, Emerson Izidoro, Vitor Amorim	134
O papel da canção na divulgação científica: o caso da Banca da Ciência Artur Nunes Paes, Agnes Rebeca Pereira de Lira, Emerson Ferreira Gomes	137
<i>MED Talks</i> : o aluno no centro do palco Nicolas Teixeira Cabral, Lavinia Amaral Campos Alves, Deivid William da Fonseca Batistão	140
Podcast e divulgação científica: um caminho para inclusão Juliana Correia Almeida, Cristiane Porto de Magalhães	143
SESSÃO 10 - sexta-feira, 9 de outubro, 13h	146
A interpretação como prática profissional: entre a psicologia e a psicanálise Beatriz Almeida Gabardo, Caroline Heloisa Sapatini, Ana Paula R. F. Garcia	147

Dar forma ao trauma: a memória do Holocausto em Maus, a história de um sobrevivente

Guilherme Henrique Vicente 150

Colagens, palavras e silêncio: representações do sujeito mulher em @reliquia.rum

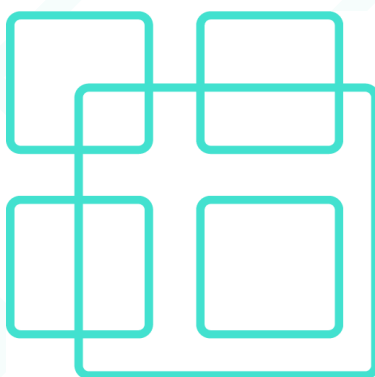
Bianca Martins Peter 152

Análise do discurso do ex-presidiário: identidades em jogo

Fábio Pacheco Piantoni 155

Artes visuais e cinema super 8 em São Luís – MA: aproximações e atravessamentos

Joseane Aranha Dantas, Josenilma Aranha Dantas 158



SESSÃO 1

QUARTA-FEIRA, 7 DE OUTUBRO, 8h

Os dispositivos tecnológicos como ferramenta de combate ao novo coronavírus e seus desdobramentos na pandemia de covid-19

Quézia Salles Cabral Viana¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Este artigo parte de uma inquietação em relação ao uso massivo de dispositivos tecnológicos como ferramenta de combate ao novo coronavírus. O covid-19, que acometeu o mundo em 2020, matou mais de 620 mil pessoas, em pouco mais de seis meses desde o primeiro alerta emitido pelo governo chinês. No Brasil, ao menos 2,8 milhões de pessoas foram infectadas e mais de 100 mil vieram a óbito, pouco mais de 4 meses depois da primeira morte, datada em 17 de março. Com a paralisação em diversas partes do mundo, rotinas, hábitos e especialmente as formas de se relacionar com os outros foram se alterando, assim como com a saúde, com a educação, com o trabalho, com a ciência e a tecnologia etc., emitindo reflexos dessa transformação tanto na esfera política quanto econômica. Ao traçar um breve panorama sobre as medidas adotadas por governos e empresas dos cinco continentes durante este momento pandêmico, este trabalho propõe um debate sobre as práticas de vigilância, com base em revisão bibliográfica, com o intuito de responder a questão específica: a pandemia intensificou métodos de vigilância ou apenas evidenciou modos já existentes? Nessa discussão sobre a consolidação de mecanismos e práticas de vigilância, destaca-se o fato de que quase duas décadas depois do fatídico 11 de setembro, os discursos que faziam alusão à segurança e ao bem-estar dos

¹ queziasalles@outlook.com

cidadãos, colocando todos como potenciais terroristas ou criminosos, ganham um novo rumo e passam a se apoiar em um vírus letal e invisível para adentrar cada vez mais na esfera privada dos usuários (LYON, 2014). O acúmulo de um enorme volume de dados e informações pessoais detalhados (*big data*), contínuo, diversificado em variedade, exaustivo e com possibilidade de capturar populações inteiras para fins de predição passou a ser interpretado como a chave para o combate à pandemia (KITCHIN, 2013; 2014; ZUBOFF, 2019). Parte desse pensamento reflete os estudos em cibernética, que propõem uma nova forma de sociedade amparada pelas trocas informacionais e a comunicação como base para as relações entre os seres vivos. O controle, tanto sobre a máquina, o homem e a sociedade, está intrinsecamente ligado ao gerenciamento informacional, que requer um canal de retorno, uma espécie de verificação para seu sucesso, tendo como ótimo exemplo o próprio capitalismo de vigilância, que engenhosamente se utiliza de pontos na rede para coletar informações e enviar comandos que pendem para o controle e monitoramento contínuo (EVANGELISTA, 2019; ZUBOFF, 2019). Sem que houvesse tempo suficiente para debates, acompanhamos a implementação de aplicativos de rastreamento de contatos em pelo menos 50 países, medidas alternativas de rastreamento digital em 35 e tecnologias físicas em 11. As medidas, adotadas especialmente por governos autoritários, contribuíram para a ideia de que crises sanitárias ainda acontecem devido à falta de informações suficientes para lidar com as enfermidades. O raciocínio, porém, abre margem para a aceitação de práticas e sistemas informacionais configurados para o monitoramento contínuo de seus usuários. Logo, o que antes foi introduzido com o argumento de proteção contra futuros ataques terroristas agora é posto como uma ferramenta contra futuras pandemias. É inegável que o monitoramento de pacientes em laboratórios ou dados coletados de pacientes infectados corroborem para a criação de uma vacina ou outros avanços na área da saúde, mas como argumenta John Fiske, as vantagens da vigilância não podem ofuscar seu real caráter. O autor argumenta que “a

vigilância é o poder de conhecer sem ser conhecido, de ver sem ser visto. [...] toda vigilância é totalitária, pois não permite que suas vítimas tenham voz na maneira como ela opera, e não devemos permitir que o aspecto benigno geral de seus usos mascare este fato” (apud FUCHS, 2011, p.124). Essa noção negativa da vigilância, bastante presente nas produções de Foucault, também encontra eco em outros autores como Gandy (1993) e Ogura (2006), que identificam as vigilâncias política e econômica como seus principais meios de vigilância. Nas situações referentes à vigilância política eletrônica, eles explicam que os sujeitos sofrem intimidações caso procedam de maneiras contrárias ao esperado por seus observadores, os atores políticos, que atuam em serviços secretos ou no sistema de policiamento. Já em relação à vigilância econômica eletrônica, os cidadãos encontram-se sujeitos a sistemas eletrônicos que perpetuam relações capitalistas através do acúmulo e da utilização de informação pessoal contra o próprio usuário, induzindo-o à compra ou venda de determinadas mercadorias. Fuchs (2011) compreende que a vigilância se mantém sob os pilares da ameaça e do medo, que seus aspectos configuram agressões mentais e podem alcançar proporções externas, físicas, como em alguns casos relatados na pesquisa. Conclui-se, portanto, que a pandemia evidenciou uma predisposição para o controle, a vigilância física e digital; possibilitou a implementação desenfreada de métodos de vigilância e evidenciou outros modos já existentes, aprofundando cada vez mais as assimetrias latentes no mundo.

Palavras-chave: Pandemia. Vigilância física. Vigilância digital. Vigilância política e econômica. Dispositivos tecnológicos.

Muito além do corre dos entregadores: exploração e controle do trabalho amador de/através da produção de dados

Rafael Oliveira de Almeida¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: As empresas iFood, Rappi e Uber Eats lideram o mercado de aplicativos de *delivery* de refeições, conectando consumidores, restaurantes e entregadores. Essas empresas se posicionam como companhias de tecnologia que proporcionam os meios pelos quais esses três atores realizam a troca de oferta de trabalho e demanda de produtos. A forma como elas definem seu ecossistema estabelece que não somente consumidores, mas também restaurantes e entregadores seriam seus clientes, por utilizarem o seu sistema. Posto desse modo, essa retórica converte força de trabalho em clientes de uma programação algorítmica supostamente neutra desses aplicativos. No entanto, entregadores relatam relações mais complexas na rotina de trabalho interagindo com esses gerenciamentos algorítmicos. Essa retórica visa atribuir os riscos aos entregadores, ao mesmo tempo que leva as empresas à obtenção de lucro pela exploração do trabalho, na forma da acumulação por despossessão, como definido por David Harvey. O artigo se propõe a investigar como, nessas relações de trabalho, se atribui os riscos aos trabalhadores, ao mesmo tempo que há uma exploração do seu trabalho em duas frentes: 1. trabalho amador como entregador e; 2. trabalho amador de produção de dados através dos aplicativos. Dando maior destaque à segunda forma, se buscará compreender como

¹ r94almeida@gmail.com

essas empresas praticam uma coleta e análise de dados num cenário de capitalismo de vigilância, assim como definido por Zuboff (2019). O poder de transformar objetos e eventos em informações, como também foi argumentado por Zuboff (1988), e de praticar a vigilância e o controle dos indivíduos, como colocado por Deleuze (1992), fundamentam teoricamente a hipótese de que as companhias mencionadas exploram o trabalho amador de produção de dados que gera valor para seus negócios. Antunes e Filgueiras (2020) argumentam que o trabalho de plataformas deve ser entendido num contexto geral de precarização do trabalho, e Abílio (2020) enxerga que esse fenômeno segue uma tendência de generalização de características de mercados de trabalho do Sul. Dessa forma, características como flexibilização, informalidade e intermitência são acompanhadas de uma ideologia individualista que responsabiliza os trabalhadores por seu sucesso ou fracasso. Abílio (2020) chama a subordinação a essas relações de trabalho de autogerenciamento subordinado. Entregadores realizam um trabalho que é pago de acordo com a demanda disponibilizada pelo aplicativo, recebendo por cada pedido entregue, como em uma organização de trabalho *just-in-time*. Num contexto histórico de crise econômica e aumento da concorrência, potencializa-se a precariedade do *just-in-time*, com o deslocamento da categoria de trabalho para a de tarefas. Configura-se a categoria do trabalho amador, do deslocamento da identidade de motoboy para tornar-se parte de uma multidão de trabalhadores que são gerenciados de maneira centralizada por um monopólio de poucas empresas (ABÍLIO, 2020). Zuboff (1988) denomina a transformação de eventos, objetos e processos em informação de *informate*, por meio do qual foi possível a visualização e organização de fenômenos através do texto eletrônico, inclusive daquilo que seria despercebido e invisível ao olhar e à mente humana. Como se, com os métodos corretos de observação, fosse possível enxergar tudo aquilo que é racional. Em complemento, é necessário falar sobre o papel do *Big Data* e dos algoritmos que o regem para constatar a vigilância massiva de populações, sendo produzida e

administrada em tempo real pela programação algorítmica. Dessa forma, uma parte significativa das informações geradas não tem um pressuposto específico ou são até mesmo um subproduto de outra atividade (KITCHIN, 2014). Zuboff (2019) entende isso como um excedente comportamental que, num primeiro estágio, é utilizado para prever comportamentos e, num estágio seguinte do capitalismo de vigilância, é utilizado para garantir resultados comportamentais, moldando as ações dos indivíduos. Examinando o modelo de negócios das empresas iFood, Rappi e Uber Eats, podemos observar que seus interesses se dão na forma de obtenção de mais-valia capitalista por meio do mapeamento e gerenciamento constantes das etapas de trabalho dos entregadores. Quando uma demanda é atribuída, as especificações de tempo designado para a tarefa, trajeto e pagamento são todas determinadas pelo algoritmo e, assim, pode-se admitir que a relação entre tempo de trabalho e remuneração está sob o controle dessas plataformas. Além disso, por meio da constante vigilância sobre os entregadores através do *smartphone*, essas plataformas também buscam cercear liberdades individuais desses trabalhadores e moldar seus comportamentos. Entregadores são constantemente monitorados por consumidores e restaurantes, sendo avaliados a respeito dos serviços que prestaram. A partir de Deleuze (1992), podemos admitir que aos entregadores de aplicativo é atribuída uma cifra, que marcam seu acesso ou bloqueio às demandas da plataforma. Entregadores tentam decifrar o funcionamento dos algoritmos de maneira a atingirem a maior eficiência possível e, assim, obterem mais demandas. É na adaptação às dinâmicas dos aplicativos que os entregadores realizam o trabalho amador que possibilita a produção e gestão de dados. Entregadores interagem com as interfaces fornecendo informações padronizadas e sendo orientados por informações que refletem em ações realizadas por seus corpos físicos.

Palavras-chave: entregadores; aplicativos; capitalismo de vigilância; capitalismo de plataforma; algoritmos.

Novas fronteiras telejornalísticas: o uso das imagens de câmeras de vigilância na produção noticiosa

Antonio Pinheiro Torres Neto¹
Universidade Federal do Ceará

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo propor uma discussão teórica pertinente ao campo do jornalismo, tendo como base o projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC). Nesse sentido, pretendemos abordar o uso das imagens de câmeras de vigilância no processo de produção noticiosa no telejornalismo, destacando, por meio de revisão bibliográfica, conceitos e aspectos relativos à construção da notícia, bem como aos processos de implementação de práticas de vigilância em nossa sociedade. Partindo do pressuposto de que estamos inseridos em um ambiente no qual as iniciativas de monitoramento permeiam as interações dos indivíduos de uma maneira corriqueira e naturalizada (BRUNO, 2013), evidenciamos que tal contexto tem gerado consequências nos mais diversos setores da sociedade, incluindo o jornalismo. É notório o uso, por parte dos meios de comunicação, de imagens captadas por câmeras de vigilância como forma de publicizar acontecimentos os mais diversos. Atuando de forma ubíqua, 24 horas por dia, os equipamentos de videovigilância conseguem flagrar cenas do cotidiano que seriam praticamente impossíveis de serem captadas pelos profissionais de veículos jornalísticos. Apesar de a sua finalidade inicial ser voltada para a promoção

¹ antoniopinheiro.cariri@gmail.com

da segurança, vez ou outra, e de forma despretensiosa, tais dispositivos acabam por registrar acontecimentos dotados de noticiabilidade (OLIVEIRA, 2019). Esse aspecto parece ir de encontro a uma questão central do jornalismo: apresentar ao público os fatos considerados mais importantes da nossa sociedade, independente do momento (tempo) em que se deram, ou do lugar (espaço) em que ocorreram (TRAQUINA, 2008). Ao manusear uma matéria-prima tão imprevisível como são os acontecimentos, os jornalistas precisam adotar estratégias em suas rotinas profissionais que tornem possível efetuar o compromisso diário de informar os cidadãos (TUCHMAN, 1983). Dessa forma, as imagens de câmeras de vigilância acabam por serem mobilizadas no processo de produção noticioso, auxiliando os meios de comunicação a cumprirem sua tarefa informativa diária, além de contribuírem na revigoração de conceitos/ideologias inerentes à tribo jornalística, tais como a imparcialidade, o imediatismo, o espelhamento da realidade e o furo jornalístico. Temos assim os flagrantes oriundos dos equipamentos de videomonitoramento “rivalizando” com as imagens profissionalmente produzidas pelas emissoras de televisão na composição dos noticiários (ANDRADE, 2018). É partindo destas questões que temos buscado avançar em nossa pesquisa, discutindo o uso das imagens de câmeras de vigilância no processo de produção noticioso em um telejornal cearense (CETV 1ª Edição). Uma das questões centrais da pesquisa está em compreender os motivos para que haja essa apropriação por parte dos veículos informativos, bem como as transformações que o uso deste tipo de conteúdo imagético tem provocado na produção da notícia. Aliado a isso, procuramos efetivar um debate acerca das práticas de vigilância em nossa sociedade. Ou seja, não se trata apenas de apontar, como um dado quantitativo, o uso corriqueiro das imagens de videomonitoramento no telejornalismo, mas também de investigar e destacar os elementos que têm ajudado a sedimentar as ações da chamada cultura da vigilância (LYON, 2018) nos dias atuais. Entendemos assim que há em nosso ambiente social práticas e discursos que contribuem tanto na diversidade

dos aparatos tecnológicos colocados à nossa disposição, quanto na ampliação de medidas legais que sustentam a atuação de tais dispositivos de visibilidade (KANASHIRO, 2008; FIRMINO, 2013). Esses aspectos são importantes para a pesquisa em desenvolvimento e merecem ser observados com atenção. Vale destacar, por último, e conforme exposto no título do presente resumo, que as margens do visível estão em transformação em nossa sociedade, ampliando, consequentemente, as fronteiras ou o ângulo de visualização do telejornalismo. Isso quer dizer que em virtude do conteúdo gerado por este intenso regime escópico pautado em modelos de visibilidade incessantes, tem sido viável para a instância jornalística publicizar acontecimentos que em outras situações não se tornariam de conhecimento público. E não só isso. Se por um lado estamos acostumados a ver muitos acontecimentos sendo trabalhados, pela instância jornalística, a partir de indícios do fato ocorrido, ou seja, de uma ação que está sendo reconstituída; com as imagens capturadas pelas câmeras de vigilância e exibidas nos telejornais, temos acesso a uma espécie de *real time*, no qual acompanhamos não os indícios passados, mas o próprio acontecimento presentificado, revelando novas margens do visível.

Palavras-chave: Telejornalismo; Vigilância; Produção noticiosa; Visibilidade.

Desinfodemia no Brasil: o avanço de desinformações sobre coronavírus

Girliani Martins da Silva¹

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar o avanço de desinformações sobre o coronavírus no Brasil (desinfodemia) e os seus efeitos. O negacionismo científico, as teorias da conspiração e a desacredibilização do trabalho da imprensa são alguns dos fatores que têm prejudicado o combate à pandemia no país e o acesso a informações corretas. De acordo com um estudo da Avaaz, 110 milhões de pessoas acreditam em, pelo menos, uma *fake new* (notícia falsa) sobre a doença: uma média de 7 a cada 10 brasileiros. Atualmente, o Brasil ocupa o segundo lugar em número de casos e mortes por coronavírus no mundo, perdendo apenas para os EUA. O conteúdo desinformativo e as *fake news* são propagadas, principalmente, em redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, além do *WhatsApp*, através de apelo emocional, medo, fanatismo político/ideológico, má-fé, desconhecimento da realidade, entre outros. A problemática expõe a importância do trabalho jornalístico e a urgência do acesso a informações apuradas com cuidado e profissionalismo. A desinformação disseminada em redes sociais e aplicativos de mensagens tem como características o conteúdo envolvente, muitas vezes, dramático, e facilmente assimilado. É na linguagem da informação que o novo imaginário encontrará sua matriz discursiva, mas será na linguagem do melodrama que serão geradas as chaves do novo discurso informativo (BARBERO, 1997). Todavia,

¹ girliani.jornalista@gmail.com

antes de falarmos sobre notícia falsa isoladamente, é necessário compreendermos que se trata de um ecossistema de informações dividido em três elementos: os diferentes tipos de conteúdo que estão sendo criados e compartilhados, motivações de quem cria esse conteúdo e formas como esse conteúdo está sendo disseminado (WARDLE, 2017). Com a popularização das redes sociais, o jornalismo passou a dividir espaço também com páginas que se classificam como informativas. É viável destacar que dividir o espaço não é o problema. A questão central está na contestação da ciência e do status de informação verificada, isto é, produzida, de fato, por repórteres. A descredibilização da imprensa, especialmente, ganhou força nas eleições de 2018, protagonizada por Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL na época). Para enaltecer o discurso do candidato do PSL, bolsonaristas passaram a acompanhar páginas e sites que contrapunham o que era divulgado pela mídia tradicional, entre eles, estavam Terça Livre, Jornal da Cidade, O Antagonista, entre outros, com centenas de seguidores no Facebook. Vários destes procedimentos distorcivos não são exclusivos dos chamados sites de notícias falsas e têm sido empregados também pela grande imprensa na forma de informação de combate (ORTELLADO, MM RIBEIRO, 2018). Após a vitória de Bolsonaro, a hostilidade e agressões aos jornalistas cresceram nos últimos anos. O último relatório divulgado pela Federação Nacional dos Jornalistas, em 2019, registrou um aumento no Brasil de 54% de ataques a esses profissionais em relação a 2018. Ao todo, foram 208 ataques, sendo 114 relacionados à descredibilização da imprensa e 94 agressões diretas. Sozinho, o presidente Jair Bolsonaro foi responsável por 58% destes ataques, chegando a 121 casos, tornando-se, portanto, uma ameaça à liberdade de imprensa. A desinformação em geral reduziu a confiança nos meios de comunicação em uma ampla gama de países, além disso, o conteúdo é sutilmente mascarado e manipulado para parecer convincente (BENKLER, 2018). O trabalho constatou que ao disseminar conteúdo falso pode haver superlotação das unidades de saúde, falta de produtos nas prateleiras de supermercados,

como aconteceu no início da quarentena, e até mesmo riscos à saúde, uma vez que houve procura acentuada nas farmácias por hidroxicloroquina, apontada na época como possível tratamento para a doença. Porém, a gravidade da situação não impede que o presidente Bolsonaro ridicularize a doença, seja por meio do negacionismo da ciência, omissão de dados do Ministério da Saúde ou desqualificação do trabalho da imprensa. Ao longo desses meses, bolsonaristas reforçam diversas *fake news*, como o uso eficaz de hidroxicloroquina, exagero de mortes por COVID-19 e o retorno à normalidade por meio da imunidade de rebanho, mesmo com todas as evidências científicas mostrando o contrário. A desinfodemia dificulta o acesso às informações verdadeiras. O consumo de desinformação acontece, muitas vezes, sem questionamento crítico. Desse modo, as pessoas somente leem a notícia ou o *post* superficialmente e compartilham, sem qualquer filtro de checagem ou responsabilidade. Quando o presidente e seus apoiadores refutam a ciência e questionam a veracidade das notícias publicadas nos principais meios de comunicação, prestam um desserviço à população. Além de questionarem, criam narrativas falsas e teorias conspiratórias, algo que pode gerar insegurança e caos.

Palavras-chave: Desinformação. *Fake news*. Coronavírus. Negacionismo da ciência.

O uso de um game contra *fake news*: uma pesquisa-ação no ensino médio

Wagner Silva de Oliveira¹
Universidade Estadual de Campinas

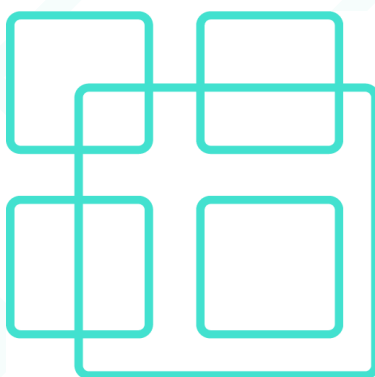
Este trabalho de iniciação científica, inserido dentro do campo de estudos da Linguística Aplicada e em consonância com a linha de pesquisa “Informação, comunicação, tecnologia e sociedade” do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, tem como objetivo avaliar o uso de um *game* criado para combater *fake news* como estratégia de letramento digital no ensino médio. Para isso, propõe a utilização do *game Bad News* (getbadnews.com) a fim de ajudar alunos do ensino médio de escola pública da cidade de Campinas-SP a entenderem o mecanismo de construção e disseminação das *fake news*, buscando descobrir se essa experiência por meio do jogo é capaz de torná-los mais críticos na hora de reconhecer uma notícia falsa. Sua justificativa se ampara na relevância que o fenômeno de disseminação das *fake news* adquiriu no cenário atual que estamos vivendo. Com a revolução tecnológica pela qual vimos passando nas últimas décadas, os cidadãos deixaram de ser consumidores passivos de notícias, como meros receptores da mídia tradicional, e se tornaram disseminadores e produtores ativos de informação. No Brasil, por exemplo, a internet alcançou uma penetração de 71% em 2020, o que representa mais de 149 milhões de brasileiros usuários de internet, de acordo com o relatório *Digital in 2020*, elaborado pela *We are social* em parceria com a *Hootsuite*. Desse expressivo montante, pelo menos 140 milhões são usuários ativos

¹ w179287@dac.unicamp.br | FuturoRP@live.com

de redes sociais. Além disso, segundo um dos mais importantes estudos sobre consumo de notícias no mundo, o *Digital News Report* de 2019, do *Reuters Institute*, 53% dos brasileiros leem notícias online por meio do WhatsApp, enquanto 54% o fazem pelo *Facebook*. Esse mesmo estudo aponta ainda que 58% dos usuários nacionais compartilham notícias por meio das redes sociais. Diante de todo esse cenário, fica a questão de como as informações têm sido replicadas. Muitas vezes, sem uma leitura crítica e imbuídos pela facilidade característica do meio online para compartilhar mensagens, os usuários se tornam instrumentos para a disseminação das *fake news*. Foi o que ocorreu, por exemplo, no ano eleitoral de 2018 no Brasil, quando as notícias falsas tiveram um papel significativo na eleição do atual presidente, Jair Bolsonaro. Segundo pesquisa realizada pela *IDEA Big Data*, analisando as redes *Facebook* e *Twitter* em outubro de 2018, mais de 98% dos eleitores do então candidato à presidência tiveram contato com uma ou mais notícias falsas durante a eleição, e mais de 89% acreditaram que tais *fake news* eram verdadeiras. Assim, o aparato teórico deste trabalho se apoia em Kai Shu *et al* (2017) para entender que as *fake news* se caracterizam por se basearem em fundamentos psicológicos e sociais, contando com contas falsas e um sistema de “câmara de eco”, que possibilitam uma forma de propagação vertiginosa pela rede. Em relação aos tipos de *fake news* existentes, Sharma *et al* (2019) faz essa classificação em: *misinformation* (quando os usuários replicam a informação sem a intenção de desinformar) e *disinformation* (quando se trata de usuários que propagam falsas informações intencionalmente). Dessa forma, a prática do letramento digital, a fim de desenvolver uma capacidade de leitura crítica nos usuários de redes sociais, pode ser um caminho para lidar com esse cenário desafiador, e o uso de um game é uma das maneiras possíveis de se fazer isso no ambiente escolar. Como apontam Urban *et al* (2018), “um videogame, com sua capacidade de simular um ambiente e mostrar relações de causa e efeito, é um meio apropriado para alcançar este objetivo” (p. 179). Por isso, a metodologia deste trabalho se baseia na pesquisa-

ação, do tipo qualitativo e com caráter participativo (COUTINHO, 2011), cuja aplicação será realizada com dez estudantes voluntários de escola pública, residentes à cidade de Campinas-SP e matriculados no cursinho popular TRIU, do qual o autor deste projeto faz parte e atua como professor de língua portuguesa há três anos. Os participantes jogarão o *Bad News*, game que já foi visto como efetivo por uma pesquisa na Universidade de Cambridge, em 2018, para desenvolver “anticorpos mentais” nos seus jogadores, e responderão um questionário antes e após o jogo, visando a avaliar se essa experiência os ajudou a reconhecerem melhor as *fake news*. Além do questionário, também compõem a metodologia o uso de diário de campo e de um software específico para gravar as telas dos computadores dos jogadores. Por fim, os dados obtidos por meio desses três instrumentos serão triangulados numa análise crítica, a fim de propor intervenções no espaço escolar que possam desenvolver nos alunos a criticidade necessária ao lidar com *fake news*, conforme os resultados obtidos na pesquisa. Vale destacar que, no cronograma deste trabalho, a aplicação da pesquisa está prevista para o mês de setembro de 2020, com resultados parciais esperados para meados de outubro.

Palavras-chave: *fake news*, letramento digital, ensino médio, game.



SESSÃO 2

QUARTA-FEIRA, 7 DE OUTUBRO, 10h

A divulgação científica nos primeiros três meses: Análise de dois perfis do Twitter durante a pandemia de COVID-19

Amanda Toledo do Prado Paes¹

Luisa Massarani²

Vanessa Brasil de Carvalho³

Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz

RESUMO: Este trabalho faz parte da pesquisa que está sendo desenvolvida para dissertação do mestrado que tem como meta analisar a repercussão de informações sobre o novo coronavírus e a doença causada por ele, COVID-19, no Brasil e no mundo, por meio da análise de perfis da rede social Twitter. Nosso objetivo é analisar dois perfis que podem ser considerados fontes confiáveis de informação sobre o tema do novo coronavírus e que também tratam de duas dimensões diferentes da pandemia. A primeira seria a divulgação da ciência de forma mais específica, a partir de dados de contágio, mortes, situações nos países em relação aos dados da doença, que é o caso do perfil da Organização Mundial de Saúde (@WHO). A outra dimensão é mais social, que discute como a pandemia está afetando o cotidiano das pessoas comuns, aquelas que não estão envolvidas diretamente com a dimensão científica da doença, como é o caso do perfil Twitter Moments Brasil (@MomentsBrasil), que é uma ferramenta de informação do próprio Twitter. Analisamos os três primeiros meses de 2020 de cada perfil, buscando observar diferentes estágios

¹ amanda.tp.paes@gmail.com

² luisa.massarani7@gmail.com

³ vanessabrasilcarvalho@gmail.com

de comunicação do novo coronavírus entre os perfis, verificando desde quando ainda era uma suspeita de um novo tipo de pneumonia em janeiro até o pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro em março. Este período seria a primeira fase da pandemia, uma fase de descoberta e primeiras ações que foram essenciais para fundamentar ações nos meses seguintes. Assim, foi realizada uma análise de discurso a partir de uma coleta manual (*printscreens*) de *tweets* do perfil da OMS e dos *moments* (compilado de tweets feito por uma equipe do Twitter Brasil) do perfil Twitter Moments Brasil do período de janeiro a março de 2020. A partir da análise dos dados coletados foi possível notar que esses dois perfis refletem a noção de que a ciência não está isolada e separada da sociedade. As pesquisas e as descobertas sobre o novo coronavírus atingem toda a sociedade: ela está na discussão do uso de máscara ou se eventos esportivos devem ser cancelados, ela está nos telejornais ensinando a lavar as mãos e meios de se prevenir de pegar a doença etc. Latour (1994) já havia observado isso ao notar o hibridismo presente nos jornais que lia, que misturavam num mesmo artigo, por exemplo, a discussão entre especialistas e políticos sobre o aquecimento global. Da mesma forma, Vogt (2006) percebe que, em uma sociedade integrada, o desenvolvimento científico é um processo cultural e está presente em todas as dimensões, desde a produção científica até a sua difusão entre o público. As estratégias de divulgação científica, no período atual, não se limitam a um espaço específico para ações de divulgação, mas estão ocorrendo a todo momento em todas as mídias imagináveis, como TV, internet, rádio etc. No caso da pandemia de COVID-19, a divulgação científica está ocorrendo não apenas pelos locais de ciência nos modelos online ou offline, como ocorre com a instituição da OMS e seu perfil online, mas também está em perfis do público geral e para o público geral, como o Moments Brasil, além da cobertura jornalística em mídia tradicional. De modo geral, os resultados parciais dessa pesquisa apontam uma defasagem na preocupação do Brasil em se preparar para um possível primeiro caso de COVID-19 no país, sendo que

o crescimento de notícias e discussões sobre só realmente surge após o primeiro caso importado, mesmo tendo suspeitas de casos desde o mês de janeiro. É no mesmo período em que ocorre no Brasil a mudança de comportamento em relação à preocupação com o coronavírus com o primeiro caso que também ocorre o crescimento de casos em novos países, o que caracteriza a troca de epicentro da doença para a Itália e uma característica mais global da contaminação, atingindo o nível de pandemia. A partir desse período o perfil Moments Brasil se junta ao perfil da OMS para divulgar informações como dados científicos e meios de prevenção, além de checagem de fatos sobre supostas *fake news* que estão circulando pelas redes e, diferente do perfil da OMS, divulga debates acerca das consequências que a pandemia está tendo na sociedade como um todo, como cancelamento de eventos e a necessidade de trabalhadores de aplicativos continuarem trabalhando nas ruas durante o isolamento social.

Palavras-chave: Divulgação Científica. COVID-19. Redes Sociais.

Cartografando controvérsias: a rede formada em torno da Amazônia no Youtube entre agosto e setembro de 2019

Aldemir Oliveira¹

Leda Gitahy²

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Neste estudo investigamos a rede de atores formada em torno da Amazônia no *Youtube* entre agosto e setembro de 2019. Durante esse período o tema “Amazônia” ocupou posição de destaque na imprensa e nas mídias sociais em decorrência dos incêndios que estavam ocorrendo na floresta amazônica e em outros biomas brasileiros. Nosso objetivo foi mapear os principais atores, narrativas e controvérsias que constituíram a rede formada naquele período. Para realização deste trabalho nos apoiamos na abordagem da etnografia digital com aporte teórico da Teoria Ator-Rede. A escolha do *Youtube* se deve ao fato de ser a mídia social mais acessada por brasileiros atualmente (DataReportal, 2020), influenciando a percepção pública a respeito de problemas ambientais e outros temas de interesse coletivo. Em meio ao contexto de embates políticos acerca dos desastres ambientais da época, o *Youtube* se tornou palco de disputas entre diversos grupos de interesse que se posicionaram a respeito do tema. Assim sendo, buscamos identificar quem eram os principais atores envolvidos no compartilhamento de vídeos sobre a Amazônia e as controvérsias presentes em suas narrativas. Também cabe ressaltar que as plataformas digitais trazem consigo a mediação de atores não humanos

¹ aldemir@protonmail.com

² leda@unicamp.br

que atuam de forma simultânea as ações realizadas pelos usuários das mídias sociais. Tais atores, ou actantes, influenciam na disseminação de narrativas que emergem nos ambientes virtuais, afetando a percepção pública a respeito de qualquer tema que tenha se tornado centro de disputa entre grupos de interesse. Nesse sentido, consideramos que os principais atores não humanos que influenciam a disseminação de narrativas dentro da plataforma *Youtube* são os algoritmos de recomendação, que indicam quais são os vídeos mais apropriados para cada usuário com base no histórico de navegação e em dados demográficos. Contudo, uma das problemáticas que envolvem a investigação desses atores é a opacidade dos algoritmos, pois os mesmos são propriedades intelectuais das empresas e estão em constante transformação (RIBEIRO, 2019). Por isso nos voltamos para a análise dos dados estatísticos gerados a partir dos recursos de interação do usuário (botões de ‘Gostei’, ‘Não Gostei’, ‘Inscrição no canal’, caixa de comentários) com os conteúdos disponíveis na plataforma, interferindo nos cálculos realizados pelos algoritmos. Portanto, devido a capacidade de influenciar a recomendação de conteúdos e, consequentemente, a percepção dos usuários, os dados estatísticos são o foco da análise entre os atores não humanos da rede formada em torno da Amazônia no *Youtube* entre agosto e setembro de 2019. Desse modo, as interações que ocorrem no ambiente virtual do *Youtube* juntamente com os comunicadores digitais e agentes externos formam uma rede heterogênea entre actantes de diferentes naturezas. Tais características justificam a escolha da Teoria Ator-Rede enquanto abordagem teórico-metodológica de acesso ao campo, pois leva em consideração a agência dos diferentes atores e dos movimentos que conformam a rede. Também buscamos identificar os pontos de interesse conflitantes da rede através da Cartografia de Controvérsias. Pensada originalmente por Bruno Latour (2007) ao estudar as controvérsias tecnocientíficas, o desafio da Cartografia de Controvérsias é organizar as informações de modo a permitir a exposição dos interesses associados a diferentes coletivos que almejam o estabelecimento de uma ideia ou aparato

tecnológico frente a outros existentes. De acordo com André Lemos (2013c), essa metodologia nos ajuda a desenhar um quadro em que podem ser descritos os diversos posicionamentos dos grupos de interesse, identificando o papel dos actantes humanos e não humanos. Para a delimitação da rede analisada optou-se por selecionar uma amostra com os principais vídeos publicados durante o período, de modo que selecionamos aqueles que obtiveram mais de 500 mil visualizações e que continham a palavra-chave “Amazônia” em seus títulos. O levantamento dos dados ocorreu no dia 4 de novembro de 2019, e corresponde a uma série de vídeos e dados subjacentes publicados no *Youtube* entre os dias 19 de agosto e 12 de setembro de 2019. Desse modo, a amostra foi composta por 17 vídeos, totalizando 5h48min de material audiovisual. Os dados subjacentes dos vídeos coletados foram: título do vídeo; data de publicação; canal de publicação; nº de visualizações; nº de comentários; nº de gostei; nº de não gostei; nº de inscritos no canal de publicação. A partir da análise dos dados, identificação e descrição dos atores da rede foi possível evidenciar algumas controvérsias que envolvem a Amazônia no *Youtube*. Dentre as controvérsias presentes na rede é possível mencionar a autenticidade dos dados divulgados por instituições científica sobre o aumento das queimadas, a autoria dos incêndios criminosos na floresta e o interesse de potências estrangeiras na Amazônia.

Palavras-Chave: Amazônia. Algoritmos de recomendação. Controvérsias. Teoria Ator-Rede. *Youtube*.

Relações, afeto e contínuo movimento: modos de funcionamento da propaganda política digital

Maria Cortez Salviano¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Somos condicionados por um sistema, ou agimos de forma autônoma? A questão que parece atravessar diversas áreas do conhecimento, sob as mais variadas roupagens, é também uma trama importante neste trabalho. Aqui, interessam-nos especialmente as tensões entre a estrutura técnica digital e as possibilidades de significação e criação coletiva, e é a partir de um lugar a princípio paradoxal que buscamos analisar os modos de funcionamento da propaganda política computacional feita pela nova direita brasileira. Em pesquisas sobre dinâmicas de poder online, já se tornou clássica a menção à modulação, termo que ganhou força após ter sido usado por Deleuze (1992) para se referir à forma como o poder seria exercido nas sociedades de controle: maleável, adaptando-se a variadas especificidades e agindo no espaço aberto. Tal dinâmica se reforça a partir da geração, coleta e análise de dados em larga escala (o chamado big data), com as quais seria possível ter amplo conhecimento sobre movimentos que ocorrem no e por meio do online e, via algoritmos cujo funcionamento desconhecemos por inteiro, modular os fluxos digitais (como destaca Zuboff, 2019). Com o aumento do uso de robôs em campanhas políticas digitais e escândalos que envolvem dados pessoais e disparo em massa de *fake news* (como o caso Cambridge Analytica, relacionado à campanha de Trump à presidência dos Estados Unidos e ao Brexit, ou as acusações de uso irregular de

¹ maria.salviano@gmail.com

WhatsApp para propaganda pró-Bolsonaro durante as eleições brasileiras de 2018), as relações entre uso da técnica e campanhas políticas tornaram-se mais delicadas, uma vez que pareceu ser possível condicionar escolhas a partir do bombardeamento de mensagens frequentemente sensacionalistas, distorcidas ou falsas. Diante de um cenário de fortalecimento da extrema direita e grande circulação de discursos de ódio, a democracia e uma série de conquistas sociais parecem estar em risco. No entanto, até que ponto de fato uma eleição pode ser definida por algoritmos e robôs? Já sabemos que os caminhos digitais não são trilhados de forma completamente autônoma pelos usuários da Internet; porém, suas escolhas e construções políticas poderiam ser totalmente condicionadas pela técnica, ou há outras relações em jogo? É nesta tensão que se localiza este trabalho. Simondon (2020 [1958]) permite pensar em uma saída para a dicotomia a partir de uma filosofia que dissolve dualidades estanques como forma/matéria, sujeito/objeto, ou indivíduo/meio (BARDIN, 2019), e que se interessa pelos processos (contínuos) de constituição das existências (COMBES, 1999), que são sempre relacionais. Na proposta filosófica do autor francês, a ideia de informação é central: não é algo definido como tal *a priori*, mas um processo que simultaneamente age e transforma o sistema, uma operação de mediação entre realidades díspares que cria novas estruturas. Para Simondon (2020 [2010]), informação é “a operação de uma coisa ingressando num sistema, e nele produzindo uma transformação”, a partir dos potenciais contidos ali. Se entendermos a propaganda política como um processo informacional, é possível se perguntar que potenciais estariam sendo mobilizados no receptor de forma a contribuir para o “sucesso” de certas mensagens, ainda que possam conter dados falsos ou distorcidos. Uma das possibilidades é a ideia de afetos, especialmente porque, para Simondon (2020 [1958]), a principal trama em que se constrói a coletividade seria a afetivo-emotividade. O autor também aponta que é neste âmbito que se constitui o sujeito e o coletivo, simultaneamente. Assim, olhar para os afetos que estariam sendo mobilizados em mensagens políticas

com grande volume de compartilhamento em redes sociais poderia ser uma chave interessante para o entendimento de processos como o crescimento da extrema direita ou a polarização política. Neste sentido, escolhemos trabalhar com a propaganda feita pelo Movimento Brasil Livre (MBL) durante as eleições de 2018. À época, o grupo, além de ter alguns membros como candidatos a cargos legislativos, apoiava a campanha de Jair Bolsonaro à presidência e foi ator importante em sua divulgação. Dessa forma, coletamos as publicações relativas ao MBL no Twitter entre 16 de agosto e 28 de outubro de 2018 (o período oficial de propaganda eleitoral naquele ano), selecionando aquelas que tiveram maior circulação como foco da análise. No montante, é interessante notar, entre outras características, que a principal força do grupo foi a crítica a seus oponentes: suas mensagens tiveram um volume de compartilhamento muito maior quando atacaram seus rivais (de forma geral, candidatos de esquerda ou ideias associadas a este lado do espectro político) do que quando endossaram seus pares ou divulgaram suas próprias propostas. A análise de tais publicações a partir dos elementos que podem ter funcionado como mobilizadores de afetos, e norteadas principalmente por uma filosofia que permite jogar luz sobre o contínuo processo de construção de um coletivo que não está dado, portanto, pretende contribuir para os debates sobre as relações entre humano e técnica, especialmente no que se refere a democracia e Internet.

Palavras-chave: Propaganda política digital. Eleições 2018. Nova direita brasileira. Filosofia da técnica.

‘Como uma viagem a um país estranho’: discursos e performances anti-capitalismo no Youtube

Suzana Correa Petropouleas¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Este trabalho busca analisar, através de etnografia digital, a produção de conteúdo de dois populares canais sobre política da plataforma de compartilhamento de vídeos *Youtube*, chamados Tese Onze e Tempero Drag. Produzidos por criadores de conteúdo brasileiros e anticapitalistas, minoria numa plataforma dominada por produção de conteúdo capitalista, neoliberal e conservador (LEWIS, 2018; RAMOS, 2018; LEDWICH, 2019; CEA, 2017), eles ilustram o crescimento do serviço de vídeos como espaço de divulgação, disputa e democratização política. Criado em 2005 na Califórnia, Estados Unidos, o *Youtube* permite a criação e o *upload* gratuito de material audiovisual por qualquer usuário e tornou-se um dos mais importantes locus online de expressão e influência política da sociedade atual (MARINHO, 2019). É, também, parte do conglomerado de tecnologia de faturamento multibilionário *Google LLC*. Em 2020, a empresa divulgou que a plataforma de vídeos obteve US\$ 15,1 bilhões em receitas publicitárias no ano anterior, com alta de 35,8% em relação a 2018. Nos interessa, portanto, entender como estes produtores de conteúdo que se autodenominam anti-capitalistas (ou “anti-cap”) militam politicamente contra o capitalismo numa plataforma que é essencialmente fruto e parte constituinte e fundamental do capitalismo neoliberal no atual estágio da cibernética ocidental. Assim, a análise etnográfica destes

¹ suzana.petropouleas@gmail.com

nos permite tentar compreender quem são, como articulam narrativas contra-sistêmicas na plataforma, como veem seu próprio trabalho e interação entre si e com seu público, de que maneira opõem-se diretamente ao muito maior e mais volumoso grupo de “influenciadores” digitais que defendem e reproduzem o status quo capitalista e como interpretam as limitações que a própria plataforma impõe às suas atividades nesta. A metodologia adotada consiste sobretudo nas diretrizes da antropologia interpretativa de Clifford Geertz (1973), bem como contribuições de autores que debatem as possibilidades de transposição da prática etnográfica tradicional para espaços digitais, como Hine (2004;2015). Para a interpretação dos fluxos de discurso social destes sujeitos analisados em contexto, utilizamos aparato teórico baseado principalmente nos trabalhos de Eric Wolf (1999), antropólogo marxista que contribuiu para relevantes análises etnográficas sobre a América Latina e as profundas relações entre ideias, cultura e estruturas de poder. Para o autor, tanto ideias como sistemas de ideias são monopolizadas por grupos de poder e sua variabilidade encontra limitações justamente nas estruturas de poder que circundam e contém as relações sociais. Wolf analisa como o poder estrutural constituído opera contextualmente para controlar conflitos entre tradição e variabilidade de discursos, bem como para controlar possíveis disrupções. As contribuições de Wolf nos permitem, dessa forma, observar as limitações do trabalho dos sujeitos analisados nesta plataforma, que é agente operante do poder e controle algorítmico infocapitalista, e suas relações conflituosas com a mesma, bem como relacioná-las com a macroestrutura de poder que permeia seus discursos e performances. No recorte selecionado para este trabalho, analisamos especificamente duas composições audiovisuais em que as autoras dos dois canais analisados promovem a divulgação de conceitos e autores das ciências sociais e humanas enquanto discursam sobre precarização do trabalho, uberização da economia (ROSENBLAT, 2018) e direitos do trabalhador. Os resultados ainda parciais da análise etnográfica evidenciam, em ambos, a presença de discursos pautados na inevitabilidade

da necessidade de mudança social estrutural como recurso recorrente de persuasão da audiência, aliado à noção subjacente da radicalidade e intransigência como conceitos considerados positivos e necessários pela comunidade anti-cap da qual as criadoras de conteúdo fazem parte. Além disso, enquanto os critérios de sucesso de audiência de canais de extrema-direita no *Youtube*, detalhados por Lewis (2018), baseiam-se na auto-identificação de seus criadores com uma suposta contra-cultura conservadora e em sua publicização como fonte alternativa de informações (em oposição a grande imprensa, que enfrenta uma grande crise de representatividade perante esse público), os conteúdos analisados neste trabalho valem-se de estratégia oposta. Oferecem para a audiência uma estética estritamente dentro dos padrões normativos e com diversas referências da cultura pop para entregarem discursos que, para além do formato colorido e irreverente de seus canais, subvertem as expectativas e propõe mudanças sociais e críticas radicais acerca desses próprios padrões. A apresentação e formato de seus conteúdos parecem formar uma antítese das teses que defendem, num movimento que ainda assim — e talvez justamente por isso — consegue articular o engajamento e aceitação de suas mensagens pela audiência, refletida por um aumento expressivo de seu volume observado no último ano. Ao fazê-lo, articulam a importância do simbólico nas construções ideológicas e divulgam conceitos e discussões ainda pouco recorrentes na plataforma, através de performances e discursos que objetivam uma transformação na vida política e que são, em si, ‘como uma viagem a um país estranho’ (GEERTZ, 2008, p. 125), um mergulho num espaço digital onde novos quadros simbólicos desenham-se em relação e em oposição ao que antes era familiar.

Palavras-chave: Antropologia social. Política. *Youtube*. Produção de conteúdo.

Notícias falsas como artifício de difamação: *Fake news* de temas sexuais como estratégia conservadora no contexto das guerras culturais

Gustavo Bianchini ¹
Universidade de São Paulo

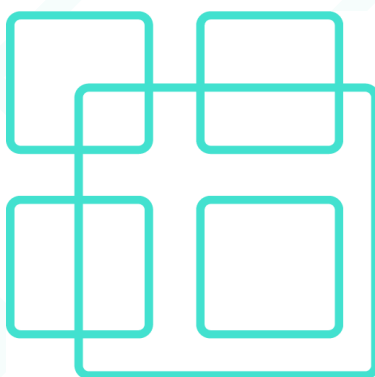
RESUMO: Este trabalho tem como objetivo estudar as postagens falsas em sites e redes sociais que buscam associar grupos e pessoas à crimes e temas sexuais como artifício de difamação. O uso político de notícias falsas sobre estupros, pedofilias e a ofensiva de relacionar estes crimes a minorias, como negros, judeus, homossexuais e transsexuais não é recente em nossa história. A produção de desinformações faz parte de uma estratégia de criação de atmosfera de crise, ameaça e pânico moral e favorece populistas conservadores (Wacquant 2009), estando presente no contexto das guerras culturais (Hunter, J. 1991) e sendo utilizada por grupos de direita e religiosos como forma de moralidade sexual (Morone, J. 2004). Governos fascistas e grupos conservadores se utilizam desta forma de conspiração a anos, a Alemanha Nazista buscava relacionar estupros aos Judeus (Stanley J. 2018), já nos Estados Unidos a estratégia de acusar falsamente negros de estupro vem sendo utilizada por muitos anos (Davis A. 2016), desde a *Ku Klux Klan* até os dias de hoje. Este processo vem se intensificando nos últimos anos, através do advento da internet e dos recursos dela provenientes, os fluxos de comunicação e informação foram modificados, barreiras foram encurtadas e relações sociais sofreram significativas alterações. Vozes de pessoas comuns passaram a fazer frente às de instituições já estabelecidas, grupos antes praticamente ignorados passaram a ser ouvidos e o processo

¹ gustavo@bianch.com.br

democrático vive uma transformação irreversível. Não é mais necessário um governo fascista ou uma grande organização para que esse artifício seja utilizado com êxito por conservadores; Jacob Blake, baleado sete vezes por policiais em agosto de 2020 foi alvo de notícias falsas, vinculando seu nome com um suposto mandado de prisão por estupro, em fóruns na internet e sites de notícias falsas. Já no Brasil estratégia semelhante é usada por grupos conservadores contra críticos e adversários ideológicos nas guerras culturais, buscando difamá-los e, mesmo que não convençam o mundo de que aquela notícia é verdadeira, conseguem conectar o nome de seu alvo com pedofilia ou estupro (Benkler, Y. 2018) ou outro comportamento considerado negativo por parte do público. Nas eleições de 2018, o nome de Fernando Haddad foi associado ao “Kit Gay”, “Bolsa Travesti” e o meme da “Mamadeira Erótica”, antes disso Olavo de Carvalho associou Caetano Veloso à pedofilia e o MBL conseguiu encerrar a exposição *Queer* Museu ao conectá-la com pedofilia e zoofilia, servindo inclusive como base para um projeto recente no Distrito Federal que visa impedir nudez em expressões artísticas e culturais. Já em 2020, o *youtuber* Felipe Neto, os movimentos feministas e LGBTQI+ foram alvos de *fake news* sobre um “plano” de introdução à pedofilia através da ideologia de gênero, conspiração importada de fóruns norte-americanos e adaptada ao contexto brasileiro. É importante ressaltar que essas associações não são realizadas apenas com crimes mas também com questões consideradas negativas por parte da sociedade, atribuições com aborto e ideologia de gênero em sites religiosos, jornais de grande circulação e páginas do *Facebook*, por exemplo, se tornaram mais frequentes nos últimos anos, com picos em períodos eleitorais e em fluxo crescente após as manifestações de 2013 (Gomes, C. 2020). Considerando o atual contexto político social, capilaridade e capacidade de mobilização dos usuários de redes sociais, essa tática tem um grande potencial em uma estratégia de des-democratização do Brasil, conforme ocorrido nos Estados Unidos nas últimas décadas (Brown, W. 2006). Para esta investigação será realizada uma revisão

bibliográfica e análise de sites e páginas/perfis de redes sociais de grande importância no contexto brasileiro, desde as manifestações de 2013, da utilização desta ofensiva em alvos políticos/ideológicos por grupos conservadores. Buscaremos com esta pesquisa compreender o histórico recente do uso desta cruzada de difamação e associação, analisando a retórica adotada e investigando casos recentes de uso deste discurso.

Palavras-chave: Desinformação, Guerras Culturais, Internet, Difamação.



SESSÃO 3

QUARTA-FEIRA, 7 DE OUTUBRO, 13h

Ciência cidadã e meliponicultura: A divulgação científica como ferramenta no engajamento do cientista cidadão

Celso Barbieri¹
Sheina Koffler²
Tiago Mauricio Franco³
Universidade de São Paulo

RESUMO: OBJETIVO: Este trabalho como objetivo discutir a oportunidade de utilização da divulgação científica como ferramenta para o engajamento do público em pesquisas com ciência cidadã. **JUSTIFICATIVA:** Um cientista cidadão é um voluntário que coleta ou processa informações de parte de uma pesquisa científica (Silvertown, 2009). Embora observações de naturalistas amadores venham sendo importantes há séculos, projetos com ciência cidadã (*citizen science*) vêm aumentando desde a década de 2000, devido a possibilidade de acompanhar impactos sociais e ecológicos de grande escala através da internet (Lepczyk *et al.* 2009). Atualmente cientistas amadores e profissionais têm acesso a um crescente número de ferramentas para explorar mudanças na fenologia, distribuição, abundância relativa, sucesso reprodutivo de organismos ao longo do tempo e do espaço. **APARATO TEÓRICO:** Neste processo, a utilização de ciência cidadã tem influenciado tanto a escala das pesquisas, quanto a relação entre os pesquisadores e o público (DICKINSON *et al* 2010). A utilização de aplicativos digitais tem efetivamente

¹ celso.barbieri@usp.br

² sheinak@gmail.com

³ tfrancoy@usp.br

incentivado a participação coletiva para a coleta de informações através de grandes regiões geográficas, oferecendo oportunidades para que os participantes forneçam, ganhem acesso e até interpretem as informações obtidas coletivamente. Esses projetos vêm ganhando adesão da população pelo mundo todo, possibilitando a obtenção de cada vez mais dados sobre a biodiversidade global, bem como aproximando os cidadãos da construção do conhecimento sobre biodiversidade. De acordo com (Dunn *et al*, 2016) insetos oferecem maiores oportunidades para os cientistas cidadãos do que a maior parte dos grupos biológicos. Isso se deve, em geral, ao seu tamanho, que permite que sejam fotografados, por terem a sua coleta permitida (na maioria dos casos), além da grande quantidade de assuntos pouco estudados em relação a sua diversidade (e conseqüentemente quanto a suas interações ecológicas). No Brasil, as abelhas são responsáveis pela polinização de cerca de 80% das plantas cultivadas ou silvestres utilizadas na alimentação, sendo as polinizadoras exclusivas de 65% destas espécies (BPBES, 2019). De acordo com Wilcove (2010) determinadas espécies ou grupos de espécies obtém maior adesão da população em projetos de conservação. METODOLOGIA: Sabendo que as abelhas sem ferrão são um grupo considerado carismático por grande parte da população, especialmente os meliponicultores, criadores de abelhas sem ferrão, e que o tema possui grande demanda, elaboramos um curso de extensão a fim de suprir a necessidade de informações básicas sobre as abelhas para os participantes, e ao mesmo tempo engaja-los na validação de um protocolo de ciência cidadã. RESULTADOS e DISCUSSÃO: Foram oferecidas 240 vagas (180 vagas para criadores de abelhas e 60 vagas para público-geral). Fizeram pré-inscrição 2346 pessoas no sistema Apolo da USP, demonstrando interesse pelo curso. Essa alta procura indica uma demanda reprimida sobre esse tipo de conteúdo e motivou a disponibilização de todos os materiais do curso de maneira on-line, no canal do *YouTube* temático sobre meliponicultura, para aumento do alcance. Ao longo do curso, foram realizadas transmissões ao vivo para responder e discutir perguntas e

comentários dos participantes do curso, tanto dos inscritos oficialmente quanto dos que acompanharam externamente ao curso oficial. O módulo de ciência cidadã, oferecido ao final do curso, permitiu a aplicação do protocolo estruturado de monitoramento da atividade de voo por aproximadamente 150 pessoas, indicando que a disponibilização de informações científicas de forma acessível pode ser uma forma eficaz de aumentar o engajamento da população na participação em projetos de ciência cidadã relacionados à biodiversidade. Dessa forma, a divulgação científica em projetos de ciência cidadã é dada em duas vias, uma passiva pelo conteúdo consumido pelos cientistas cidadãos, e outra ativa, uma vez que ao executar os protocolos este se aproxima e tem a oportunidade de compreender melhor o método científico em si. Do ponto de vista dos pesquisadores que trabalham com ciência cidadã, é importante que os participantes tenham acesso aos resultados da pesquisa, para que compreendam como suas contribuições são úteis para o desenvolvimento da pesquisa e se mantenham engajados no projeto. Além disso, Pocock *et al* (2014) apontam que o treinamento prévio dos voluntários aumenta a qualidade dos dados coletados. Dessa forma podemos observar que a utilização de métodos de pesquisa em ciência cidadã podem colaborar não só para a coleta e análise de dados, mas também na difusão do conhecimento científico e no engajamento da população nos projetos de pesquisa, devendo-se sempre tomar os devidos cuidados em tornar o projeto, seu conteúdo e resultados acessíveis para todos os interessados.

Palavras-chave: Ciência Cidadã. Engajamento. Divulgação Científica. Abelhas sem Ferrão. Meliponicultura.

Construção dos conteúdos de Genética na educação formal: que demandas trazem os estudantes do ensino médio?

Vinícius Nunes Alves¹

Universidade Estadual de Campinas

Adriane Pinto Wasko²

Universidade Estadual Paulista

Marielly de Campos³

Universidade Estadual Paulista

RESUMO: Na escola, os professores são os principais responsáveis em motivar os estudantes a construir conhecimentos, propiciando um ambiente de aprendizagem dinâmica e significativa (Frison e Schwartz, 2002). No Brasil, o envolvimento de estudantes de ensino médio com a aprendizagem é um desafio, o que pode ser explicado por diversos fatores, como ausência de atividades inovadoras em sala de aula, infraestrutura escolar inadequada, excessivo número de estudantes por turma e baixa qualificação de professores. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica no país aponta um cenário preocupante para todas as disciplinas, especialmente no ensino médio. Dentre tais disciplinas, incluem-se as voltadas às Ciências da Natureza, cuja apropriação de conhecimentos básicos começa na escola e ajuda na cidadania dos jovens (Paleari, 2011). Assim, embora a Genética represente uma das áreas de maior crescimento científico no Brasil e no mundo (Griffiths *et al.*, 2016), seus conteúdos básicos presentes no ensino médio do Estado de São Paulo são considerados muito

¹ vinicius16na@gmail.com

² a.wasko@unesp.br

³ marielly.campos@unesp.br

interessantes pelos adolescentes, mas muito complexos para compreensão (Campos, 2019). Nesse contexto, investigamos a percepção de estudantes do ensino médio sobre conteúdos curriculares de Genética com maior dificuldade para aprendizagem. Consideramos que essa compilação de informações subsidia não somente atividades de popularização científica, como também consolida a universidade como instituição de pesquisa e extensão, auxiliadora na resolução de problemas de educação básica. Durante 2019, foram realizados levantamentos com estudantes do ensino médio de escolas públicas que fazem parte da Regional de Ensino da Cidade de Botucatu, SP, compreendendo 32 instituições. Levantamos os dados através de questionários aplicados com estudantes das três séries do ensino médio, seguindo as Normas do Sistema Plataforma Brasil, e cada estudante assinou um termo de consentimento livre e de esclarecimento. Perguntamos aos estudantes se já tinham tido contato com diferentes tópicos de Genética, se esse contato foi por aulas teóricas e/ou práticas, e se aprenderam ou não. Dentre esses tópicos, presentes no Currículo do Estado de São Paulo, estão: organização celular, mitose, meiose, estrutura do DNA e RNA, Leis de Mendel, genótipo, fenótipo, tipos de alelos, sistemas sanguíneos, heranças, mutações, síndromes genéticas, alterações cromossômicas, diversidade genética, fases da síntese proteica, clonagem, transgênicos, células-tronco e PCR (Reação em Cadeia da Polimerase). Em seguida, foram realizadas estatísticas descritivas de acordo com cada categoria de resposta. Dos 220 questionários distribuídos, 128 estudantes de 30 escolas da regional devolveram preenchidos. Para estudantes do primeiro e segundo anos do ensino médio, predominaram tópicos que não foram ministrados em aulas, como alelos, interações alélicas, interações gênicas, transcrição, tradução e PCR. Para os mesmos estudantes das duas séries, destacaram-se outros tópicos que tinham sido ministrados, como organização celular, diversidade genética e herança ligada ao sexo. Na terceira série do ensino médio, observou-se um considerável aumento no número de tópicos já estudados, com a inclusão de conteúdos como genes, mitose e meiose. Entretanto, destacaram-se tópicos que permaneceram mal compreendidos até o fim do ensino

médio, como alelos, interações alélicas, interações gênicas, cromossomos e suas alterações. Quanto ao tipo de aula ministrada, verificou-se que, em todas as séries do ensino médio, a maior parte das atividades foi realizada de forma teórica. Aulas práticas apareceram de modo mais frequente apenas no terceiro ano, embora ainda sejam ministradas em frequência muito menor do que as aulas teóricas. Para estudantes das três séries do ensino médio e para todos os tópicos de Genética questionados, a maior frequência de aulas práticas se correlacionou com a maior compreensão dos estudantes. Ressalta-se que não é qualquer prática que favorece a aprendizagem dos estudantes. No caso da Genética que demanda um alto nível de abstração (Catarinacho, 2011), é importante que as atividades práticas sejam planejadas para motivar e auxiliar estudantes a abstraírem e interagirem com o que é proposto. Outro fator que compromete a compreensão de Genética no ensino médio é a apresentação das informações de forma desatualizada e descontextualizada (Goldbach *et al.*, 2015), e isso pode ocorrer em aula teórica e prática. Na escola, um tipo de aula prática geralmente efetivo é utilizar materiais interativos como método de ensino-aprendizagem que podem concretizar conceitos abstratos (Calado *et al.*, 2011). Um exemplo didático e interativo em Genética é o kit de cariótipos humanos (feminino e masculino) com o conjunto cromossômico normal e representações de alterações cromossômicas numéricas e estruturais, que foi desenvolvido por nosso grupo de pesquisa juntamente com estudantes de ensino médio (Agência Fapesp, 2019). A experimentação e a discussão do ensino-aprendizagem de Genética é uma constante entre escola e universidade, e a apropriação efetiva dos conteúdos de Genética, incluindo alguns polêmicos, vai além dos conceitos e da escola. Em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (2018), é fundamental que professores e estudantes compreendam os limites e as potencialidades das Ciências da Natureza como conhecimento humano e como apoio para cidadania.

Ações e reflexões de divulgação científica no departamento de endocrinologia do Hospital das Clínicas: as diferenças no desenvolvimento sexual

Ana Fukui¹

Berenice Bilharinho de Mendonça²
Universidade de São Paulo

RESUMO: As Diferenças no Desenvolvimento Sexual (DDS) é uma modificação nos genitais externos e internos que ocorre durante a gestação. Nestes casos, os bebês nascem com características anatômicas e fisiológicas que trazem uma “mistura” dos órgãos reprodutores masculinos e femininos. Estima-se que, no Brasil, nasçam de 700 a 1000 crianças com algum tipo de DDS. No entanto, a quantidade de pacientes atendidos está muito aquém do projetado por série de razões, entre elas o pouco conhecimento da DDS entre os profissionais de saúde e o público em geral. Dentro desta situação, é comum chegarem crianças e mesmo adolescentes no departamento de endocrinologia do HC para serem diagnosticados quando a puberdade se manifesta de forma incomum, isto é, com sinais físicos pertencentes ao sexo oposto. No início do acompanhamento clínico são realizados uma série de exames para identificar as causas da DDS e como o tratamento será conduzido, muitas vezes durante toda a vida dos indivíduos. Assim, os pacientes e seus familiares passam a conviver com informações técnicas e científicas sobre seu corpo e precisam sentir-se esclarecidos para tomar decisões durante os atendimentos clínicos. Os objetivos iniciais deste estudo exploratório em divulgação da ciência junto ao

¹ anafukui@hotmail.com

² beremen@usp.br

departamento de endocrinologia foram a produção de material didático adequado para ser encaminhado aos pacientes e profissionais de saúde que sejam usados como uma forma de apoio e esclarecimento nas interações entre todos os envolvidos: equipe multidisciplinar do hospital, pacientes e a sua família. Junto a produção de material didático, também está sendo escrito um livro voltado para o grande público com uma narrativa histórica e científica sobre o assunto no Brasil para tornar alguns aspectos da realidade local dos tratamentos compreensíveis a todos. No entanto, com os desdobramentos das atividades iniciais, começou a se delinear uma nova pergunta de pesquisa sobre os processos de se construir a divulgação científica em um espaço de trocas que envolve os pacientes, seus familiares e os médicos. Como entrar neste circuito sem invadir posições e, ao mesmo tempo, contribuir para a construção de um diálogo entre todos? Ou seja, trata-se de um estudo exploratório à medida em que ocupa um espaço pouco usual de inserção da divulgação científica: o cuidado de pacientes e o cotidiano hospitalar. Para refletir sobre esta posição, buscou-se os referenciais teóricos da linguística com conceitos de referenciação e retextualização juntamente com a epistemologia da ciência bachelardiana, que faz uma descrição que se inicia no senso comum e passa por diversas etapas de apropriação do conhecimento científico, inclusive com suas barreiras emocionais para o aprendizado científico. Estes fundamentos servem para estruturar as ações de divulgação científica que contribua efetivamente para a apropriação de saberes por parte do público, bem como a preparação do conteúdo propriamente dito. Para o levantamento de dados foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com pacientes e médicos da área, além de uma extensa revisão bibliográfica tendo como foco as descrições sobre a DDS no Brasil a partir dos anos de 1960. Os primeiros resultados obtidos levaram à estruturação do livro de divulgação científica e à escrita de 4 capítulos iniciais e de 4 folhetos que estão disponibilizados no site do departamento de endocrinologia. Além disso, o uso da epistemologia da ciência para analisar os dados da entrevista trouxe uma descrição

detalhada sobre as maneiras com que os pacientes entendem sua situação e como eles lidam com os conhecimentos científicos envolvidos em seu tratamento. Os dados sob um olhar linguístico mostraram que as denominações técnicas usadas pelos médicos influenciaram como os pacientes se apropriaram ou não de seu diagnóstico. Como conclusão desta pesquisa, pode-se dizer que a inserção da divulgação científica junto a um grupo de pacientes da endocrinologia permitiu uma abordagem prática com a produção de material informativo como também abriu um espaço para investigar novas possibilidades de ação, reflexão e elaboração teórica.

Palavras-chave: diferenças no desenvolvimento sexual, ensino de ciências, epistemologia da ciência.

Riscos, aprimoramento e inovação: análise em torno da modulação hormonal em um grupo no *Facebook*

Camila Silveira Cavaleiro¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO: O presente estudo se insere dentro do projeto intitulado “Novas formas de circulação de conhecimento e de acesso a tecnologias biomédicas: cenários contemporâneos para transformações corporais e subjetivas”, coordenado por Fabíola Rohden. Visa refletir sobre as transformações corporais em contextos onde a procura por procedimentos representa sobretudo uma busca pelo aprimoramento de si, com ênfase nos contornos corporais e na performance física (Rohden, 2017). Para tanto, considera-se fundamental observar as interações e produção de discursos públicos em torno de tecnologias biomédicas tidas como inovadoras. Desta forma, pretende-se estudar as formas recentes de comunicação por parte dos/as produtores/as de conhecimento biomédico, assim como compreender como atuam as redes de interação e circulação de informação, especialmente via internet, entre profissionais e público/pacientes. Entende-se o impacto das novas tecnologias não somente associadas ao desenvolvimento de novos artefatos biomédicos, mas também ligado às tecnologias de comunicação científica e às redes sociais, que passam a ser cada vez mais centrais na procura por informações e tratamentos. Entende-se biomedicalização na perspectiva de Clarke et al (2010), enquanto um processo complexo, multissituado e multidirecional, através do qual a medicalização é redefinida constantemente em função de inovações biomédicas. O uso do

¹ camila.silcavaleiro@gmail.com

prefixo “bio” busca enfatizar transformações que só são possíveis por conta de invenções tecnocientíficas, promovidas por elementos humanos e não-humanos. Seguindo a mesma lógica, Rose (2007) destaca que as tecnologias de otimização se associam à ideia do aprimoramento direcionado ao futuro, com a possibilidade de moldar a vida dos sujeitos através destas práticas. Para o autor, está em consolidação uma “ética somática”, através da qual os valores em torno da vida se concentram no corpo e nas intervenções efetuadas sobre ele. Isto pode ser observado através do uso recorrente de categorias como “bem-estar” e “qualidade de vida”. Visando dar conta do uso crescente das redes sociais e da internet, busca-se enfatizar as alterações significativas que este uso vem trazendo às formas de interação entre produtores/as de conhecimento e tecnologias biomédicas de intervenção. Através de Hine (2015) e Miller (2012), entende-se as redes sociais como integrantes da realidade cotidiana, peças essenciais nas análises desenvolvidas. Em relação às interações que envolvem as transformações visando aprimoramento via recursos biomédicos, é latente a importância dos grupos de pacientes e usuáries/os nas redes sociais e as diversas formas de circulação do conhecimento biomédico nas redes. Para tanto, utiliza-se os conceitos desenvolvidos por Fleck (2010). Neste contexto, tratamentos hormonais e estéticos tornam-se casos exemplares. Este trabalho tem como foco discursos sobre hormônios bioidênticos e modulação hormonal, estabelecidos e veiculados entre usuáries/as reunidos/as em um grupo da temática, na rede social *Facebook*. Almeja-se compreender: a) o campo da modulação hormonal, dos hormônios bioidênticos e da medicina anti-aging no Brasil; b) as disputas em torno do que seriam aspectos mais “naturais” ou “artificiais”, associado ao seu caráter de inovação; c) as consequências disto em termos de saúde, riscos e aprimoramento, e d) a circulação e divulgação do conhecimento referente aos recursos tecnocientíficos, em especial farmacológicos (hormonais), destinados ao aprimoramento corporal. A inserção no grupo se deu em outubro de 2019 e os dados foram coletados até maio de 2020. Após leitura

e acompanhamento de todas as publicações e comentários, chegou-se a um conjunto de categorias mobilizadas, à identificação dos principais atores e a diversos tópicos que, de forma recorrente, são debatidos pelos usuários/as. A partir do grupo no *Facebook*, foi possível copilar um imenso volume de material em outras plataformas, como *blogs* e *sites*, e em outras redes sociais, como o *Instagram* e o *Youtube*. Concluiu-se que argumentos e valores associados às noções de “inovação”, “investimento” e “natural x artificial” são eixos centrais para compreender este campo. Em relação às formas de comunicação empregadas pelos/as produtores/as de conhecimento biomédico, foi possível observar uma presença expressiva de profissionais nas redes sociais, divulgando os tratamentos oferecidos através de vídeos, textos, fotos e dos grupos de pacientes.

Palavras-chave: Tecnologias biomédicas. Circulação do conhecimento. Medicina anti-aging. Aprimoramento de si.

Blog Consciência Animal: divulgando comportamento e bem-estar animal

Caroline Marques Maia¹
Universidade Estadual de Campinas

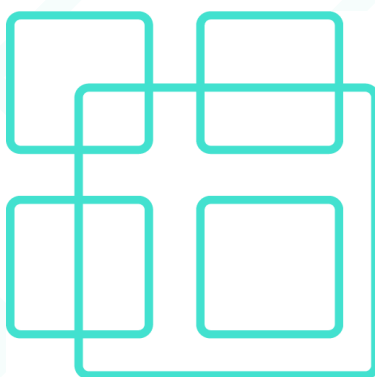
RESUMO: Temas relacionados à Saúde e às Ciências Biológicas são frequentemente divulgados pela mídia (Agência de Notícias dos Direitos da Infância, 2009), o que reflete, ao menos parcialmente, a preocupação das pessoas com a saúde, além de um fascínio natural sobre questões relacionadas à vida e aos seres vivos (Wilson, 1986). Entretanto, a população brasileira ainda compreende pouco sobre a biodiversidade de nosso país, algo que ocorre, inclusive, no meio universitário (Scherer *et al.*, 2015). Assim, mesmo com uma aparente maior cobertura da mídia sobre aspectos científicos ligados às ciências da vida, é importante comunicar a ciência de forma que ajude a melhorar o conhecimento científico da população em geral nessas áreas, o que deverá ampliar a cultura científica e colaborar para o engajamento das pessoas em relação a decisões sobre comportamento e bem-estar animal baseadas em ciência. Além disso, havendo interesse natural da população por fenômenos relacionados à vida, isso indica um cenário favorável, ou seja, mais receptivo, para iniciativas de divulgação científica nessas áreas. Especificamente considerando o bem-estar animal nas Ciências Biológicas, esse é um campo relativamente recente, que evoluiu gradualmente a partir de meados da década de 60 (Duncan, 2006). Isso ocorreu provavelmente como uma consequência da publicação do livro ‘Animal Machines’ (Harrison, 1964), que denunciou uma série de práticas que ignoravam o bem-estar dos animais de produção. Desde então, diversos cientistas começaram a investigar

¹ carolmm_luzi@hotmail.com

questões de bem-estar animal, desenvolvendo conceitos e buscando indicadores, inclusive comportamentais. Por ser ainda recente, essa área carece de iniciativas de divulgação científica de qualidade. Nesse cenário, para ampliar a divulgação de ciência na área de comportamento e bem-estar animal, em março de 2016 criei o Blog ConsCIÊNCIA Animal. A ideia do blog é aumentar a percepção popular da importância e da significância de temas na área de comportamento e bem-estar animal, contribuindo assim para a cultura científica da sociedade nessa área. Como minha formação é em biologia, com mestrado e doutorado em zoologia na área de comportamento e bem-estar animal, assumi a responsabilidade pela maioria das publicações. O blog foi originalmente estruturado com cinco posts, acompanhados de diferentes imagens de animais, que periodicamente vem trazendo publicações sobre conceitos, fatos históricos, indicações comentadas de artigos científicos e livros, discussões, e meus próprios pontos de vista na área. Ao longo dos anos, montei mais cinco posts que vem apresentando publicações sobre fotos e vídeos comentados, comentários de cientistas, comentários de profissionais que trabalham na área, indicações comentadas de matérias jornalísticas, e divulgações a partir da iniciativa Consciência Animal, que oferece assessoria, consultoria e cursos na área. O blog conta com uma página ‘Sobre’, na qual me apresento e mostro minha formação e experiência na área, bem como traz minha intenção com a criação do blog. Há também uma página de contato, com a indicação de um e-mail para o qual as pessoas podem enviar dúvidas, sugestões ou comentários sobre o blog. A frequência de publicações no blog gira em torno de uma nova publicação por semana, sendo a maioria delas de minha autoria. Basicamente, apenas as publicações nos posts sobre comentários de cientistas da área ou de comentários de profissionais que trabalham com comportamento e bem-estar animal não são de minha autoria, sendo que sempre convido cientistas e profissionais renomados para preparar materiais para essas publicações. Esses posts já contam, inclusive, com textos de cientistas internacionais. Atualmente, o dia da semana com maior número de

visitantes é a terça-feira e o horário com mais visitação é às 18h. Até o momento, o blog conta com 173 publicações, tendo atingido a marca de 45.297 visualizações e 27.139 visitantes totais. Vale destacar que tanto as visualizações quanto o número de visitantes vêm crescendo ao longo dos anos. Em 2016 houve 326 visitantes e 970 visualizações, enquanto em 2017 foram 3.320 visitantes e 4.770 visualizações. Já em 2018 foram 7.125 visitantes e 12.207 visualizações, e em 2019, o blog atingiu 9.583 visitantes e 16.734 visualizações. Ainda no próprio ano de seu lançamento, o blog contou com visitantes de quatro outros países além do Brasil (EUA, Portugal, Itália e Colômbia), um número que subiu para oito países em 2017 (EUA, Portugal, Itália, Moçambique, Angola, Reino Unido, Alemanha e União Europeia). Em 2018 e 2019, houve um grande salto para visitantes de 42 e 48 países além do Brasil, respectivamente. Com base nesses dados, acredito que venho atingindo o meu objetivo de popularizar temas na área de comportamento e bem-estar animal, aproximando as pessoas da ciência que vem sendo construída ao longo dos anos nessa área. Assim, é evidente que o Blog ConsCIÊNCIA Animal vem contribuindo para ampliar a cultura científica de temas sobre comportamento e bem-estar animal na sociedade.

Palavras-chave: Animais. Etologia. Qualidade de vida. Divulgação científica.



SESSÃO 4

QUARTA-FEIRA, 7 DE OUTUBRO, 15h

Exemplos de divulgação científica pela perspectiva decolonial

Luana Pires Vida Leal¹
Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: Partindo do pressuposto que a divulgação científica tem suas contribuições quanto à comunicar as intencionalidades na produção de conhecimentos científicos e tecnológicos (Pinheiro, 2020) e, entendendo que tal processo acontece de forma que seja palpável ao público não-especializado, fornecendo subsídios epistemológicos para que o indivíduo receptor do conteúdo de divulgação científica possa ter consciência dos acontecimentos que envolvem a sociedade em que vive (Messeder-Neto, 2019), o presente trabalho tem como objetivo mostrar de que maneira ações de divulgação científica foram desenvolvidas no âmbito das redes sociais (Instagram e Spotify), reafirmando a ideia de que a atividade divulgativa não se resume a mera retextualização da atividade científica e pode ser repensada ao inserir epistemologias outras que não a ciência calcada nos ideais modernos e eurocêntricos. Neste sentido, entendemos que, de acordo com Ballestrin (2013) decolonizar é um movimento epistemológico que visa reconhecer as relações de poder imbricadas em diversos âmbitos: sociais, políticos, econômicos, laborais, de gênero, sexuais, educativos, entre outras, relações essas advindas da colonização europeia em nossos territórios e, por isso, a decolonialidade reivindica evidenciar saberes ancestrais e/ou afrodiaspóricos que sofreram, nas palavras de Santos e Meneses (2010), um epistemicídio, revelando assim a emergência das Epistemologias do Sul. Compreendendo também que tais saberes contribuem para os processos de ensino

¹ luanapvidaleal@gmail.com

e de aprendizagem (Monteiro *et al.*, 2019), o Instagram @professoraluli têm trazido discussões de pautas decoloniais em seus conteúdos de Ensino de Ciências e Matemática, acreditando que, de acordo com os estudos de Paulo Freire e Sérgio Guimarães (2013), os visitantes da página passem a ter subsídios para serem produtores de suas percepções a respeito da realidade em que vivem e possam reconhecer os efeitos da colonização no âmbito epistemológico. Uma outra iniciativa de divulgação científica que partilha do contexto decolonial é a criação de uma lista de músicas (*playlist*) colaborativa criada em 27 de julho de 2020 em um reprodutor de músicas (*Spotify*), que ao permitir a intervenção de outros indivíduos, estabelece uma postura dialógica e abre espaços para novas partilhas, o que, descarta a influência de uma história única, nos termos de um olhar freireano, dirige o indivíduo na busca pela curiosidade epistemológica, que reitera a subjetividade de cada ser humano que compartilhou alguma obra musical que remeta à movimentos de supressão de pressupostos colonizadores na constituição dos saberes culturais. As músicas ali inseridas são obras que valorizam as produções latino-americanas e afrodiaspóricas, perpassando por diferentes gêneros musicais, etnias e localidades. Tendo em vista as informações dispostas em ambas as plataformas digitais, reuniu-se o *corpus* latente da internet, metodologia que visa analisar as informações já presentes na internet, a partir dos conteúdos ali demonstrados ou mediante a interação que foi feita nestes contextos (Bartolomé Pina; Souza; Leão, 2013). Para este trabalho, os estudos da interação revelaram uma ampla difusão do conteúdo, mediante análise das métricas disponibilizadas pelos aplicativos. Os dados revelam que o intercâmbio cultural em ambas as redes (*Instagram* e *Spotify*) aconteceu em diversas regiões do país, pois existem seguidores ativos do Rio Grande do Sul, do Paraná, de São Paulo, da Bahia, do Acre, entre outras localidades. No *Spotify*, dado aproximadamente 1 mês da criação da lista, observamos 50 pessoas seguindo a lista e grande parte contribuindo na adesão das músicas. No *Instagram*, as métricas revelam que a temática têm ganhado visibilidade

a partir da abordagem adotada nestas perspectivas, dado o número de seguidores ascendente a cada semana e os dados de compartilhamento público destes conteúdos, o que mostra a pertinência da utilização de redes sociais em contextos educativos e, no tocante a atividades que adotam a perspectiva decolonial, acreditamos que se constituem em maneiras de se repensar o Ensino de Ciências a partir da desconstrução de visões que já permitiram subalternizar e violentar simbolicamente determinados saberes (Monteiro, 2019). A partir das informações reunidas neste trabalho, também foi possível inferir que o caminho artístico também levanta, juntamente à produções acadêmicas, pautas de discussão referentes à dependência tecnológica, a desconstrução de ideários exóticos de cientista, problematiza, identifica e busca ressignifica relações de poder, caminhando lado a lado com pressupostos da efetivação da divulgação científica (Thürler, 2011), contando com o movimento decolonial como suporte para visar novas práticas docentes para o Ensino de Ciências.

Palavras-chave: Divulgação científica. Decolonialidade. Redes sociais.

Mulheres negras e a divulgação científica nas mídias e redes sociais

Aline Silva Dejosy Nery¹
Luciana Ferrari Espindola Cabral²
Ana Lúcia Nunes de Sousa³
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: A divulgação científica é um caminho que pode levar à reflexão crítica sobre temas urgentes da sociedade. Atualmente, vivemos os impactos de uma pandemia inesperada, causada pela Covid-19, na qual a educação e a cultura foram fortemente impactadas com a impossibilidade de ações presenciais, já que os órgãos de saúde instauraram o isolamento social. Grande parte da comunidade científica precisou modificar os meios e formas de comunicar a ciência, que agora são produzidos em confinamento, e passaram utilizar a internet e as suas possibilidades de interação social, criação e divulgação de conteúdos. Assim, as mídias e redes sociais possuem cada vez mais protagonismo, no cenário atual pela construção do laço social e o compartilhamento do saber (LEVY, 2010). Criado em 2010 e considerado como uma mídia e rede social (RECUERO, 2018), uma vez que proporcionam trocas de informações, ideias e interesses pelo compartilhamento de fotos e vídeos, o Instagram é a segunda plataforma de mídia social mais usada nos Estados Unidos e a quinta mais usada no mundo. Em junho de 2018, a rede social relatou mais de 1 bilhão de usuários ativos por mês em todo

¹ alinesnery@gmail.com

² eusouluciana@gmail.com

³ anabetune@gmail.com

o mundo. O seu uso consegue levar informação à uma imensa parcela de pessoas sobre um determinado tema, o que torna o ambiente virtual um lugar mais aberto e conectado. Assim, como o Instagram, o *YouTube* teve um aumento de usuários nesses tempos de tensão e preocupação. A plataforma se diferencia na forma de divulgar o seu conteúdo, onde possibilita a armazenamento, exposição e apresentações ao vivo para o espectador. Nessa perspectiva, este trabalho visa apresentar como a página do Instagram “Mulheres Negras Fazendo Ciência” auxilia na divulgação científica e discussões temáticas sobre educação, sociedade e a inserção de mulheres negras nas ciências. Em junho de 2020, a fim de continuar a divulgação do projeto sobre a atuação de mulheres negras cientistas e diante do isolamento social, dos protestos referentes aos assassinatos de negros no Brasil e nos Estados Unidos da América, foi criado na rede social Instagram, o perfil @mulheresnegrasfazendociencia. O perfil, que leva o mesmo nome do projeto idealizado no Laboratório de Vídeo Educativo, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e no CEFET-RJ, *campus* Maria da Graça, tem por objetivo ser um espaço interativo de divulgação sobre ações científicas. O perfil, hoje, possui 54 postagens, aproximadamente 1400 seguidores, e contabiliza por distribuição de gênero, 88% pessoas que se identificam como mulheres e 12%, como homens. A faixa etária se divide em três principais grupos: o primeiro se encontra entre 25-34 anos, o segundo entre 18 e 24 anos e o terceiro em 35 e 44 anos. As atividades de divulgação se enquadram em postagens autorais ou a republicação de perfis de meninas e mulheres negras que atuam em áreas científicas. Nos stories são divulgados eventos sobre as temáticas: meninas e mulheres na ciência e negritude. Por meio das postagens, a página deu maior visibilidade ao projeto, o que gerou novos convites para entrevistas, palestras e mesas redondas, além das *lives* em canais que abordam ciências, educação, sociedade e a inserção de mulheres no meio científico. Atualmente, o grupo conta com seis participações em eventos. Pelo *YouTube* realizou-se por videoconferência a palestra “Repensando o mundo no encontro com Cientistas” pelo Espaço Virtual Fábio

Scarano (NUPEM-UFRJ) e a inauguração do quadro novo do canal: O Ciência Feminina Entrevista. Pelo Instagram, o grupo foi entrevistado pela Profa Dra. Glorimar Rosa e a participou da *live* intitulada: “Quem somos? O papel da física no mundo da cultura e na tradição intelectual”, realizada pelo Centro Acadêmico José Leite Lopes (CAFis-UERJ). A atividade foi transmitida pelo *Instagram* paralelamente ao *Facebook*. O grupo participou, também, de uma mesa redonda, realizada através do *GoogleMeet*, durante a Semana Antirracista pelo Pré-vestibular Edu Leocádio, da cidade do Rio de Janeiro. As reflexões sobre o movimento negro no Brasil e no mundo também ocorrem dentro das mídias sociais. O aplicativo *Instagram*, foi por nós mobilizados apoiar, expressar solidariedade e elevar vozes negras, de forma a aumentar a conscientização sobre a condição do negro, e em particular das mulheres negras no meio acadêmico-científico e profissional, a fim de subverter os padrões racistas da sociedade brasileira. Assim, objetiva-se que os usuários se sintam seguros, apoiados e livres para se expressar.

Palavras-chave: Instagram. Mulheres. Ciência.

Raça, racismo e extensão: reflexões a partir da análise de revistas extensionistas

Ana Clara Andrade Melo¹
Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: O ensino superior brasileiro conheceu, no período recente, importantes mudanças a fim de democratizar-se. Completam-se cerca de duas décadas das primeiras experiências de adoção das cotas étnico-raciais e sociais para o ingresso em instituições públicas de ensino, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2001 e na Universidade de Brasília (UnB), em 2003; e 8 anos da lei nacional 12.711, de 29 de agosto de 2012, que prevê a implementação de cotas étnico-raciais e sociais para ingresso nas universidades federais de todo país. Paralelamente, a extensão universitária está em um importante momento no país. Cumprindo uma meta do Plano Nacional de Educação (2014-2024), deve ser incorporada às grades de todos os cursos de graduação até 2024, representando 10% de seus créditos totais. As políticas de cotas visam ampliar o acesso as instituições de ensino superior para populações historicamente ausentes desses espaços. Dentre os grupos sociais visados pelas políticas, a reserva de vagas para pretos e pardos, que constituem o grupo social negro, foi alvo de críticas e questionamentos no debate público durante a primeira década de 2000, tendo sua constitucionalidade respaldada pelo Superior Tribunal Federal em 2012. Assistimos, durante a pandemia provocada pelo Corona vírus, a repercussão de casos de violência, preconceito e discriminação raciais que provocam manifestações com pautas antirracistas em diversos países e dentre eles, no Brasil. Diante desse quadro, esta apresentação busca refletir se um dos temas destacados

¹ and.anaclara@gmail.com

nas ações afirmativas e no debate público, a questão racial, repercutiu, ou não, na extensão universitária nas últimas duas décadas. Mais especificamente, levanta-se a questão: a temática racial está presente nos escritos da extensão, em caso positivo, de que forma? A comunicação oral proposta se justifica pela necessidade de consolidação de reflexões acerca dos projetos e ações extensionistas, de forma geral e especificamente, sobre raça e racismo nos mesmos, haja visto que esse é um debate pouco frequente, ou quase ausente, nesse campo. É relevante recordar que o debate racial tem um largo acúmulo teórico, prático e político no Brasil, sendo um debate central na teoria social brasileira. Não é para menos, pois, conforme argumentou Florestan Fernandes (1964), o debate racial é incontornável para a compreensão da experiência história e social brasileira, tendo sido um tema que informou o debate científico e político das instituições de ensino e pesquisa no momento de sua constituição, entre o final do século XIX e início do século XX (SCHWARCZ, 1993). Pretende-se, portanto, analisar se, e como, ocorrem discussões acerca da temática racial em revistas da extensão. As revistas visadas são aquelas atreladas às universidades que adotaram as políticas de cotas étnico-raciais e sociais há mais tempo: a revista Participação, da UnB; a revista Interagir, da UERJ. O recorte temporal para a seleção dos documentos é entre 2001, ano da primeira lei de cotas, e 2020. A metodologia adotada combina busca por termos-chaves com levantamento e análise bibliográfica. Assim, busca-se, em um primeiro momento, levantar os materiais nos quais os termos raça, racismo, preconceito ou discriminação racial constam nas edições de ambas as revistas. Em um momento subsequente, os documentos encontrados terão suas informações registradas e sistematizadas (autoria, título, data da publicação, tipo de documento, como os termos constam). A seguir, os textos serão analisados segundo relevância da discussão acerca de raça e racismo nos mesmos e os mais relevantes serão selecionados para leitura posterior. Na revisão bibliográfica, buscar-se-á analisar qual a concepção de raça (e termos correlatos), os argumentos, a fundamentação teórica, bem

como as conexões entre as práticas extensionistas e a temática racial apresentadas nos documentos. Com isso, almeja-se levantar possíveis contribuições dessas discussões para as ações extensionistas de forma a iluminar as relações sociais de conhecimento e de poder desse campo a partir da categoria social raça.

Palavras-chaves: extensão, raça, racismo, revistas.

Intervenção Afrofuturista: experiências em um cursinho popular na cidade de Itaquaquecetuba

Alisson Felipe Moraes Neves¹
Luís Paulo de Carvalho Piassi²
Universidade de São Paulo

RESUMO: Este escrito objetiva descrever o projeto “Intervenção Afrofuturista”, iniciativa originada de estudantes da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), também conhecida como USP Leste. O supracitado foi aplicado na cidade de Itaquaquecetuba, em um cursinho que atende pré-vestibulandos em situação de vulnerabilidade socioeconômica e que detém uma grande quantidade de discentes afrodescentes. A atuação permitiu impactos específicos, como a conscientização sobre a temática, o estímulo de engajamento juvenil e a elucidação da existência do campus Leste e de seus cursos. Concernente ao apresentado, optou-se por levar o projeto até o Cursinho Pré-Vestibular Vestibulandos da Cidadania, que dista aproximados 20 km da EACH/USP, próximo da Estação Itaquaquecetuba, da Linha 12 Safira da CPTM, sendo a mesma Linha que contempla a Estação USP Leste. Além de visar propagar produções de autores negros, o ensejo possibilitou a divulgação dos cursos da USP Leste, encorajando os estudantes a prestarem o vestibular para a unidade. Pensando na conceituação de afrofuturismo, o principal expoente no país, Fábio Kabral (2019, 16 min 46s), afirma que o termo significa “[...] todo o movimento de recriar o passado, transformar o presente e projetar um novo futuro através da nossa própria ótica”. Porém, complementando sua

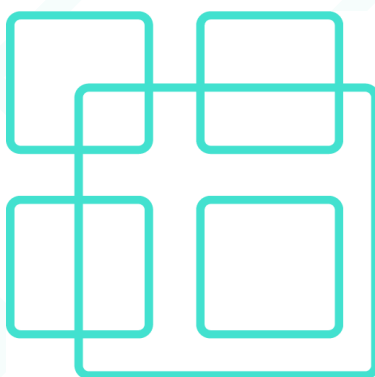
¹ alissonmoraes@usp.br

² lppiassi@usp.br

explicação, Kabral (2018) destaca que o movimento simboliza a “[...] mescla entre mitologias e tradições africanas com narrativas de fantasia e ficção científica, com o necessário protagonismo de personagens e autores negras e negros.”. Logo, as produções afrofuturistas revelam atributos importantes para discutir questões referentes à presença de afrodescendentes no cinema, na mídia, em espaços de tomada de decisão e sobretudo no futuro. Percebe-se a importância dessa proposta, tendo como premissa a necessidade de trazer debates acerca de raça e tecnologia para sala de aula, de maneira interativa e didática. Tendo em vista que, consoante Piassi (2017), a ficção científica possui aspectos que incitam a motivação juvenil, possibilitam uma melhor absorção dos conceitos abordados e impulsiona reflexões críticas. Dessa forma, a temática do afrofuturismo foi encontrada como um meio para refletirem sobre controvérsias sócio-científicas difundidas por instrumentos midiáticos e o senso comum, garantindo o chamado ativismo sócio-científico (REIS, 2013), o qual permite avaliações críticas pelos jovens. Tendo como eixo primário a divulgação científica para espaços externos à universidade, em secundário, no presente caso, faz-se importância porque apresenta um entendimento útil para a realidade estudantil, o qual tem como propósito despertar identificação naqueles que são afrodescendentes e se sentem excluídos nas representações do futuro e ao mesmo tempo ser proveitoso para o vestibular. Para alcançar tal objetivo, a primeira etapa do projeto consistiu em compreender o tema e suas manifestações, logo a mostra “*Afrofuturismo: ficção e imaginário negro*” no SESC Santana, mediada pelos principais expoentes do movimento no Brasil foi fulcral para a compreensão do conteúdo. Na primeira visita aos alunos, foi realizada uma breve introdução sobre o campus da EACH, devido à sua proximidade local com o cursinho, e seus respectivos cursos, enfatizando a identidade do campus. Portanto, pôde-se realizar a integração com os alunos e a faculdade informalmente, além de prepará-los para a futura aplicação interligando os cursos ao movimento, sendo utilizado no contexto o curso de biotecnologia para associar a visão

futurística do afrofuturismo à faculdade e a realidade estudantil. Nota-se que a primeira apresentação revelou um latente interesse de todos os 25 estudantes que a presenciaram, fazendo com que aceitassem o convite para o prosseguimento das dinâmicas, as quais foram propostas para o 20 de outubro de 2019 - diferentemente da primeira sessão que aconteceu dentro da aula, a atividade só pôde ser alocada em um horário extra-aula, que é uma tarde domingo, o que faz a participação dos alunos ser facultativa. Nessa segunda etapa, foram expostas informações detalhadas acerca da temática e contou com a presença de 45 pré-vestibulandos, os quais demonstraram um nítido interesse, exercido por meio de perguntas, onde questionaram sobre filmes, como Projeto Gemini, se seriam classificados como afrofuturistas ou não, acerca do protagonismo de gênero e de raça em obras de diversos cunhos, sobre a definição do movimento, além de algumas dúvidas pontuais sobre a apresentação dos expoentes afrofuturistas e idealizaram uma análise dos filmes futuristas estadunidenses. A aplicação foi encerrada com o sorteio de dois livros de Fábio Kabral (2017; 2019). Dado o exposto, o projeto buscou incentivar os estudantes ao pensamento crítico e à ação social, incentivando-os a serem ativistas sócio-científicos, a partir da difusão do afrofuturismo, um movimento que integra e ressalta a cultura africana, colocando indivíduos negros em papéis vanguardistas e de protagonismo. Após a atuação, três alunos do cursinho escolheram biotecnologia – um curso da USP Leste – como opção para o Sistema de Seleção Unificada, além de diversas vezes compartilharem conteúdos relacionados ao Afrofuturismo em grupos do *WhatsApp*, consolidando assim as metas almejadas pelo trabalho.

Palavras-chave: Afrofuturismo; Cursinho Popular; Cultura Pop; Negritude; Desenvolvimento.



SESSÃO 5

QUINTA-FEIRA, 8 DE OUTUBRO, 8h

A acomodação do discurso científico na produção de José Reis no Grupo Folha (1947-2002)

Juliana Passos Alves¹

Luísa Massarani²

Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz

RESUMO: Este estudo analisa o processo de acomodação (Fahnestock, 2005) do discurso científico de uma fonte acadêmica (no caso, um artigo científico) para um texto de divulgação científica (no caso, um texto publicado em um jornal), em particular textos publicados por José Reis nos veículos do Grupo Folha (Folha da Manhã, Folha da Tarde, Folha da Noite e Folha de S. Paulo), no período em que ele atuou nessa organização jornalística (1947-2002). José Reis foi um cientista importante que teve um papel de destaque na construção da ciência brasileira e é considerado ícone na divulgação científica no Brasil. Para operar esta análise foi preciso escolher uma maneira de definir a amostra diante da extensa produção de Reis ao longo de seis décadas e também encontrar textos que pudessem ser comparados às fontes originais, das quais partiram a motivação da coluna, seguindo a metodologia proposta por Fahnestock. Para realizar um recorte que representasse a produção ao longo de quase seis décadas, foi utilizada a metodologia de “ano construído”, uma adaptação do método de “semana construída”, utilizado em estudos de comunicação, o que levou a um total de 312 textos publicados por José Reis no Grupo Folha. A partir dessa seleção buscamos todos os textos que mencionavam um ou mais artigos científicos que foram usados como gancho (motivo) para o texto, em um total de 35 textos. Fahnestock parte da retórica aristotélica para descrever a estrutura dos

¹ julianapassos.jor@gmail.com

² luisa.massarani7@gmail.com

artigos científicos e de divulgação e classifica o científico como prioritariamente jurídico e o de divulgação como epidítico, e em cada caso se deve responder a questões distintas. Então no texto acadêmico temos uma estrutura que prioriza a apresentação da revisão bibliográfica, materiais, métodos e resultados. Já o texto de divulgação deve responder ao motivo de veicular determinada informação, o porquê de um público mais amplo ter interesse nisso, quais são os impactos e as controvérsias e, para isso, muitas vezes, diminui as incertezas apresentadas no artigo. Para analisar e descrever as modificações operadas no discurso de divulgação, incorporamos o detalhamento sugerido por Veneu, Massarani e Amorim (2008) que apresenta os itens objetivos a serem analisados: títulos, ‘gancho’, entretítulos, informações mantidas, retiradas e transformadas. Em complemento, nomeamos algumas estruturas textuais características do corpo do texto da divulgação científica para acompanhar seu aparecimento: “Histórico de pesquisas anteriores que contribuíram para o estudo em questão”, “Menção à necessidade de pesquisas futuras”, “Metodologia”, “Pesquisas Contemporâneas”, “Explicação de conceitos da área”, “Contraposição de pesquisas/controvérsias”, “Menção ao contexto externo” – aqui estão incluídos medidas de saúde pública já implantadas pelo governo, contexto histórico, contexto da área de pesquisa. Na comparação de títulos e resumos, utilizamos uma classificação para considerar o grau de certeza que cada título transmite, em que 1 indicava negatividade, o 2 – neutralidade e 3 – positividade. Essa inclusão se deve a premissa de que é característica do discurso de divulgação apresentar um maior grau de assertividade maior no texto de divulgação, conforme nosso guia metodológico. Como resultados da análise, observamos que José Reis aborda, na maioria dos casos, pesquisas anteriores que permitiram a existência da relatada, bem como pesquisas correlatas. Também notamos a mudança de uma estrutura predominantemente acadêmica para predominantemente de divulgação científica, isso significa que as colunas deixam de apresentar os elementos dos textos jurídicos, especialmente a metodologia, e abre espaço para o contexto externo

e as controvérsias, perguntas que são mais características do texto de divulgação. Ainda assim, José Reis tende a manter o grau de certeza trazido pelo artigo científico. O trabalho realizado evidencia a existência de discursos necessariamente distintos quando se tem públicos diferentes. De um lado a comunicação científica voltada para pares e, de outro, uma comunicação destinada a um público mais amplo, não-especializado, e que deve conhecer as consequências dos estudos em questão para além do interesse acadêmico. O longo período estudado também mostra a modificação do discurso da divulgação científica operado por José Reis. Décadas que marcaram não só a consolidação da ciência do Brasil como a necessidade de reflexão sobre o papel dos especialistas no mundo diante das reflexões sobre o papel da ciência na sociedade.

Palavras-chave: José Reis. Divulgação científica. Discurso científico. Acomodação.

A produção da vacina da COVID-19: um olhar para o discurso de ansiedade veiculado pelas notícias de jornal

Alberto Lopo Montalvão Neto¹
Flávia Novaes Moraes²
Wanderson Rodrigues Morais³
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Os discursos que circulam a partir das mídias, tais como as reportagens jornalísticas, não apenas veiculam informações, a partir das quais os sujeitos produzem efeitos de sentidos, como também proporcionam a formação de identidades (GREGOLIN, 2007). Dessa forma, Gregolin (2007) nos aponta que esses discursos regulam saberes e influenciam os modos pelos quais os sujeitos se subjetivam. Assim, segundo Bruggemann et. al. (2011, p. 68), sendo o meio mais antigo de veiculação de informações, que se dá de forma sistematizada, podemos dizer que o jornal, como tipo de materialidade, esteve presente “[...] na própria construção da sociedade ocidental atual, desde o projeto de Modernidade”, veiculando informações de diferentes tipos sobre a vida cotidiana “[...] e incluindo a população em uma dinâmica cultural e de pertencimento”. Dentro deste contexto, no presente texto temos como intuito pensar a respeito das notícias que estão circulando sobre a COVID-19, a partir de um olhar para o jornal como uma forma de materialidade que representa discursos que atravessam a vida cotidiana dos sujeitos. A

¹ montalvaoalberto@gmail.com

² flaviamoraes@yahoo.com

³ w193195@dac.unicamp.br

COVID-19 é uma doença provocada por um novo tipo de coronavírus que deu origem a atual pandemia, atingindo mais de 185 países, incluindo o Brasil (SOUTO, 2020). Nesse viés, nos interessa mais especificamente as notícias que são veiculadas a respeito do processo de desenvolvimento de uma vacina para o “combate” do vírus SARS-CoV-2 no organismo humano, visto que essas matérias jornalísticas estampam um discurso com potencial para gestos de leitura característicos. Esse momento atual não representa apenas uma crise sanitária, mas também configura uma crise social, dadas as desigualdades que se sobressaltam no período de isolamento para o controle da doença. As análises são realizadas com base em matérias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo, a partir de fevereiro de 2020, visto que foi nesse período que se iniciaram as veiculações de notícias sobre a dispersão pandêmica da doença. A escolha do jornal Folha de São Paulo se deu pelo fato de que, após pesquisas na web, identificamos que este é o jornal de maior circulação da atualidade, estando a frente de jornais como “O Globo” e “O Estado de São Paulo”. Desse modo, consideramos que este é um importante veículo de informação e formador de opinião. Para isso, selecionamos alguns fragmentos de três notícias desse jornal sobre o tema “vacina”. Dialogando com os fragmentos dessa seleção de enunciados do referido jornal, estabelecemos relações com outras materialidades, como as informações veiculadas na web, tais como os posicionamentos de colunistas da Folha de São Paulo em suas redes sociais. Esse diálogo com outras materialidades da web se faz necessário na medida em que, na contemporaneidade, reconhece-se que muitas informações são divulgadas por meio de redes sociais, na chamada “era digital”. Para analisar os discursos que estão sendo veiculados por meio deste jornal, como aporte teórico-metodológico, nos filiamos à Análise de Discurso (AD) franco-brasileira, que teve os seus pressupostos iniciados por Michel Pêcheux na França e que tem como uma de suas maiores expoentes no Brasil a linguista Eni Orlandi. Como recorte, neste trabalho olhamos para uma das tipologias discursivas identificadas durante as análises dessas

notícias, que se trata mais especificamente do discurso de ansiedade (MACHADO; MONTALVÃO NETO; MORAES, 2020). Dessa forma, mobilizamos algumas noções da AD, como silêncio, mecanismos de antecipação, relações de força e relações de sentido, para refletir a respeito dos efeitos de sentidos que podem ser produzidos pelos interlocutores do jornal (os leitores), a partir de um discurso de ansiedade que está presente nas matérias jornalísticas. Considerando que a maior parte das vacinas são elaboradas a partir de técnicas biotecnológicas e que muitos de seus termos não são amplamente conhecidos pela população, apontamos que os mecanismos da linguagem utilizados pelo jornal não só silenciam as questões científicas, a partir de uma linguagem que coloca de forma neutra e objetiva a Biotecnologia em um “não-lugar” (AUGÉ, 1998), como também geram efeitos discursivos que se relacionam aos discursos de ansiedade. Desse modo, a partir das reflexões suscitadas, apontamos que as reportagens jornalísticas são escritas de forma a descrever um cenário que dá ênfase mais às expectativas de uma possível “cura” e a um discurso bélico de “combate” ao vírus, do que propriamente busca informar à respeito das questões (sócio)científicas. Por fim, a partir de algumas reflexões no âmbito do ensino, apontamos para a necessidade de se (re)pensar sobre a divulgação e popularização da ciência, de modo que, mais do que criar-se expectativas a partir de notícias midiáticas, seja possível compreender o (processo de produção do) conhecimento científico.

Palavras-chave: Jornalismo. COVID-19. Análise de Discurso.

O jornalismo cultural em cenários de vanguarda artística e cultural: a cobertura da Ilustrada na Vanguarda Paulista (1979 a 1985)

Luciana Martins de Souza¹
Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: Este trabalho propõe compreender o papel do jornalismo cultural, mais especificamente a cobertura da Folha Ilustrada sobre o movimento artístico da Vanguarda Paulista, que ocorreu de 1979 a 1985, verificando o papel vanguardista do caderno cultural na época, por meio das peças jornalísticas. Também entender o papel de experimentação da vanguarda artística do século XX e suas influências. Os movimentos de vanguarda artística foram considerados pioneiros até a modernidade. “O modernismo era uma fase de criação revolucionária de artistas em ruptura; o pós-modernismo é uma fase de expressão livre aberta a todos” (Lipovetsky, 2005, p.101). Na era pós-moderna estuda-se a falta de espaço da vanguarda artística, frente a fragmentação da cultura e das artes (Bauman, 1998). Ao avaliar brevemente o conteúdo da Folha Ilustrada sobre o cenário de vanguarda, a pluralidade de temas e de colaboradores, observa-se que as técnicas do jornalismo cultural e sua linguagem estética foram exploradas, assim como a diversidade gráfica e editorial. Desta forma, este trabalho pretende contribuir para pesquisas em divulgação científica e cultural ao propor reflexões sobre jornalismo e produção cultural. Atualmente, os cadernos de cultura dos jornais brasileiros apresentam mais divulgação de agenda cultural, com forte influência do mercado, menos análise crítica e enfrentam a descontinuidade da política cultural (ARRUDA, OLIVEIRA e

¹ lucianamartins02@yahoo.com.br

TAVARES, 2011) e (PIZA, 2003). Para Gadini (2009), o setor cultural contemporâneo “disputa mercado pelas mais diversas formas de expressão e materialidades”. (P.36) Nos anos 1950, os jornais passaram por transformações gráficas, jornalísticas e publicitárias, e consolidaram o setor atingindo seu auge na década de 1980. No ápice do jornalismo cultural e da popularidade, a Ilustrada abraçou a Vanguarda Paulista. Também implantou o Projeto Folha (SILVA, 2005), com forte influência do Projeto Ruth Clark - integrando redação, marketing e publicidade (SAVIANI, 2007), uma renovação gráfica e editorial que colocou a Folha na vanguarda do jornalismo e do momento político do país, com importantes atuações pela democracia. A partir dos anos 1990, com a ideia de que o leitor precisava otimizar seu tempo, o jornalismo tornou-se mais mecanizado, sucinto e menos reflexivo, principalmente pelo surgimento do novo suporte, a web. Estes pontos foram apontados como o início da decadência e da qualidade na Ilustrada (GADINI, 2003). Ao mesmo tempo, a Folha de S. Paulo iniciou o uso de plataformas digitais e foi criticada pela superficialidade jornalística. O Multiculturalismo vinha desde a década de 1960 se apresentando contrário à tradição cultural e a identidade cultural na era da globalização, da fragmentação e da mídia que padroniza a cultura (HALL, 1992), por isso é importante apontar essa transversalidade, investigando a diversidade cultural na Ilustrada e apontando diferenças para a atual produção cultural e o papel do jornalismo com a presença das mídias digitais e a proliferação dos canais de escoamento de cultura. A metodologia desta pesquisa, de caráter qualitativa, que se enquadra na categoria de Estudos Culturais (HALL, 2003), é um Estudo de Caso (YIN, 2015) e também adotará para a pesquisa quantitativa a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) das reportagens da Folha Ilustrada da época. Assim como, considerar imagens de arquivo das edições da Folha Ilustrada, avaliando autoria do texto, linguagem utilizada, abordagem, estrutura textual, periodicidade e recursos visuais e gráficos. Além de entrevistas em profundidade (DUARTE, 2012) com membros da equipe da Ilustrada da época e artistas

da Vanguarda Paulista. O Movimento Vanguarda Paulista foi uma efervescência artística e cultural e apresentou nova estética com experiências na forma de compor como a série dodecafônica e arranjos sofisticados, da desconstrução e construção do canto e de elementos satíricos e de humor. O estilo causava estranheza e desinteresse comercial, levando os artistas a trabalharem à margem das grandes gravadoras e a produzirem o próprio selo. Os principais representantes são: Arrigo Barnabé, Itamar Assumpção, Luiz Tati, Tetê Espíndola, Suzana Salles e Ná Ozetti e as bandas Rumo, Língua de Trapo e Premeditando o Breque. A Vanguarda Paulista deixou um legado musical em artistas contemporâneos como Tulipa Ruiz, Karina Buhr, Céu, a banda O Terno e a filha de Itamar Assumpção, Anelis Assumpção.

Palavras-chave: Cultura. Jornalismo Cultural. Vanguarda Artística.

O jornalismo de Clarice Lispector: transgressão ao judaísmo

Thiago Cavalcante Jeronimo¹
Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO: A Clarice ficcionista, autora consagrada com os romances *A paixão segundo G. H.* (1964) e *A hora da estrela* (1977), é reconhecida nacional e internacionalmente como uma das principais escritoras em língua portuguesa. Contudo, o início de sua produção literária se deu, conforme investigação abalizada de Aparecida Maria Nunes, por meio da esfera jornalística, espaço que acompanhou a autora durante toda a sua vida. Clarice Lispector (1920-1977) nutriu forte diálogo com o jornalismo antes e durante sua reconhecida posição no cânone literário brasileiro. Marca-se que três anos antes de publicar o seu primeiro romance, o saudado *Perto do coração selvagem* (1943), a jovem escritora teve um conto publicado na revista Pan, isto é, em 24 de maio de 1940. Intitulado “Triunfo”, o enredo desta narrativa apontava para as temáticas caras que seriam comuns à produção da ficcionista: o enlaçamento familiar envolto ao tom intimista e condicionado aos perfis psicológicos de suas personagens. Como repórter, Clarice teve produções publicadas na revista *Vamos ler!*, em 1940; no ano seguinte, em 1941, no jornal *Diário do povo* e na revista *A Época*. Em *Dom Casmurro*, um dos principais periódicos literários deste período, publica “Cartas a Hermengardo”, texto que compõe o volume *Clarice na cabeceira: jornalismo* (2012), organizado por Aparecida Maria Nunes. Com essas considerações, sublinhe-se que a presença da autora na imprensa brasileira ultrapassa em tempo a materialização de sua produção ficcional em livro.

¹ thiagocavalcante@live.com

Durante sua vida como jornalista, Clarice escreveu aproximadamente quatrocentos e cinquenta colunas na imprensa feminina, isto é, cerca de cinco mil textos, distribuídos em fragmentos de ficção, crônicas, noticiário de moda, conselhos de beleza, receitas de feminilidade, dicas de culinária, educação de filhos, comportamento, entre outros. Como entrevistadora, Clarice produziu mais de cem entrevistas. E, somente para o *Jornal do Brasil*, publicou mais de trezentas crônicas (NUNES, 2012, p.18). Tendo em vista aspectos da produção jornalística de Lispector, objetiva-se pôr luz nesta comunicação a três de seus textos que acentuam uma *rasura* para com normas propagadas no judaísmo. O *corpus* desta investigação considera três momentos díspares da produção da escritora na imprensa brasileira: a Clarice que escreveu páginas femininas sob os pseudônimos Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares (1952; 1959-1961); a Clarice entrevistadora da revista *Manchete* (1968-1969); e a Clarice cronista do *Jornal do Brasil* (1967-1973). Reconhecendo essas três esferas de trabalho na escrituração da escritora-jornalista, busca averiguar quais os perfis acentuados por ela no tocante a fé – a crença – na materialidade de seus depoimentos. A hipótese de leitura é de que a jornalista Clarice Lispector se sobressai, assim como a sua vasta produção ficcional, a estereótipos e/ou nomenclaturas estabelecidas. Nesse veio, percebe-se um sincretismo religioso em sua vivência que é exposto em seu trabalho como repórter, entrevistadora e cronista. O referencial teórico fundamenta-se em textos relevantes da fortuna crítica de Lispector, julgando, sobretudo, as investigações de Aparecida Maria Nunes. Considerando a insubordinação comum à escrituração de Clarice Lispector, os textos *corpus* deste estudo – página feminina, entrevista e crônica –, se vestem e se despem de suas formulações estanques de gêneros textuais e, nas interpretações a eles direcionadas, possibilitam uma sólida apropriação da autora para com as crenças populares, no âmbito da cartomancia, e para com as religiões afro-brasileiras, a exemplo do candomblé. Ocorrências que transgridem um diálogo exclusivo da escritora para com os postulados judaicos – cultuados por sua família, e por

ela desconsiderados –, impregnando sua produção com o sincretismo religioso, comum ao local de fala de Clarice: os muitos “Brasis” que existem no Brasil e que sobem à diversificada escritura clariciana.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Jornalismo. Judaísmo.

Presidentas latino-americanas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla e Michelle Bachelet: gênero e política nas capas de jornais

Adriana Silvestrini Santos¹
Universidade Estadual de Campinas

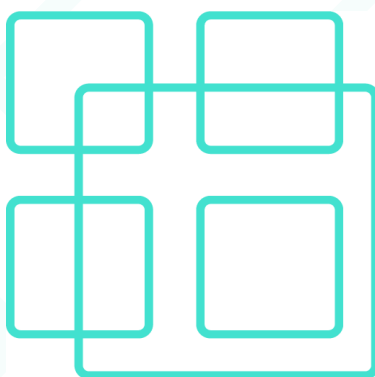
RESUMO: A partir da primeira década do século XXI quatro mulheres passaram a dominar o cenário político na América Latina. Michelle Bachelet foi eleita presidenta do Chile em 2006 e depois reeleita em 2014. Cristina Kirchner ganhou as eleições na Argentina em 2007 e novamente em 2011. Laura Chinchilla tornou-se presidenta da Costa Rica em 2010, seu único mandato. E Dilma Rousseff venceu nas urnas brasileiras em 2010 e 2014. Especificamente, nos meses de março, abril e maio do ano de 2014 as quatro presidentas latino-americanas, simultaneamente, governaram suas respectivas nações. Nesta data, Dilma Rousseff estava no último ano do seu primeiro mandato como presidenta no Brasil e já se preparava para concorrer à reeleição, que foi concretizada no resultado das urnas em outubro de 2014. Michelle Bachelet retornava ao Palácio de La Moneda onde começava o seu segundo mandato como presidenta do Chile. No penúltimo ano de seu segundo governo, Cristina Kirchner comandava a Argentina e Laura Chinchilla se despedia como presidenta da Costa Rica. Num total de 12 anos, de 2006 a 2018, a América Latina sempre teve mulheres governando países. Diante deste cenário, torna-se relevante investigar e estudar as narrativas dos fatos e notícias que envolveram essas quatro presidentas latino-americanas. Este trabalho de pesquisa propõe investigar e analisar as notícias nas capas de jornais impressos referentes as quatro presidentas

¹ dri.silvestrini@gmail.com

latino-americanas. A proposta é fazer uma análise quantitativa do número de capas nas quais as presidentas são noticiadas e uma outra qualitativa das chamadas jornalísticas. Nas capas dos periódicos serão investigados e examinados textos e imagens com foco na relação entre gênero e política. Com base no material selecionado, a pesquisa pretende problematizar e questionar as representações de feminilidade e de masculinidade, do privado e do público, para investigar se há diferença entre as formas como são retratados homens e mulheres no campo político e midiático, principalmente quando essas mulheres ocupam cargos eletivos de chefes de Estado. As capas impressas dos jornais diários Clarín (Argentina), Folha de São Paulo (Brasil), El Mercurio (Chile) e La Nación (Costa Rica) compõem o *corpus* desta pesquisa. Os periódicos foram escolhidos por serem o de maior circulação em seus respectivos países. Com vasto material para estudo, este projeto apresenta o seguinte recorte de investigação: as capas dos periódicos dos quatro países durante os 30 primeiros dias e os 30 últimos dias de governo de cada presidenta. Os meses de março, abril e maio do ano de 2014 também serão escolhidos para estudo porque compõem o período em que as quatro mulheres atuaram simultaneamente como governantes. Esta investigação pretende revelar como a imprensa escrita contou as histórias dessas quatro mulheres. A busca de respostas nas capas dos jornais é o ponto de partida para iniciar a análise da produção discursiva desta pesquisa. É preciso esmiuçar o enunciado porque a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída (FOUCAULT, 1996). O sociólogo francês Pierre Bourdieu também chama atenção para o que é relatado. Ele afirma que “os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado. O princípio da seleção é a busca do sensacional, do espetacular”. (BOURDIEU, 1997, p.25). Quanto as imagens das capas dos referidos jornais, o filósofo Roland Barthes pode colaborar na análise quando afirma que uma imagem detalha muito mais que um

texto. Para aprofundar a análise das imagens nas capas dos jornais, a pesquisa pretende também trazer novas perspectivas de reflexão com base em leituras antropológicas como, por exemplo, a do antropólogo Etienne Ghislain Samain, autor do livro *Como pensam as imagens* (2012), e da antropóloga Andrea Barbosa, autora de *Antropologia da Imagem* (2006). Após a seleção das capas com notícias das presidentas, textos e/ou imagens, a pesquisa qualitativa será iniciada com base nos critérios de seleção (*valor-notícia*), agendamento (*agenda setting*) e enquadramento (*framing*) do noticiário. Na sequência, ocorrerá a descrição analítica das notícias jornalísticas. Essa segunda fase será orientada em princípio pelas hipóteses levantadas e pelo referencial teórico. Em seguida, haverá um aprofundamento analítico dos achados jornalísticos, sejam eles conteúdos textuais e/ou de imagens. Neste momento, esta pesquisa se encontra na fase de pré-análise quantitativa, ou seja, a reunião e organização do *corpus*.

Palavras-chave: Presidentas. Gênero. Mídia. Política. América Latina.



SESSÃO 6

QUINTA-FEIRA, 8 DE OUTUBRO, 10h

A mulher com deficiência da novela: olhares discursivos para o corpo de Luciana

Thaís Ribeiro Alencar¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Filiado à Análise de Discurso de linha francesa (AD), este trabalho se propõe a analisar os discursos produzidos sobre a mulher com deficiência a partir da trajetória da personagem Luciana na telenovela *Viver a Vida*, produzida e veiculada pela Rede Globo entre 2009 e 2010. Orlandi (2003, p.10) pensa o discurso, objeto de estudo da AD, como ritual da palavra: “movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza de trajetos, de ancoragem e de vestígios. Isto é discurso, isto é o ritual da palavra. Mesmo o das que não se dizem”. (p.10). Trabalhar com a Análise de Discurso no que diz respeito a metodologia de pesquisa, implica na realização de descrição do objeto a ser estudado e, em conjunto com isso, a análises dos recortes selecionados, atividade que só ser realizada tendo por base o dispositivo teórico. É no batimento entre descrição e análise que a pesquisa em AD acontece. Propor observar um funcionamento discursivo em uma telenovela, exige pensá-la discursivamente, o que implica no afastamento das ideias que a consideram como um produto cultural, cujo resultado é a produção de representações sociais dos contextos nos quais é produzida. (AYRES, 2015, CASSOTTI & MOREIRA e SILVEIRA). Tomamos a telenovela, amparados pelo dispositivo teórico da AD, como um objeto simbólico, aquele que de acordo com Orlandi (2004, p. 24) “produz sentidos”. Tal produção de sentidos se dá também, por meio do

¹ thais.alencar2013@gmail.com

que temos nomeado de o processo de construção discursiva do personagem, do qual o corpo é parte essencial. De acordo com Orlandi (2012, p.92), “corpos são formulações dos sujeitos em diferentes discursos.” Hashiguti (2008), após apresentar um histórico a respeito de como diferentes corpos foram significados em diferentes discursos ao longo do tempo, termina a sua reflexão dizendo que essa construção “faz pensar o corpo como materialidade socialmente marcante por sua visibilidade e como é importante na construção de identificações. O corpo está na identificação como marca do sujeito, como o próprio sujeito” (p. 24), fortalecendo assim, a ideia de que o corpo é parte integrante do personagem. A partir disso, cabe o questionamento: como o corpo de Luciana é significado ao longo da trama? De que maneira ele é dado a ver antes e depois do acidente? A busca por respostas para essas questões nos coloca em contato com discursividades a respeito da deficiência e da mulher com deficiência presentes na sociedade, que ao estarem em uma novela, significam pela maneira como são constituídas, mas também pelo modo como circulam. Para além dos deslocamentos já apresentados, é preciso ainda dizer sobre como a Análise de Discurso, enquanto dispositivo teórico considera o olhar. Este, para a AD não é a simples capacidade de dirigir os olhos a determinado objeto. Hashiguti (2008), baseada no trabalho de Orlandi (2004) propõe pensar o olhar como um gesto de interpretação. Nas palavras dela: “o olhar, enquanto gesto interpretativo, “constitui historicamente o sujeito olhado, posiciona-o, ao mesmo tempo em que significa em si (e posiciona) discursivamente também o sujeito que olha”. (p. 8): Ainda com a autora, é através do olhar, enquanto um gesto de interpretação que a materialidade simbólica do corpo é apreendida. Como todo gesto de interpretação, o olhar convoca a memória. Propor explicitar os olhares discursivos em torno do corpo da personagem Luciana vai além da mera tentativa de explicitar os efeitos de sentidos que estão sendo produzidos. O nosso gesto busca também produzir outros sentidos para povoar a memória discursiva na esperança de que na medida em que o movimento dos sentidos aconteça, produza-se

também mudança na prática social em relação às pessoas com deficiência, refletindo na maneira como estas são tratadas e olhadas na sociedade, afinal, de acordo com os dados do último censo do IBGE, realizado em 2010, 24% da população brasileira declarou possuir algum tipo de deficiência. São quase 46 milhões de brasileiros que, precisam ser significados como parte integrante e importante da nossa sociedade, à medida que recebem a oportunidade de ocupar os espaços sociais, produzindo outros gestos de interpretação. A contribuição acadêmica deste trabalho consiste na relação que se estabelece entre o dispositivo teórico da AD e o grande campo dos Estudos sobre a deficiência, fortalecendo-os mutuamente.

Palavras-chave: Mulher. Deficiência. Análise de Discurso.

Saber e conhecer: algo(em)ritmo na mediação televisionada

Antônio Inácio dos Santos de Paula¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Ancorado na Teoria da Análise do Discurso franco-brasileira e na prática do jornalismo científico, analisa-se o funcionamento do discurso jornalístico na construção midiática do robô humanóide SophIA. O *corpus* desta pesquisa é constituído por enunciados do programa televisionado Fantástico, transmitido pela Rede Globo, em 21 de outubro 2018. Nessa edição, SophIA é entrevistada quando esteve no Brasil. Criada pela empresa *Hanson Robotics*, a genoide é considerada o robô mais inteligente do mundo. Por isso, foi nomeada embaixadora da inteligência artificial (IA) e é a primeira máquina a receber título de cidadania no mundo. No exercício de interpretação das condições de produção e compreensão da opacidade da linguagem, gestos de deslocamento necessários para o analista e de análise, serão problematizadas as noções de saber e conhecer na constituição da inteligência (artificial). Ao circular, o termo inteligência produz ou se aproxima de um efeito de sentido daquilo que se sabe e/ou se conhece. Nesse prisma, aparentemente, ser inteligente é fazer escolhas esperadas, ancoradas no normal, isto é, tomar decisões satisfatórias no social. Nisso, parece existir um fio de algo organizado, uma normatização do saber e uma sistematização do conhecer. Independentemente da formação discursiva que seja enunciado, o enunciado inteligência não permite polissemia. Nesse prisma, a díade saber e conhecer ligada à materialidade linguística, conduz o cerne desta reflexão. Neste lugar simbólico que é o social, o saber

¹ inacioantoniodepaula@gmail.com

e o conhecer se ressignificam metaforicamente pelas normas das coisas instauradas. Se assim for, a inteligência é a engrenagem metafórica para ideia daquilo que se conhece, que se sabe. Levanta-se a hipótese de que esse funcionamento, normativo e totalizante, falseia a estrutura de um real, a partir do pensamento pecheutiano, pelo próprio modo que os indivíduos se constituem sujeitos, reconhecendo-se quando se relacionam no e com o mundo. Além do mais, considera-se que SophIA não é apenas uma IA no interior de um computador. Ela tem corpo e expressão facial, anda e fala. Disso, emerge outra potencialidade deste estudo: o desenvolvimento da noção de i@-corpo, ou seja, o corpo da e para a IA. Trata-se de um conceito introduzido e explorado, a ser desenvolvido, no decorrer desta pesquisa, que se dá pela importância de se produzir ferramentas teóricas para compreensão da IA, no campo da linguagem. Assim, busca-se identificar marcas discursivas que constroem o i@-corpo, por meio do discurso jornalístico enquanto prática da divulgação científica. No mesmo prisma, almeja-se problematizar o funcionamento algorítmico no discurso digital (televisado), questionando a existência ideológica do/ no algoritmo e sua (ins) urgência na IA. Na relação da linguagem binária, ou terceira revolução da tecnolinguística como é proposta por Sylvain Aroux, defini-se que o que é sabido e/ou conhecido pela tecnologia surge da concepção dos indivíduos sociais. Então entra em jogo o certo e o errado, a aprendizagem algorítmica, os dados. Com Pêcheux, é possível colocar que não há equidade entre dados e “coisas-a-saber”, mas eles (se) produzem (de) coisas que se sabem, se conhecem. Desse modo, entende-se a IA como datificação dessa relação de incompletude. Para esta análise algumas especificidades precisam ser trazidas para primeiro plano, por exemplo, no que diz respeito à prática jornalística, o texto televisado assume um formato de notícia com ênfase em entrevistas com a genoide, intercalada a do especialista, e o programa não se trata de um veículo especializado em divulgação científica. Percebe-se ainda que apesar da sociedade se mostrar cada vez mais automatizada, ressignificada no e pelo digital, a televisão dialoga

com essa convergência, tanto indo como trazendo para si esse espaço, re-existindo na teia midiática. De modo mais genérico, a análise dessa notícia desperta atenção não apenas pela progressão do entendimento da construção do imaginário do que é a IA, atribuída principalmente a uma perspectiva de senso-comum. Ela também interroga o não desvencilhamento do indivíduo, por conseguinte, do sujeito na tomada de decisão acerca da tecnologia, apresentando uma relação indissociável do sujeito com a tecnologia. Isso é algo que já vem sendo explorado e demonstrado nos estudos dos pesquisadores Cristiane Dias e Guilherme Ferragut, culminando em desdobramentos teóricos importantes para a compreensão dessa relação opaca entre ser humano e tecnologia.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Jornalismo Científico. Inteligência Artificial. i@-corpo.

Violências Encenadas: efeitos do discurso fotográfico no *Instagram*

Victória Bernardino Coelho¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Há uma série de retrancas possíveis para materializar o contexto atual, uma delas, o isolamento social, pode ser relacionado com inúmeras questões alarmantes. Na perspectiva do trabalho em questão, nos voltamos ao aumento dos casos de violência contra mulher (além) desse período. De acordo com o estudo intitulado Violência Doméstica Durante a Pandemia de Covid-19 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em um período de dois meses (março e abril) foi registrado um aumento de 22% dos casos de violência em seu ápice, o feminicídio, em 12 estados brasileiros. Refletir e buscar (des) naturalizar os crimes de ódio por questões de gênero tem sido nosso desafio nos últimos meses, em que uma dissertação para pensar os efeitos dos discursos em relação a mulher e como a mesma tem sido significada no aqui e agora, assim como ao longo da história, tem sido produzida. Até o presente momento, o percurso de produção basilar dessa pesquisa tem se concentrado, por meio do arcabouço teórico da Análise de Discurso, disciplina que “se institui como uma escuta particular que tem como característica ouvir no que é dito o que é dito ali ou em outro lugar, o que não é dito e o que deve ser ouvido por sua ausência necessária” (ORLANDI, 2012, p. 28), em compreender os efeitos de sentido do discurso fotográfico no *Instagram*, tendo por ângulo de entrada as imagens em circulação do *feed* da *hashtag* feminicídio. Além desse movimento, historicizamos o modo como mulher foi sendo significada e a violência compreendida ao longo do tempo, tendo em vista, que

¹ victoriabcoelho5@gmail.com

todo esse processo pode ser pensado pelo âmbito da regulação, em que há, “correlação de forças, que muito raramente beneficia a mulher” (SAFFIOTI, 1994, p.5), regulação esta, construída todos os dias, bem como amparada por uma organização social. Ao adentrarmos os conceitos que perpassam as questões de gênero e o modo como a violência vai ganhando força, nos deslocamos de um lugar naturalizado para (re)pensar uma forma outra de significação da mulher, pelos arcabouços de proteção nomeados de Lei Maria da Penha e Feminicídio. Todavia, do ponto de vista discursivo, tomamos as leis em questão de forma outra, em que as “brechas da lei” são materializadas também em equívocos. Amparados pelas informações apresentadas, tomamos a prática do discurso eletrônico para pensar o processo de produção de sentidos, tendo por ponto de partida o *Instagram* e suas especificidades, buscando compreender o modo de funcionamento da rede e os sentidos de violência, assim como suas falhas. Na/pela rede somos tomados por uma série de dizeres significando o digital. Na *#feminicidio* observamos os discursos que a constitui, materializados em imagens, a base do *Instagram*, que significam a mulher em situação de violência, mas de distintas formas, afinal, “para que nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido. Esse efeito é produzido pela relação com o interdiscurso, a memória discursiva: algo fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2012, p.59). Além disso, compreendemos a imagem como objeto simbólico e buscamos abarcar como esse objeto “produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2003, p. 26-27). Nesse movimento, nos dedicamos a apreender as regularidades do funcionamento discursivo das publicações que constituem a *hashtag* feminicídio, pelo processo de produção de sentidos dessas imagens, bem como de seus dizeres. Diante da quantidade de publicações, recortamos as materialidades em três blocos, nomeados de foto encenada, não-encenada e inexistência de corpo. O primeiro bloco encena a vítima em situação de violência, por meio do traço do olho roxo e hematomas no rosto, em uma forma de mostrar o corpo machucado por

meio do recurso da maquiagem. No segundo, na não-encenada, não há maquiagens ou recursos para materializar o ato violento, trata-se da violência em sua crueza e como prova irrefutável da ação: uma fotografia. Ainda nesse segmento, apresentamos a foto com inexistência de corpo, nela, há violência em seu ápice, o feminicídio. Entretanto, não há registro da violência, tampouco um relato da vítima, não há corpo, mas sim ausência e silêncios. Essas fotografias apresentam a vítima em vida, deslocando sua inexistência por meio de um resgate a memória, amparadas de legendas que buscam interromper tal esquecimento. No processo de descrição dessas materialidades discursivas e na produção de gestos de interpretação sobre as mesmas, somos tomados pela noção da des-significação, por meio de comentários e interações na rede, a mulher é culpabilizada, ridicularizada, atacada, etc, cristalizando sentidos em um lugar já-dado, que a mulher a longo da história tem protagonizado. Nossa busca é por romper esses efeitos de sentido e nos deslocar desse lugar naturalizado que por tanto tempo a mulher tem sido posta, por meio de uma luta que tem esboçado seus avanços, mesmo que a passos lentos.

Palavras-chave: Feminicídio. Discurso. Digital. Imagem

Escola de samba e Copa do Mundo de futebol: desconstrução da torcida carnavalesca a partir do compartilhamento de vídeos no Instagram

Lucas Rocha¹
PUC-SP

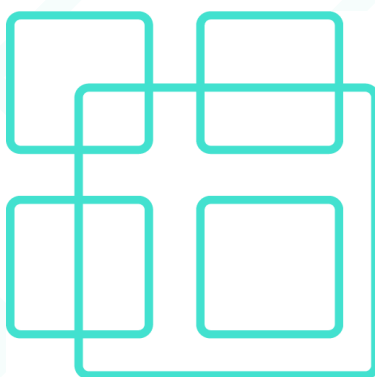
RESUMO: A Copa do Mundo de futebol atrai o olhar de bilhões de pessoas em todo mundo a cada quatro anos. No entanto, um pequeno percentual dos torcedores tem a oportunidade de experimentar o principal campeonato de futebol do mundo in loco. Ao organizar o torneio a partir de uma perspectiva dos negócios, a FIFA acaba por estimular e incentivar o estilo de torcida carnavalesca (GIULIANOTTI, 2002). Inspirado em torcedores brasileiros nos anos 1940, a torcida carnavalesca se ornamenta com símbolos e cores do país – ou do clube de futebol – como se fosse uma fantasia de carnaval. Esses torcedores parecem sempre estarem alegres, com bom humor, e se comportam de forma amigável, se misturando sem desavenças em uma festa com torcedores de outras nacionalidades. No entanto, esse modelo de torcida comumente evidenciado nas transmissões dos jogos da Copa do Mundo é uma tática da FIFA de domesticar e pasteurizar o comportamento dos torcedores. A consequência desse comportamento previsível dos torcedores é o arrefecimento da potência afetiva das relações entre os torcedores e o esporte – campo que dá margem para comportamentos imprevisível, como a raiva, tristeza ou decepção. A associação entre samba e futebol foi feita durante a Copa do Mundo disputada em 2018 na Rússia. Apesar do país não ter relação com o ritmo musical, uma escola de samba formada por russos se apresentou nas proximidades do

¹ rocha.lucas@msn.com

estádio em que seria disputada a partida final do torneio há apenas algumas horas antes do jogo que consagraria o campeão ter início. A agitação causada pelos instrumentos logo atraiu a atenção dos torcedores que chegavam ao estádio para a partida que aconteceria em algumas horas. No entanto, apesar do esforço dos russos, a tentativa de reproduzir som semelhante ao samba brasileiro só não foi mais frustrada que a iniciativa de outros torcedores de criarem uma roda de samba. Essa ação foi registrada por três publicações em vídeo no formato stories do Instagram. A partir da perspectiva apresentada por esses três artistas das arquibancadas, a pesquisa faz o seguinte questionamento: de que forma o compartilhamento desses três vídeos em conjunto desconstrói o modelo de torcida carnavalesca estimulada pela FIFA e contamina a percepção sobre a apresentação da escola de samba russa? O objetivo é observar processos de hibridização nas publicações selecionadas, dando destaque às tensões provocadas por elementos movidos pela pulsão que driblam o padrão estético. A reflexão proposta adota como instrumental de leitura a abordagem das extremidades sugerida por Christine Mello (2008, 2016), que faz a análise dos processos de hibridização pertinentes às redes audiovisuais a partir dos vetores conceituais de desconstrução, contaminação e compartilhamento. A partir da análise de quatro vídeos publicados no Instagram no dia da final da Copa do Mundo por quatro diferentes usuários – sendo que três deles estavam nas proximidades do estádio e o quarto torcedor artista estava em Paris – é possível perceber uma resignificação dos regimes de sentido da escola de samba e do comportamento dos torcedores fora do estádio. A soma dos relatos descentralizados e plurais potencializa o questionamento da tendência de domesticação do comportamento como forma de cerceamento à liberdade por forças políticas centralizadoras e isolacionistas. A Copa do Mundo de futebol não apenas reúne em um único país pessoas de diferentes regiões do mundo. O evento também é capaz de gerar afetos e reações em torcedores em diversas partes do mundo, de modo que a comunidade do futebol que se fez presente no Instagram compartilhava

um espaço híbrido – nem local, nem global, mas sim glocal. Quando esses vídeos são compartilhados no Instagram, a comunidade do futebol presente na plataforma tem uma dimensão da pasteurização do evento Copa do Mundo. Esses vídeos produzem ruídos, abalos e rupturas no padrão de comunicação homogêneo e hegemônico com a qual a Copa do Mundo é apresentada pela imprensa especializada.

Palavras-chave: Futebol; Instagram; Abordagem das Extremidades.



SESSÃO 7

QUINTA-FEIRA, 8 DE OUTUBRO, 13h

Passarinho, que som é esse? Diálogo entre ciência e música em um produto cultural

Tiago Leite Trujillano¹

Dayana Aparecida Brito dos Santos²

Emerson Ferreira Gomes³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

RESUMO: A busca por recursos pedagógicos através de séries de televisão, programas infantis, filmes e entretenimento no geral tem crescido concomitantemente com a pesquisa em educação relacionados a tais contextos. Podemos citar como exemplo estudos como física também é cultura (ZANETIC, 1989) música e ciência (MOREIRA e MASSARINI, 2006), o uso do rock na educação em ciências (GOMES, 2016) e ficção científica e o ensino de ciências (PIASSI e PIETROCOLA, 2009). Tendo em vista a grande crescente de publicações, sobre a área midiática no contexto educativo, nosso trabalho tem como objetivo analisar o dialogismo que o quadro “*Passarinho, que som é esse?*”, na série *Castelo Rá-tim-bum* da TV Cultura, faz com a ciência dos instrumentos musicais. Este estudo busca complementar as atividades de um clube de ciências escolar, com modalidade de divulgação científica, sendo este parte de um projeto de pesquisa de pós-graduação em ensino de ciências. A proposta de usar o referido produto parte do pressuposto deste pertencer à cultura de mídias (KELLNER, 2001) com contexto educativo, com isso usamos como suporte teórico, do pedagogo francês George

¹ tiago.trujillano@aluno.ifsp.edu.br

² dayana.brito@aluno.ifsp.edu.br

³ emersonfg@ifsp.edu.br

Snyders, o conceito de “Satisfação Cultural”, com a sua obra “A Alegria na Escola” onde afirma sobre o que chama de “Cultura Primeira”, experiência pessoal vivida pelo estudante relacionado à cultura de massa, deve ser incorporada na educação escolar e o que ele chama de “Cultura Elaborada”, relativos aos conhecimentos científicos a partir da escola. Para a análise dialógica das cenas utilizamos o conceito do “dialogismo” (BAKHTIN, 1997) onde o autor afirma sobre a identificação das “vozes” no discurso. Estas análises serão feitas a partir da idealização da série de TV e suas descrições - período em que surgiu, sinapse do enredo, atores, compositores e colaboradores das cenas específicas - a composição das cenas - instrumentos musicais utilizados, a forma como eram representados os instrumentos nas falas dos personagens, as características dos instrumentos utilizados, a forma como são tocados - e a ciência envolvida na produção dos sons pelos instrumentos musicais tocados nas cenas. A partir das análises verificamos que a série, que foi produzida pela TV Cultura de 1994 a 1997, incluía em seu enredo a vivência de um aprendiz de feiticeiro que morava com seu tio e sua tia, ambos feiticeiros, em um castelo localizado no centro da cidade de São Paulo. Com vários personagens e alguns protagonistas, a série trazia diversos quadros que não dialogavam de forma direta com o enredo dos personagens principais. Estes quadros traziam temáticas sociais, científicas e artísticas num contexto educativo. Como destaque, para esta pesquisa, os quadros relacionado ao personagem do “João de Barro”, que tocava um instrumento musical diferente em cada aparição na série, em formato de clipe, e as “Patativas” (Dilma Souza Campos e Ciça Meirelles), que cantavam “Passarinho, que som é esse?” através de um *playback* (vozes das patativas: Maria Aparecida de Souza, Rita Kfoury, Sueli Gondim e Tania Lenke) enquanto o personagem João de Barro tocava algum instrumento musical em forma de *jingles*. Nas cenas do João de Barro foram tocados 28 instrumentos musicais que eram interpretados por vários músicos fantasiados de passarinho. O músico Hélio Zuskind foi responsável por boa parte do enredo musical da série e no arranjo das

cenar dos passarinhos. Contudo, a série vinha com uma boa bagagem pedagógica através das Teorias Construtivistas de Educação (PIAGET, 2007), (VIGOTSKI, 1987), segundo a Coordenadora de Produção Pedagógica da série, em entrevista, Bia Rosenberg. O quadro *Passarinho, que som é esse* começa com João de Barro tocando um determinado instrumento musical. No mesmo compasso, as Patativas cantam, na mesma melodia, questionando o som do instrumento. Este momento dialoga, posteriormente, com o solfejo das personagens que mimetizam sonoramente o instrumento seguido de sua identificação. Para cada instrumento tocado, identificamos a necessidade do ar em movimento, através do sopro do músico para produzir o som, a perturbação de cordas e peles para vibração nos instrumentos de corda e percussivos, movimentos mecânicos, no caso da sanfona, e eletricidade, na guitarra e baixo elétrico. Identificamos as formas de energias produzidas para a produção do som a partir da maneira que o instrumento musical é tocado, pela velocidade de deslocamento do ar no sopro, interação por força de contato entre o instrumento e seu periférico e o consumo de energia elétrica para amplificação do som produzido. Esta análise mostra que ao nos aprofundarmos neste quadro da série, em específico, podemos identificar vários conceitos físicos que podem ser construídos, a partir deste recorte, através de um produto cultural.

Palavras-chave: Música. Televisão. Cultura. Ciência.

Criança, imagem e divulgação científica no Youtube: comparando produções na rede social

Shaila Regina Herculano Almeida Maximo¹
Emerson Izidoro dos Santos²
Universidade de São Paulo

RESUMO: A divulgação da ciência pode se dar em muitos formatos, em muitos vieses e para diferentes públicos. Atualmente, as possibilidades de disseminação de informações científicas estão cada vez mais diversificadas e possibilitam formas criativas e atrativas para esse fim (BUENO, 2010). As redes sociais, inclusive, têm sido plataformas que cooperam para que pessoas de todas as idades possam não só acessar conteúdos e informações novas sobre a ciência mas também participar de forma ativa no desenvolvimento de produções que remetam a esse assunto (JENKINS, 2009). As crianças, que também são produtoras ativas de conteúdos da internet, inclusive científicos, têm se valido de plataformas como o Youtube para divulgar suas produções e suas imagens para um público cada vez maior e mais abrangente. Dessa forma, elas atingem, muitas vezes, grupos de pessoas que podem ou não fazer parte de sua faixa etária, com informações científicas que podem ser complexas, mas que têm sua abordagem facilitada por novos instrumentos de fácil manuseio oferecidos pelas tecnologias digitais atuais e disponíveis para qualquer pessoa que se disponha a aprendê-los e a se apresentar para um público amplo mas virtual (DIAS, 1999; MONTEIRO, 2018). Nesse momento de isolamento social, as crianças estão ainda mais expostas a esse novo formato de produção de conteúdos por meio da internet e das

¹ shaila.almeida@hotmail.com

² emerson.izidoro@unifesp.br

redes sociais, já que seu cotidiano tem se limitado a atividades dentro de casa e sem contato com outras pessoas de forma presencial. (DESLANDES; COUTINHO, 2020). A justificativa de tal trabalho se deve à necessidade de se estudar a participação das crianças na produção de conteúdos virtuais que se propõem a apresentar a ciência a outras crianças ou outros grupos, já que há um aumento exponencial nesse tipo de produção em plataformas de fácil acesso ao público em geral. A partir de uma comparação entre dois vídeos produzidos por crianças com conteúdos que remetem a temas científicos, este trabalho se propôs a fazer uma análise qualitativa dos conteúdos, buscando verificar se estes vídeos realmente cooperam para a divulgação da ciência em relação ao fazer científico, sendo, para isso, utilizado o trabalho de Carvalho (1998). Também houve a finalidade de se analisar como as crianças têm se apropriado de plataformas e redes sociais como o Youtube para divulgar suas produções culturais e suas imagens a partir de tais vídeos que empregam temas científico em seus títulos e descrições, tendo como base os trabalhos de Sibilia (2008) sobre a divulgação da imagem e Burgess e Green (2009) sobre a popularidade e o Youtube. Verificou-se que, no caso dos dois vídeos analisados, as crianças envolvidas tiveram condições de apresentar seus resultados a um grande público na internet, empregando em seus vídeos recursos tecnológicos que não estão disponíveis a uma grande parcela da sociedade. Os resultados diferiram de acordo com as condições sociais dos dois meninos que apresentavam os vídeos e com a interferência ou não de adultos no conteúdo. Os temas relacionados à ciência renderam muitas visualizações e uma interação considerável com o público, principalmente quando o conteúdo não se aproximava da metodologia científica, mas sim de brincadeiras que poderiam servir para saciar a curiosidade infantil. Já quando foram abordados temas científicos com uma linguagem mais aproximada da ciência, o público infantil não pareceu ser o principal público-alvo e a popularidade das produções diminuiu. Além disso, diversas partes dos vídeos demonstram um compromisso em menor ou maior

grau com a lógica mercadológica. Dessa forma, foi possível concluir que a ciência traz aos produtores mirins de conteúdos do Youtube, especificamente nos casos analisados, uma popularidade considerável, desejada por muitas crianças e adultos. Além disso, as crianças têm se demonstrado cada vez mais ativas na cultura digital e em produções que chamam a atenção não só do público infantil mas também do adulto. Redes sociais como o Youtube podem ser canais muito relevantes para a divulgação científica, mas, por terem como objetivo o lucro e o entretenimento, oferecem ao público cibernético todo o tipo de informação. Assim, as produções relativas à ciência no Youtube devem ser vistas com cautela no caso de sua utilização para fins educacionais ou de divulgação de informações científicas, já que não se pode garantir a apresentação de um conteúdo com qualidade ou com um compromisso com o fazer científico.

Palavras-chave: divulgação científica, criança, redes sociais, Youtube

Jornalismo científico e alfabetização científica: uma análise dos vídeos *2 minutos para entender*, publicados no Facebook da revista *Superinteressante*

Victor Luis dos Santos Barbosa¹
Universidade Estadual Paulista

RESUMO: A análise apresentada por esse trabalho integra uma análise ampliada presente na dissertação de Mestrado *Revista Superinteressante no Facebook: uma análise dos vídeos publicados na plataforma e das interações promovidas*, defendida em agosto de 2018 no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (FAAC/Unesp). A dissertação propôs analisar o conteúdo pela consolidada revista *Superinteressante*, que desde maio de 2015 iniciou uma produção maciça de vídeos, postados na página do Facebook da revista, estabelecendo, com isso, uma considerável mudança de formato e plataforma. Entre esses vídeos, surgiu a série *2 minutos para entender*, com conteúdos produzidos utilizando ilustrações e uma locução (no denominado estilo *draw my life*). A proposta aqui é apresentar a análise de dois dos vídeos, *2 minutos para entender – Zika Vírus*, e *2 minutos para entender – Cultura do Estupro*, que foram os primeiros conteúdos de jornalismo científico nesse estilo a serem publicados no Facebook, respectivamente, em abril de 2016 e junho de 2016. O aparato teórico inclui autores como Vogt (2003; 2011) e Bueno (2009; 2010), que trabalham com toda a hierarquia de conceitos relacionados ao próprio campo da ciência e à divulgação de resultados científicos. Vogt (2011) indica que a concepção de cultura científica envolve desde a própria geração de conhecimento

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista.
victor.santosjor@gmail.com

até as questões que incluem a alfabetização ou literacia científica, além da popularização científica, e ainda a percepção pública a respeito da ciência. Como explica o pesquisador, todas essas questões se relacionam à necessidade essencial da ciência de tornar públicas as suas descobertas, e formam a denominada espiral da cultura científica (VOGT, 2003; 2011). Dentro dessa espiral, localiza-se a denominada divulgação científica, responsável por fazer com que a informação científica se destine à sociedade no geral (VOGT, 2003). Bueno (2010) discorre sobre as intenções da divulgação científica, que teria como uma de suas funções estabelecer condições para a denominada alfabetização científica, que diz respeito à capacidade da divulgação científica de incluir os cidadãos nos debates sobre os temas relacionados à ciência. O jornalismo científico surge, então, como um desdobramento desse processo de divulgação científica, em uma “relação estreita do tipo gênero-espécie” (BUENO, 2009, p. 158). Por meio da redação, os jornalistas dessa editoria devem traduzir ou explicar o conhecimento científico para pessoas que podem ou não ser cientistas, lidando com amplas e diversas áreas do conhecimento fortemente organizadas. Bueno (2009) realça alguns pontos essenciais: a questão de que o jornalismo científico não se limita a apenas algumas áreas do conhecimento, como as Ciências Físicas e Biológicas, englobando também as Ciências Humanas, e o fato de que o conteúdo de jornalismo científico estava desde aquele momento cada vez mais presente na internet, em sites, blogs, portais jornalísticos, e ainda “em alguns espaços privativos em redes sociais, listas, ou grupos de discussão, fóruns, ou, até mesmo, no Twitter” (BUENO, 2009, p. 164). A análise desse trabalho se situa justamente nessa intersecção entre o jornalismo científico e as redes sociais. A metodologia consiste na Análise de Conteúdo (AC), estruturada por meio do protocolo de análise de conteúdo para notícias científicas em telejornais de Ramalho *et al.* (2012), construído pelos pesquisadores dos dez países que compõem a Rede Ibero-Americana de Capacitação e Monitoramento em Jornalismo Científico, e escolhido por se tratar de um protocolo para

análise de um produto audiovisual. O protocolo considera a notícia inteira como uma unidade de análise; assim, os dois vídeos aqui apresentados passaram por um filtro inicial de análise da amostra, com os pré-requisitos para que uma matéria seja considerada uma notícia de ciência. Posteriormente, foram analisados a partir de três categorias de análise do protocolo: Tema, Tratamento e Narrativa. Em relação ao Tema, observa-se que um deles se situa na área de Ciências Sociais e Humanidades, ratificando a afirmação de Bueno (2009) sobre essa área também ser considerada pauta para jornalismo científico; o Tratamento de ambas as pautas focou especialmente recursos visuais, explicações de conceitos e termos, informações de contexto e recomendações aos espectadores, enquanto a Narrativa abordou novas pesquisas e antecedentes científicos, e no caso do vídeo sobre o zika vírus, trabalhou a questão das incertezas científicas em relação a vacinas e tratamento. Dessa forma, o trabalho jornalístico com pautas mais “quentes” como epidemias e cultura do estupro, tópicos que encontram ressonância no noticiário atual, vai ao encontro daquilo que Vogt (2011) aponta como essencial: inserir os cidadãos em debates ligados ao campo científico, tornando essas questões acessíveis e auxiliando na construção de uma alfabetização científica. Ao mesmo tempo, o fato dos vídeos de 2 *minutos para entender* terem sido descontinuados após um ano promove reflexões acerca de até que ponto as rotinas produtivas do jornalismo tradicional conseguem absorver demandas de complexa produção, como era o caso desses vídeos, para postagem e compartilhamento nas redes sociais.

Palavras-chave: Jornalismo Científico. Alfabetização Científica. Superinteressante. Análise de Conteúdo. Redes sociais

Science Vlogs Brasil: pesquisa exploratória sobre os canais

Ana Beatriz Camargo Tuma¹
Universidade de São Paulo

RESUMO: A pesquisa exploratória tem como intuito traçar um mapeamento prévio do terreno a ser explorado no decorrer da pesquisa principal (MARTINO, 2018), neste caso, de nossa tese de doutorado em desenvolvimento. Esta etapa do trabalho justifica-se visto que o estado da arte feito por nós indica um ainda pequeno número de investigações sobre nossos objetos de estudo, os *vlogs* de divulgação científica (DC) no YouTube. O que nós fizemos foi explorar, minuciosamente, todos os canais do *Science Vlogs Brasil*, o *SVBR*, no início de abril de 2020 com o objetivo geral de conhecê-los melhor e selecionarmos quais deles seriam nossos objetos. Para tanto, criamos uma tabela com as seguintes informações: nome do canal; qual(is) áreas do conhecimento aborda com frequência, com base nos colégios estabelecidos pela Capes (Ciências da Vida, Humanidades e Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar); anos de criação do canal e de veiculação do primeiro vídeo; quem geralmente apresenta os últimos vídeos publicados; número de inscritos; e se publicou pelo menos uma vez nos três primeiros meses de 2020. Com a última atualização ocorrida em outubro do ano anterior, no total, à época, existiam 60 canais mais o do próprio *SVBR*. A partir dos dados coletados, pudemos notar, primeiramente, que dos 61 canais, 50 (82%) estavam ativos no primeiro trimestre de 2020, ou seja, tinham feito pelo menos uma publicação de vídeo. Dos inativos, chamou a nossa atenção o fato de que um deles não publicava desde 2015, dois desde

¹ anabeatriztuma@usp.br

2016 e dois desde 2017, funcionando apenas como arquivos de conteúdos audiovisuais. Também percebemos que a maior parte dos 61 canais se concentrava, majoritariamente, em temáticas referentes às Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar (25; 41%) seguidos pelas Ciências da Vida (13; 21%), Humanidades (12; 20%) e, finalmente, todas elas (9; 15%). Ressaltamos que dois deles abordavam, à época, as Humanidades e as Ciências da Vida (3%) concomitantemente. Os anos de criação do canal e de publicação do primeiro vídeo são bastante diversificados, indo de 2006/2006 a 2018/2019. Como se nota, as datas nem sempre coincidem, já que o canal pode ter sido criado e recebido a primeira publicação apenas no ano seguinte ou depois. Outro ponto observado por nós é que a maioria tinha, no geral, apresentadores do gênero masculino (44; 72%), seguidos por de ambos os gêneros (11; 18%) e pelo feminino (6; 10%). Destacamos que os narradores de dois canais também apenas faziam a narração dos vídeos em outros dois. Ademais, percebemos uma variedade de formações acadêmicas, desde pessoas que estavam na graduação até as com pós-doutorado. A respeito da quantidade de inscritos nos canais em 7 de abril de 2020, data em que fizemos a coleta destes dados, três tinham mais de um milhão (5%), 16 possuíam mais de 100 mil (26%) e os demais 44 tinham menos de 100 mil (69%), constituindo-se, portanto, em maioria. Apesar de a iniciativa analisada chamar-se *Science Vlogs Brasil* e ter como objetivo a DC, ressaltamos que nem todos os canais podem ser considerados *vlogs* de divulgação científica. O motivo é que alguns deles possuem outros formatos e/ou são voltados para públicos específicos, como os que publicam, exclusivamente, videoaulas de matemática ou física para vestibulandos. Diante do mapeamento traçado, foi possível criarmos uma pequena lista com possíveis canais para serem analisados por nós. Com o intuito de decidirmos, de fato, quais seriam eles, enviamos e-mails para os(as) cientistas *youtubers* dos *vlogs* convidando-os(as) para participarem de nossa tese, já que na fase seguinte, a pesquisa empírica, eles(as) seriam entrevistados(as). Dos cinco primeiros e-mails enviados, dois nunca chegaram

a ser respondidos. Como nossa meta eram cinco canais, enviamos para outros dois, que prontamente aceitaram nosso convite. Dessa maneira, foi possível elegermos nossos objetos de estudo, o que configura esta tese como um estudo multicasos, sendo eles: *Universo Narrado*, *Arqueologia pelo Mundo*, *Canal do Pirulla*, *Dragões de Garagem* e *Colecionadores de Ossos*. É necessário destacarmos que, para a seleção realizada, buscamos levar em conta a diversidade dos *vlogs* de DC, escolhendo canais ativos em 2020 e que divulgavam diferentes áreas do conhecimento, além de terem distintos anos de criação e de publicação do primeiro vídeo, números de inscritos e graus de formação acadêmica dos(as) cientistas *youtubers*, procurando ter em igual quantidade canais apresentados por mulheres (dois) e por homens (dois) e um por ambos.

Palavras-chave: Divulgação científica. Science Vlogs Brasil. YouTube.

Curta Ciência: pontes de saberes em webséries

Eveline Stella de Araujo¹
Guilherme de Paula Pires²
Valquíria Michela John³
Universidade Federal do Paraná

RESUMO: Introdução: Na contemporaneidade, popularizar o conhecimento científico produzido nas Universidades Federais tornou-se uma questão urgente. No momento em que discursos oficiais pedem o fim das Universidades Públicas, divulgar o conhecimento científico possibilita à sociedade o acesso aos resultados e permite a discussão dos impactos e aplicações possíveis, construindo a presença da ciência no cotidiano das pessoas. **Objetivo:** O *paper* aqui proposto trafega entre relato de experiência e reflexão crítica sobre comunicação pública e prática de divulgação científica em tempos de cibercultura, o objetivo é expor a experiência dos pós-graduandos em Comunicação e profissionais do setor audiovisual da Universidade Federal do Paraná (UFPR) na produção do programa *Curta Ciência*, uma websérie com episódios de curta duração, entre três e cinco minutos, sobre as teses e dissertações indicadas ao Prêmio Curta Ciência UFPR. **Justificativa:** Na sociedade contemporânea, a proeminência do olhar como sentido imediato de

¹ Dr^a em Saúde Pública (USP) e Doutoranda em Comunicação (UFPR), bolsista Capes-DS entre ago./dez-2019, integrante do GRAVI-USP e NEFICS-UFPR, evearaujo@hotmail.com

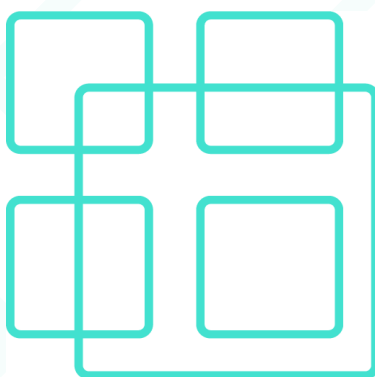
² Mestre em Jornalismo (UFPR) e Doutorando em Comunicação (UFPR), guilhermedepaulapires@gmail.com

³ Dr^a em Comunicação Social (UFGRS), Professora permanente do PPGCOM-UFPR e do DECOM-UFPR, atua na Agência Escola de Comunicação Pública e Divulgação Científica da UFPR vmichela@gmail.com

reciprocidade foi denominada de sociedade “ocularcêntrica” e propõe que exista uma reflexividade contagiante e dialética, com função epistêmica e simbólica (MACHADO PAIS, 2010). Dentre as redes sociais que buscam pela primazia do olhar o *Youtube* é a mais antiga, criada em 2005, sendo a mais acessada. Autores como WOLTON (2012), CASTELS (2013), SCOLARI (2015) tratam de modo crítico e reflexivo a formação de comunidades virtuais e redes sociais, a partir de pontos de interesse temáticos e fornecem pistas para o ciberespaço. **Método:** A partir dessas premissas e autores, o programa *Curta Ciência* procura estar presente na vida da sociedade em geral, com vídeos capazes de gerar curiosidade e interesse por temas da ciência abarcando todas as áreas do saber. A *Websérie Curta Ciência* atende a alguns critérios importantes para possibilitar o diálogo social e a formação de redes: utiliza-se de uma linguagem simples e acessível, ilustra os temas com grafismos, busca pontos de aproximação com o cotidiano social, favorece o protagonismo do aluno-pesquisador. Fornece ainda várias aplicações dos episódios, como em atividades escolares, material ilustrativo para veículos de comunicação e postagens nas redes sociais, pelo seu caráter público, por sua facilidade de upload e sincronização permite ainda uma infinidade de interconexões com outras redes sociais. **Discussão e Resultado:** O programa *Curta Ciência* pode ser acessado pela playlist <https://www.youtube.com/playlist?list=PLL0F8St54WmRmdFdXGKv8ntN4awFK7y7U> e até o momento conta com oito episódios. A produção teve início em agosto de 2019 e durante o período da pandemia foi necessário adaptar o formato de produção para atender as necessidades sanitárias, o que gerou um processo de formação em mídias para os cientistas e pesquisadores da comunidade interna via sistema remoto. O trabalho de montagem é a parte mais desafiadora para tornar o conteúdo interessante e atraente para o grande público. Na produção do episódio sete, sobre Guerra Civil da Colômbia, por exemplo a fala da pesquisadora foi gravada em outro país e encaminhada para a produção, isso dificulta o tratamento do material se não houver um bom diálogo entre produtores e pesquisadores, que muitas vezes não tem familiaridade

com a linguagem audiovisual. O episódio oito sobre Sistema de Cores para pessoas com deficiência visual teve como desafio buscar imagens de acervos que tivessem o cotidiano de pessoas cegas, depois de várias tentativas com os institutos de cegos, utilizou-se imagens do trailer do filme *Ensaio sobre a Cegueira*, de Fernando Meirelles, que foi contactado e liberou a utilização. Os episódios que superaram as expectativas foram o episódio 1, sobre os benefícios do mel das abelhas sem ferrão, onde as filmagens foram realizadas na parte do bosque do Centro Politécnico e somado aos grafismos colaboraram bastante na explicação e o episódio três sobre tratamento transpessoal de idosos, houve a colaboração de acervos de imagem do Asilo São Vicente de Paula, em Curitiba, e do cineasta português André Pereira, pois tratava-se de um estudo comparativo Brasil-Portugal, que somados a narrativa da pesquisadora gerou bom impacto visual. Assim, os temas abordados tratam desde pesquisas sobre morfologia de terras indígenas até inovação em tratamentos hospitalares. O episódio inaugural sobre as abelhas tem 840 visualizações, é o mais acessado, seguido do episódio cinco que trata sobre exercícios físicos para o tratamento da fibromialgia, com 304 visualizações. Os demais têm uma média 130 visualizações. O que aponta para uma necessidade de melhorar os mecanismos websemânticos e algorítmicos para ampliar a disseminação desses conhecimentos. Novas iniciativas de divulgação científica que surgem todos os dias na internet e demonstram a importância que essa atividade adquiriu nas últimas décadas. Assim, o programa *Curta Ciência* não é uma ação isolada na UFPR, que conta com outros produtos comunicacionais produzidos pela Agência Escola UFPR e pela Agência Inovação e Tecnologia, além da produção de *lives* e *podcasts*. A UFPR ainda apoia outros eventos públicos como o *Pint of Science*, entre outras iniciativas potencializadas em projetos de extensão.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Webséries. Comunicação.



SESSÃO 8

QUINTA-FEIRA, 8 DE OUTUBRO, 15h

A comunicação organizacional e as instituições de ciência, tecnologia e ensino: o caso da APTA

Fernanda Domiciano da Silva¹
Maria Beatriz Machado Bonacelli²
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: A divulgação científica é uma importante ferramenta para a disseminação dos resultados e das atividades científicas, mas não só isso. É também fundamental para a formação de novos cientistas e para a democratização do conhecimento, a fim de que os cidadãos tenham poder no processo de tomada de decisão sobre a política científica e os rumos da ciência, além de se apoderarem do conhecimento para resolver problemas e conflitos da vida cotidiana. Muitas vezes, porém, quando se fala da divulgação científica no âmbito de instituições de ciência e tecnologia, como forma de fortalecimento da imagem institucional junto a seus diversos públicos de interesse para legitimação de suas atuações e até mesmo angariamento de recursos públicos e privados, na verdade se está falando da chamada comunicação organizacional. Segundo Brandão (2006), o objetivo da comunicação organizacional é criar relacionamentos com os diversos público da organização e construir uma identidade e imagem dessas instituições. A necessidade desse relacionamento e aproximação do público amplo é ainda mais relevante no momento atual de intensificação da crise financeira devido à pandemia do novo coronavírus. É também um momento de oportunidade para divulgação das atividades e contribuição

¹ fernandadomiciano@gmail.com

² biabona@unicamp.br

das instituições científicas, em evidência neste momento de contestação da Ciência e do conhecimento científico. De acordo com Mafrá (2016), as atividades da comunicação organizacional podem dar respostas às instituições científicas a partir de uma política que estimule, acolha e administre o diálogo público. O autor defende que a comunicação organizacional pode provocar aberturas, aprendizados e humanização, principalmente quando inserida em contextos democráticos e plurais. Apesar da potencialidade deste tipo de comunicação para as organizações científicas, Bueno (2017) afirma que existe uma ruptura entre a teoria e a prática desse tipo de atividade no Brasil. Segundo o autor, as universidades não praticam como deveriam uma cultura de comunicação e não assumem, em geral, essa prática como estratégica. Além disso, para ele, essas instituições não realizam um processo efetivo de comunicação e repetem o modelo de transmissão da informação. Bueno afirma que na universidade a comunicação não permeia todos os níveis e seus dirigentes a enxergam em uma perspectiva meramente instrumental. Para ele, há carência de recursos humanos e materiais, falta de visão sobre o público-alvo que se deseja atingir e os servidores da área possuem pouca autonomia para traçar diretrizes e estabelecer planos de ação. Apesar de fazer uma análise sobre a comunicação organizacional das universidades, os pontos levantados por Bueno podem ser percebidos nos seis Institutos e 11 Polos Regionais que formam a Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), uma das principais instituições de pesquisa da área agropecuária do País. Pesquisa realizada nos Centros e Núcleos de Comunicação das unidades da APTA mostra que, assim como pontua o autor, falta ao setor de comunicação da Agência um documento orientador – ou uma política de comunicação – e autonomia para seus servidores. O estudo, baseado em levantamento de dados secundários e primários, também mostra a necessidade de aperfeiçoamento e atualização das ferramentas de comunicação e divulgação científica, além de comunicação organizacional na APTA para atingir seus diversos públicos de interesse, sendo o uso das redes sociais um exemplo de

plataforma a ser adotada. A dificuldade de implementação dessas novas ações esbarra, entre outros fatores, na baixa porcentagem dos servidores do setor possuírem formação em áreas ligadas à comunicação – dos 45 profissionais dos departamentos, apenas 17,7% têm formação em comunicação social. Atualmente, nenhum dos sete diretores de Centro de Comunicação possui graduação em comunicação. Soma-se a isso a personalidade jurídica da instituição, que é ligada diretamente ao governo do Estado de São Paulo, precisando, dessa forma, seguir as diretrizes de instâncias superiores. Os resultados a serem apresentados no EDICC 2020 fazem parte da dissertação “Divulgação científica e a pesquisa agropecuária do estado de São Paulo: o caso de duas tecnologias da APTA”, da primeira autora deste resumo, que está sendo desenvolvida no Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas.

Palavras-chave: divulgação científica. comunicação organizacional. APTA.

Ciência ao Pé do Ouvido: como a UFU se comunica com a sociedade por meio de podcast

Thiago Augusto Arlindo Tomaz da Silva Crepaldi¹
Diélen dos Reis Borges Almeida²
Jhonatan Dias Gonzaga³
Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO: Em um contexto sócio-político de desvalorização da ciência, com constantes cortes no financiamento e com a propagação de falsas controvérsias, a divulgação científica se coloca como uma ferramenta fundamental para salvaguardar e democratizar os saberes científicos para a sociedade, que é a maior financiadora de pesquisas no Brasil. Nesta direção, a Divisão de Divulgação Científica, vinculada à Diretoria de Comunicação Social da Universidade Federal de Uberlândia (Dirco/UFU), lançou, em fevereiro deste ano, o *podcast* “Ciência ao Pé do Ouvido” (<https://anchor.fm/cienciaaopedoouvido>), um projeto de comunicação pública que se propõe a falar sobre cotidiano e ciência em um único assunto. Como o próprio nome sugere, o *podcast* tem por propósito aproximar a comunidade externa dos temas relacionados ao conhecimento científico. O trabalho aqui exposto tem por objetivo apresentar um relato de experiência de caráter descritivo sobre a produção desse programa. Essa exposição se ancora em referenciais teóricos da divulgação científica como Luisa Massarani (1998) e Wilson Costa Bueno (2014). Além disso, busca aproximar-se de pesquisadores que se debruçam sobre a mídia *podcast*, por

¹ jornalismothiagocrepaldi@gmail.com

² dielen@ufu.br

³ jhonatandias.jor@gmail.com

exemplo, Marcelo Kischinhevsky (2017) e Lênio Mendes (2019). Esse último conjunto de autores é otimista quanto à inserção de pautas científicas em *podcasts*, por conta da linguagem acessível característica dessa mídia. Além disso, pela facilidade que os ouvintes têm de acessar os arquivos onde e quando o ouvinte quiser. Posto assim, esses produtos se mostram potentes ferramentas para a divulgação científica. Mas a mensuração desse grande potencial ainda é incipiente no Brasil. Nesse cenário, esse relato se justifica por se juntar ao esforço científico para a compreensão das potencialidades da produção de *podcasts* de ciência na materialização da difusão dos conhecimentos, na medida em que se propõe a compartilhar a divulgação científica feita no “Ciência ao Pé do Ouvido”. Para tanto, esta exposição é de natureza qualitativa, pois, como afirma Gil (1999), busca-se compreender, com base em dados qualificáveis, a realidade de um fenômeno; e é de caráter descritivo, visto que se “pretende descrever com exatidão os fatos” dessa realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 110). Temático e mensal, além das entrevistas com, ao menos, dois cientistas com propriedade no assunto, integram-se ao *podcast* dois quadros: “Diz Aí”, no qual o público em geral faz perguntas sobre o assunto do programa e os especialistas as respondem, e “Anexos”, espaço dedicado a oferecer dicas e sugestões que, em alguma medida, estejam relacionadas à discussão temática de cada episódio. Os programas têm duração média de uma hora, são disponibilizados nos principais agregadores de *podcast* e são produzidos por jornalistas da Dirco/UFU, auxiliados pela equipe de estagiários e voluntários do projeto. Até agosto de 2020 foram produzidos sete episódios: #00 Coronavírus; #01 Mulheres na Ciência; #02 Ciência brasileira contra o Coronavírus; #03 Como superamos crises?; #04 Comemos bem?; #05 Inteligência Artificial; #06 Arte para viver. Como se percebe, os programas pautam temas de áreas diversificadas do conhecimento. Esses conteúdos são definidos na primeira reunião de pauta do mês realizada pelos membros do setor de Divulgação Científica da UFU. Depois de estabelecer o tema, são propostos angulações e recortes, bem como indicações

de fontes da internas (pesquisadores vinculados à UFU) e externas (especialistas de fora da UFU) para participarem do episódio. Em seguida, a equipe se junta e se empenha em produzir o quadro “Diz Aí”, pois é por meio dele que se torna possível ouvir as dúvidas das pessoas externas à universidade e também se ampliam as fontes de contatos para popularização do *podcast*. Assim se dá o processo de construção dos episódios. O programa conta com os estúdios da Rádio Universitária, da Fundação de Rádio e Televisão de Uberlândia (RTU), para as gravações. Mas, no contexto da pandemia, para a segurança da equipe e dos entrevistados, toda a produção tem sido realizada a distância, respeitando o distanciamento social importante para a redução da propagação da Covid-19. Em relação aos dados das plataformas em que os ouvintes mais consomem o *podcast*, o *Spotify* aparece em primeiro lugar (59%) e o Anchor em segundo (37%). Pelos dados do *Spotify*, no que diz respeito ao gênero, 51% são mulheres, 45% homens e 1% se considera não binário. Além disso, a maioria dos ouvintes tem 18 a 22 anos (32%), seguido de 23 a 27 anos (25%). No somatório de todos os programas já ultrapassaram os 1.200 plays. Quanto à distribuição geográfica a maioria da audiência está no estado de Minas Gerais (64%), seguido de São Paulo (13%) e Pernambuco (6%). Posto isto, percebe-se que o *podcast* “Ciência ao Pé do Ouvido” soma forças a diversas ações promovidas pela Dirco/UFU e corrobora o compromisso da UFU em valorizar e democratizar o acesso da sociedade aos conhecimentos científicos. Isso se intensifica na medida em que os conteúdos apresentados adentram nos bastidores da produção científica, pois contribui para a redução do distanciamento que ainda há entre cientistas e não cientistas.

Palavras-chave: divulgação científica, podcast, Ciência ao Pé do Ouvido, comunicação pública.

Agências de notícias científicas no fomento da cultura científica no Brasil: a agência de notícias da Universidade Federal do Ceará

Cristiano Teixeira de Sousa¹
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

RESUMO: Este trabalho faz parte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)² de graduação em Comunicação Organizacional. O objetivo é refletir sobre o potencial de agências de notícias científicas nas universidades federais brasileiras, a fim de contribuir para o fomento de uma cultura científica no País. Pretende-se evidenciar os resultados alcançados pela Agência de Notícias Científicas da Universidade Federal do Ceará (UFC), referentes aos exercícios de 2018 e 2019, no que se refere às publicações e replicação de notícias na mídia. Os conceitos de Comunicação Pública da Ciência (CPC), que diz respeito à produção e difusão do conhecimento; e de Comunicação Organizacional, que diz respeito a toda e qualquer ação, atividade, estratégia, produto e processo para reforçar a imagem de uma organização junto aos públicos de interesse ou perante à opinião pública, se aproximam, na medida em que a Divulgação Científica pode se basear na ideia de atividade meio para a produção científica e tecnológica. Aliadas a esse entendimento, as agências de notícias científicas, no âmbito das universidades, têm como atribuição elaborar e distribuir conteúdo jornalístico de forma contínua, relacionado às pesquisas e produções científicas, contribuindo para a

¹ cristianosousa@alunos.utfpr.edu.br

² O estudo, orientado pelo Prof. Dr. Wellington Teixeira Lisboa, integra o “Grupo de Pesquisa Estudos em Comunicação Organizacional: Cultura, Discursos e Processos Identitários”, certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

promoção do conhecimento científico, junto aos setores mais amplos da sociedade, entre os quais os veículos de Imprensa. Com base na literatura sobre CPC e Comunicação Organizacional, assim como no exemplo da UFC, que implantou sua agência de notícias científicas em agosto de 2017, pretende-se demonstrar a contribuição dessas agências para a popularização da Ciência e Tecnologia e para o desenvolvimento de uma cultura científica no País, principalmente nos tempos atuais, em que observa-se a Ciência sendo posta em xeque e ignorada por certos grupos sociais, além da ascensão do negacionismo (em relação à Ciência) e deterioração do papel das universidades públicas. A mídia tem a função de pautar as discussões de interesse público, sendo muitas vezes uma das principais fontes de informação sobre Ciência para a população. Por isso, é fundamental que as questões relacionadas à Ciência e Tecnologia sejam abordadas pelos meios de comunicação de massa, alcançando a sociedade. Dados da quarta edição da pesquisa Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil, encomendada em 2015 ao Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), pelo então Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), apontam quantidade de matérias insuficientes, em relação às descobertas científicas e tecnológicas, em pelo menos três meios de comunicação: TV (36% dos entrevistados); Internet (23% dos entrevistados); e jornais impressos (37% dos entrevistados). Esses números sinalizam o desafio latente das instituições de pesquisas científicas e tecnológicas brasileiras, em especial as universidades federais, principal reduto da produção científica nacional. Ao todo, o Brasil tem 69 universidades federais, distribuídas por todos os 26 estados e o Distrito Federal. Todas as unidades federativas contam, ainda, com institutos federais de Educação, Ciência e Tecnologia, que são instituições de ensino superior especializadas em Educação Profissional e Tecnológica. A população respeita, valoriza e tem interesse em descobertas científicas e tecnológicas, no entanto ainda existe uma brecha a ser preenchida nessa área, de modo que a sociedade reconheça, entenda e, de fato, se aproprie da Ciência. A implantação de agências de notícias

científicas nas universidades federais brasileiras pode contribuir para a compreensão e a percepção dos cidadãos sobre a Ciência, atuando como instrumentos de popularização da Ciência e de promoção da cultura científica. Essas agências de notícias também podem converter o conteúdo de pesquisas em algo palatável para o público geral, ampliando o impacto das descobertas científicas, tecnológicas e inovadoras, e tornando os cidadãos mais conscientes e agentes transformadores nas comunidades em que vivem. Conforme dados obtidos na fonte primária, entre 2018 e 2019, por meio da Agência UFC de Notícias, várias pesquisas tornaram-se conhecidas, reforçando a imagem da Universidade como produtora de conhecimento, com efeito positivo no avanço da Ciência. Nesse período, foram publicadas 96 matérias no site da Agência, entre produções escritas, vídeos e áudios. Os conteúdos foram replicados, pelo menos, 319 vezes em veículos da Imprensa locais, regionais e nacionais, entre emissoras de rádio e TV, jornais impressos, portais de notícias e blogues. Em média, cada publicação alcançou 1.563,2 mil pessoas. Essas notícias também obtiveram visibilidade nas redes sociais da UFC, segundo indicadores de audiência dessas mídias. Cada post relacionado às matérias alcançou, em média, os seguintes números de usuários: Facebook – 18.544; Twitter – 3.100; Instagram – 6.395. Tais resultados evidenciam o potencial e o caráter estratégico da Divulgação Científica, que constitui um desafio e uma necessidade para as instituições públicas de ensino superior brasileiras, embasada nos conceitos da CPC e da Comunicação Organizacional.

Palavras-chave: Agências de notícias científicas. Comunicação organizacional; Comunicação pública da ciência; Cultura científica. Divulgação científica.

Popularização da ciência: mapeamento e análise de projetos realizados no nordeste brasileiro

Paulo Jefferson Pereira Barreto¹
Universidade Federal do Ceará

RESUMO: Este trabalho faz parte de uma pesquisa ainda em vigência, cujo objetivo é realizar um mapeamento de projetos para popularizar e divulgar ciência no Brasil. No primeiro estágio do estudo, o foco é a região Nordeste, onde o trabalho é inicialmente empreendido. A questão de partida é saber em que medida as políticas atuais estão sendo eficazes na construção de um projeto público nacional contínuo, e não fragmentado e desigual, de iniciativas. Por isso, cremos na possibilidade de levantamentos dessa natureza terem relevância. Isso porque, mapear o que tem sido feito pode nos ajudar a entender a efetividade dos projetos em andamento enquanto reflexos de políticas ou da necessidade de políticas públicas na área. Para isso, devemos entrar na seara das discussões sobre políticas públicas para popularização da ciência no Brasil, acompanhando o que já tem sido discutido por estudiosos da área (NAVAS, 2008; BONATTO, 2012; FERREIRA, 2014; OLIVEIRA, D.; GIROLDO, D.; MARANDINO, M., 2017), e os relatórios oficiais sobre percepção pública da ciência no país. Nesse sentido, o centro do debate se volta para os conceitos de popularização e divulgação científica, que muito embora possam ser tratados conforme critérios próprios (ALBAGLI, 1996; BUENO, 2010; CAMARGO, 2015; NUNES *et al.*, 2019), convergem em muitos pontos e estão intrinsecamente ligados. À luz desses conceitos, guiaremos a pesquisa, mapeando ações no âmbito da prática de eventos para popularização da ciência e na esfera de iniciativas para difundir informações

¹ pjb.jefferson@gmail.com

e conhecimento científicos. O levantamento foi feito a partir de pesquisa online entre os meses de junho e agosto de 2020, considerando buscas na internet, incluindo via Lei de Acesso à Informação (LAI), em caso de projetos desenvolvidos por entidades do poder público. As buscas foram realizadas mediante a combinação de pelo menos cinco itens lexicais agrupados entre si, a saber: 1. Ciência; 2. Popularização científica; 3. Divulgação científica; 4. Projeto (s); 5. Nome do estado na região pesquisada. Assim, os dados encontrados foram compilados conforme a localização geográfica; a natureza do projeto; a periodicidade; a instituição promotora; o último ano de realização; e os contatos disponíveis para levantamento de informações posteriores, caso necessário. De acordo com a análise, os resultados encontrados até o momento mostram que Bahia, Ceará e Alagoas se sobressaem no Nordeste, tanto em ações de popularização mais práticas quanto em ações de divulgação de informações científicas. Esses estados reúnem o maior número de projetos mapeados, somando os dois tipos de ações (20, 16 e 13, respectivamente). Ao todo, 99 projetos foram catalogados até o momento. Em se tratando das ações de divulgação de informações científicas, nota-se o papel decisivo de mídias digitais, especialmente das redes sociais, no processo de disseminação de informações científicas. Entretanto, esta situação também aponta para a dificuldade em realizarmos mapeamentos mais precisos de projetos na área, uma vez que eles estão dispersos em plataformas distintas, o que indica outro ponto em evidência na análise dos dados: a falta de institucionalização das ações de divulgação científica. A maioria dessas ações são projetos empreendidos individualmente (por sujeitos ou por grupos de indivíduos específicos), vinculados a instituições públicas, geralmente de ensino, e se voltam para áreas como saúde, ciências naturais e exatas. No que diz respeito às iniciativas de popularização científica em eventos, verificou-se a prevalência do poder público como articulador das ações mapeadas e, mais uma vez, as instituições de ensino superior se destacam nesse processo, pois a elas estão ligados a maior parte dos projetos levantados até agora (45%).

No entanto, mais de 32% das ações de popularização identificadas na sondagem são coordenadas pelos estados e pelos municípios, via secretarias de ciência e tecnologia, agências de fomento locais ou secretarias de educação, o que impõe descontinuidade de alguns desses projetos quando ocorrem eventuais mudanças de gestão. Nesse cenário, as tradicionais feiras científicas entre escolas públicas se destacam. A Semana Nacional de Ciência e Tecnologia parece ser o maior evento do tipo no Nordeste, visto que consegue reunir diversas ações na região, embora aconteça em período específico do ano e, nessas condições, não seja possível falar de um projeto nacional permanente e regular durante todo o ano para fomentar o teor participativo e social dos projetos que lidam com atividades de popularização da ciência. Assim, ainda que preliminarmente, os dados levantados ajudam a revelar o cenário desafiador das políticas públicas para popularização e para divulgação da ciência no Nordeste. A falta de institucionalização, a carência de ações nacionais coordenadas na região e a dificuldade de implementação de projetos anuais regulares e fora dos espaços tradicionais parecem persistir. Ter um levantamento nacional desse tipo em mãos também nos ajudaria não só a fazer análises mais precisas sobre o panorama geral no futuro, mas também nos permitiria identificar em quais pontos estamos acertando e onde devemos realizar os ajustes necessários em termos das políticas vigentes.

Palavras-chave: Ciência. Popularização da ciência. Divulgação científica. Nordeste.

Estudo sobre divulgação científica na tríplice fronteira Amazônica: Tabatinga - Brasil / Letícia - Colômbia / Santa Rosa – Peru

Maiber Silva Pedroza¹
Germana Fernandes Barata²
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Há muito tempo a Divulgação Científica - DC vêm sendo o meio que a ciência encontrou para disseminar as informações baseadas em fatos científicos para o público menos capacitado intelectualmente de maneira que sejam compreendidas e que causem inquietações, instigando a autocrítica sobre os conhecimentos adquiridos. A divulgação científica, tem como intenção levar aos olhares da sociedade a importância das instituições da região de tríplice fronteira e todas as ações nelas desenvolvidas, que em alguns casos são realizados de forma nacional/internacional. A importância dos professores e pesquisadores de instituições de ensino e pesquisa da região fronteira para realizar a difusão do conhecimento científico para a população menos favorecida no setor educacional por meio da DC. Por possuírem convênio entre as academias locais, surge a necessidade de intercâmbio entre as instituições, uma vez que estão ligadas pela variedade em pesquisas, direcionadas à biodiversidade das culturas locais, sendo que a comunicação tem um papel fundamental para viabilizar essa ação com a sociedade. Segundo Mueller (2002) o processo de popularização do conhecimento científico possui dificuldades visíveis, onde uma delas está em reduzir conceitos complexos, que exigem

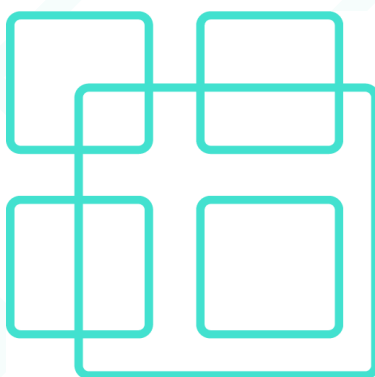
¹ maiber_silva@hotmail.com

² germanabarata@gmail.com

um domínio de conhecimento ou uma linguagem especializada, a uma linguagem compreensível para a população leiga, ou seja, é o processo de adaptação de um texto científico para meios de comunicação popular. Segundo Reis (2002, p. 76), “Durante muito tempo, a divulgação se limitou a contar ao público os encantos e os aspectos interessantes e revolucionários da ciência. Aos poucos, passou a refletir também a intensidade dos problemas sociais implícitos nessa atividade”. Atualmente, a divulgação científica (DC) tem a sua disposição muitas opções para desenvolver suas ações. Para Massarani, Moreira e Brito (2002, p. 9): A divulgação científica é vista e praticada ou como uma atividade voltada, sobretudo para o marketing científico de instituições, grupos e indivíduos ou como uma empreitada missionária de ‘alfabetização’ de um público encarado como um receptáculo desprovido de conteúdo. Os autores Sabine Righetti e Estêvão Gamba, (2019, p. 141) categorizaram as universidades brasileiras em sete grupos e posteriormente as reagruparam em cinco blocos, a seguir a sequência da classificação das universidades: 1) “Públicas Intensas em Pesquisa”; 2) “Públicas Moderadas em Pesquisa”; 3) “Públicas Jovens Hiper-regionalizadas”; 4) “Privadas com Pesquisa” e 5) “Privadas com Foco em Ensino”. As instituições de ensino e pesquisa deste estudo estão localizadas no terceiro grupo, as quais foram abertas “criadas” na expansão recente do ensino superior público com baixa intensidade de pesquisa. Para esta pesquisa, analisaremos as ações de 6 universidades na região da tríplice fronteira, mas, tendo como enfoque as que estão localizadas em Tabatinga/Brasil e Letícia/Colômbia. Apesar de afastada dos principais centros urbanos, os municípios que são conurbados, possuem, em conjunto, inúmeras instituições de Ensino e Pesquisa, além da presença de museus e centros culturais de importante influência na região fronteira. Neste sentido, a indagação que o estudo pretende responder é sobre: Quais ações de comunicação estão presentes para realizar a divulgação científica das instituições para a comunidade em seu entorno? Nossa hipótese é que as instituições de ensino e pesquisa distantes da capital, são protagonistas de sua

região. Diante disso, o objetivo da divulgação científica é transmitir as descobertas embasadas na ciência para a sociedade, nessa perspectiva, o conhecimento científico se faz importante e necessária, para formar opiniões a respeito da ciência de aspecto crítico e assim, reflexionar sobre a vida. Este projeto tem como objetivo primário identificar as ações de comunicação para divulgação científica realizadas pelas instituições em estudo, apresentando as suas produções, mas, sobretudo transmitir o compromisso de estabelecer um diálogo com a sociedade e compartilhar o conhecimento por elas, como um benefício social, tanto informativo quanto educativo. Este estudo é de cunho qualitativo, do tipo estudo de caso e os procedimentos metodológicos escolhidos para a coleta de dados terão característica exploratória com técnicas de revisão bibliográfica, análise documental, questionário virtual e entrevista online. Visando o foco de objetividade do projeto, de como chegar aos resultados sobre a captação e percepção das instituições, além de contribuir com as mesmas, através de como será feita a divulgação científica das instituições selecionadas para a pesquisa. Neste sentido, pretendemos identificar no ambiente universitário e das instituições de pesquisa a existência de investimentos, práticas e estratégias voltadas para divulgar a sua produção científica para o público não acadêmico ou especializado, por meio da análise de documentos institucionais, website, produtos, projetos, editais, políticas e ações voltadas para este objetivo nas instituições de ensino e pesquisa no estado do Amazonas, a nível de reitoria e nas regiões fronteiriças com o Brasil, Colômbia e Peru.

Palavras-chaves: Divulgação Científica; Região Amazônica; Tríplice Fronteira.



SESSÃO 9

SEXTA-FEIRA, 9 DE OUTUBRO, 8h

Harry Potter e as possibilidades de divulgação científica e cultural

Maria Rita Bialtas¹

Taciane Aurora Alves²

Emerson Ferreira Gomes³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

RESUMO: Apesar das mudanças na educação ao longo dos anos, o método tradicional ainda persiste na maioria das escolas, principalmente nas escolas menos favorecidas, no qual o professor “deposita” o conteúdo nos alunos e não ocorre a assimilação com a realidade social em que vivem, chamada por Paulo Freire, em sua obra “Pedagogia do Oprimido”(2013) de educação bancária. Freire nos aponta, possibilidades de superar isso, um método em que os conteúdos escolares possam ser problematizados, de forma em que se priorizasse aspectos dialógicos no processo de ensino-aprendizagem. Em consonância com Freire, temos a obra do pedagogo francês Georges Snyders “A Alegria na Escola” (1988), que afirma que no ambiente escolar, a criança traz consigo seu cotidiano familiar, suas manias, jogos, brincadeiras e desenhos e todas experiências que ela já vivenciou, em que o pensador denomina como “cultura primeira”. Snyders defende que essa cultura primeira, seja incorporada à educação formal, construindo interfaces com a denominada “cultura elaborada”, relacionada aos conteúdos curriculares da escola, que apresentam um aprofundamento temático sobre a ciência, a literatura, a sociedade,

¹ mritabialtas@gmail.com

² tacianeaurora53@gmail.com

³ emersonfg@ifsp.edu.br

entre outros exemplos. Nesse sentido, ao incluir temas e produtos culturais de interesses dos jovens, seria evidenciar o que o autor denomina de “satisfação cultural”. No caso da divulgação científica, temos identificado trabalhos que se valem dessa interface para debater questões sociais e conceituais da ciência (TEIXEIRA *et al*, 2020; CRUZ; GOMES, 2019; PIASSI *et al*, 2019). Pensando nessa relação do indivíduo com o meio, usamos das mídias para o ensino/divulgação da ciência, utilizando como principal referência a obra literária “Harry Potter”. Os volumes da saga Harry Potter são exemplos de produtos culturais presentes na cultura primeira dos estudantes, que possibilitam a construção de situações de divulgação científica de forma dialógica e problematizadora. Nesta pesquisa, analisamos duas situações em que nos valemos da saga para atividades de divulgação da ciência e da cultura, Tais atividades foram realizadas no contexto de um projeto de divulgação científica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, que ocorre dentro do câmpus e em escolas públicas da região. Numa oficina de divulgação científica deste projeto, destinada a estudantes do Ensino Fundamental II, em que o tema era viagem no tempo, abordamos a questão das possibilidades de viagem no tempo, apresentando as diferentes teorias existentes, entre elas o exemplo da viagem no tempo presente no universo de Harry Potter, mostrado em seu terceiro livro, “Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban”, e no oitavo, “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”, por meio do artefato mágico apresentado na obra, “vira-tempo”. Apesar do artefato presente na obra não ser vinculado a uma teoria científica, a sua apresentação permitiu discutir aspectos contemporâneos da Física, acerca da relatividade dos tempos e da causalidade (LIGTHMAN, 1998). Em outra atividade, destinada aos estudantes de um curso de pedagogia do câmpus, foi abordada a questão de como a depressão foi representada em criaturas e personagens da obra literária, contando um pouco também da história da autora, J.K. Rowling, e em como ela passou para os livros um pouco da sua experiência com a doença. Nos valemos do terceiro livro da saga, “Harry Potter e

o Prisioneiro de Azkaban”, para essa atividade. Essa atividade, foi inspirada na aula de “Defesa Contra as artes das trevas”, uma componente curricular da escola de bruxaria do romance. Nesse trecho da obra, um professor ensinou seus alunos a derrotarem um “bicho-papão”, que representa o medo das pessoas. Para essa atividade divulgação da cultura separamos fotos de medos comuns da sociedade (animais peçonhentos, entre outros) e propomos aos sujeitos que transformassem aqueles medos em algo engraçado, assim como na proposta do expressa no romance. Essas imagens “repulsivas” eram então substituídas por imagens dos mesmos animais peçonhentos com efeitos de humor. Em uma última análise da obra, discorremos da importância de obras literárias tanto para o ambiente educativo, quanto para a difusão da ciência e da cultura na sociedade, tendo em vista o uso da série de livros Harry Potter, mostrando os mais diversos exemplos em que a obra poderia ser usada para discussão de temas inerentes ao interesse dos estudantes. A partir da análise das obras literárias conhecidas para trazer a tona a discussão de questões da ciência, tecnologia, sociedade e meio-ambiente, é notável uma maior curiosidade por parte dos jovens para participar de conversas sobre essas temáticas, usando os produtos culturais presentes em sua realidade, possibilitando a presença de um espaço de problematização, dialógica e satisfação cultural.

Palavras-chave: Harry Potter. Divulgação Científica. Divulgação Cultural. Literatura.

Jogos como estratégia para a Divulgação Científica: uma possibilidade no contexto da Banca da Ciência

Antônio de Andrade Souza¹

Emerson Izidoro²

Universidade Federal de São Paulo

Vitor Amorim³

Universidade de São Paulo

RESUMO: O programa interinstitucional (Unifesp/USP/IFSP) Banca da Ciência-BC (PIASSI *et al* 2018, 2019) tem uma proposta interdisciplinar de intervenções não formais de comunicação dialógica e crítica da ciência para crianças e adolescentes em idade escolar (além do público geral em diferentes espaços sociais) a fim de promover a Divulgação Científica por meio de artefatos de caráter lúdico e confeccionados com materiais de baixo custo e fácil acesso, além de outros recursos, artístico-midiáticos. A BC conta com uma variedade de aparatos, como: montagens experimentais, brinquedos, jogos e maquetes, sendo em sua grande parte feitos artesanalmente. O presente trabalho objetiva apresentar algumas possibilidades da utilização de jogos como mecanismo de divulgação científica por meio de um estudo de caso de uma apresentação da BC do campus Guarulhos da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/Unifesp). Para Huizinga, (2008) o jogo, de uma maneira mais íntima, pode ser classificado como uma

¹ professor.antonio84@gmail.com

² emerson.izidoro@unifesp.br

³ vamorim@usp.br

prática restrita espacial e temporalmente, por regras pré-estabelecidas e consentidas pelos jogadores, mas obrigatórias, com apreensão e alegria, mas que se distingui do cotidiana. A criação e utilização de instrumentos e atividades lúdicas para a comunicação dialógica e crítica das ciências entra de acordo com a definição de Bueno (1984) para o termo divulgação científica, definindo como o uso de processos e recursos técnicos para a comunicação da informação científica e tecnológica ao público em geral. Dessa forma, divulgação supõe a tradução de uma linguagem especializada para uma leiga, visando a atingir um público mais amplo. Em 9 de Abril de 2019 a unidade da BC localizada no o Campus Guarulhos da Unifesp, participou do evento “Dia Aberto da EFLCH”, quando a instituição dedica-se na recepção de alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas públicas de seu entorno, com o intuito de familiarizá-los com a instituição, apresentando seus cursos de graduação e os diversos projetos desenvolvidos no campus, entre esses à BC. Nesse dia, a apresentação da Banca contou com a participação de seus mediadores, graduandos do curso de Pedagogia, que selecionaram alguns experimentos e jogos para serem apresentados aos alunos visitantes. Durante o evento, e com foco na utilização dos jogos, foi possível observarmos a reação positiva dos visitantes ao serem abordados afim de conhecer a Banca da Ciência e em especial os jogos que lá estavam dispostos para a interação. Esse processo interativo com os adolescentes, buscou abordar diversos assuntos voltados as ciências. Em sua maioria, os jovens visitantes avaliaram sua participação como uma experiência interessante, fora de suas experiências no cotidiano escolar ao abordarem certos conceitos científicos a partir de jogos. O que lhes pareceu ser algo muito agradável já que eles instigavam seus colegas a conseguirem acertar as perguntas, e disputavam quem solucionava corretamente, e de forma mais rápida, cada desafio. O papel da divulgação científica vem evoluindo ao longo do tempo, acompanhando o próprio desenvolvimento da ciência e tecnologia. Pode estar orientada para diferentes objetivos, como por exemplo a educacional, ou seja, a ampliação do conhecimento e

da compreensão do público leigo a respeito do processo científico e sua lógica. Nesse caso, trata-se de compartilhar informação científica tanto com um caráter prático, com o objetivo de esclarecer os indivíduos sobre o desvendamento e a solução de problemas relacionados a fenômenos já cientificamente estudados, quanto com um caráter cultural, visando a estimular-lhes a curiosidade científica enquanto atributo humano e acreditamos que os jogos interativos, baseados em conhecimentos de ciências, cumprem esse papel. Nesse caso, divulgação científica pode-se confundir com educação científica (ALBAGLI, 1996). A partir dessa experiência observamos que esses jogos podem ser usados em processos de divulgação científica (DC) propiciando um tempo significativo e divertido de interação, estimulando o raciocínio lógico do participante do processo e fazendo com que o mesmo aprenda a explorar o seu pensamento, a criatividade e a habilidade de resolver problemas num ambiente de educação o não-formal. Os resultados preliminares, adquiridos até o momento, apontam possibilidades interessantes de abordagem de conceitos científicos por meio de jogos e atividades lúdicas num ambiente de divulgação científica.

Palavras-chave: Divulgação científica. Jogos. Educação não formal. Educação em ciências.

O papel da canção na divulgação científica: o caso da Banca da Ciência

Artur Nunes Paes¹

Agnes Rebeca Pereira de Lira²

Emerson Ferreira Gomes³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

RESUMO: Diversos estudos apontam a relação da música com a ciência e tecnologia, que pode ser usada como uma ferramenta de divulgação científica em espaços formais e não formais de educação (GOMES, 2016; MOREIRA; MASSARANI, 2006; PUGLIESE; ZANETIC, 2007; GOMES; PIASSI, 2012). Nesta pesquisa, buscamos contribuir com essa área, analisando a possibilidade do uso da música no processo educacional, observando e refletindo sobre isso através do projeto de divulgação científica chamado “Banca da Ciência”. Esse é um projeto de comunicação científica destinado ao público escolar, baseado em atividades lúdicas, expressões artísticas e produtos midiáticos para abordar a ciência e suas conexões com questões sociais. Ele foi fundado na Universidade de São Paulo, e posteriormente implantado em diferentes campi da Universidade Federal de São Paulo e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Nesta pesquisa, analisaremos algumas atividades de divulgação científica, que se valeram de canções para reflexões acerca da ciência e tecnologia. Numa primeira oficina, o tema escolhido foi a Astronomia, A partir de um estudo prévio sobre o tema, feito pelas(os)

¹ arturnunes_paes@hotmail.com

² agnesrebecapdl@gmail.com

³ emersonfg@ifsp.edu.br

oficineiras(os) do projeto, foi ministrada uma oficina chamada “As cores do universo” em uma escola municipal de ensino fundamental de Boituva. Nela foram abordados diversos aspectos sobre astronomia e os produtos midiáticos usados para exemplificar esse tema foram: *Star Wars*, *Star Trek*, Gravidade e Cosmos; que deram espaço para uma discussão sobre fantasia e ficção científica, e a diferença entre as duas. No âmbito musical, foram utilizadas duas canções: “Space Oddity”, de David Bowie, que relata a história de um astronauta numa missão espacial, em que identificamos aspectos conceituais sobre a ciência (gravidade, inércia, entre outros) e questões sociais sobre as missões espaciais (a presença da mídia nessas missões e os aspectos políticos da corrida espacial); outra canção utilizada foi “Missão Apollo”, da banda Zimbra, que apresenta conceitos gravitacionais. Os conceitos teóricos sobre astronomia que foram previamente apresentados pelos oficinairos, como forma de introduzir o tema escolhido, possibilitaram uma reflexão e discussão com os participantes da oficina acerca dos conceitos científicos apresentados pelas músicas de Bowie e Zimbra. Em outra oficina denominada “Intervenção Chocante” foram tratados os assuntos: eletricidade e magnetismo. Primeiro foram apresentados elementos da cultura pop relacionados ao tema, como *Pokémon*, *Naruto*, *X-Men*, *Super Choque* e *Thor*. Para dialogar com tudo isso, a música “Eletricidade” da banda Capital Inicial foi usada como uma forma de incentivar o debate sobre os elementos científicos abordados na letra música. Em ambos casos das oficinas, o uso da música foi muito importante como parte do processo de divulgação da ciência, pois ela é um instrumento pedagógico enriquecedor, pois atividades com músicas são mais envolventes, prendendo a atenção dos sujeitos, atuando como eixo de motivação e facilitando o processo de ensino-aprendizagem (SAITO E BULLA, 2010). Nas canções usadas, nem sempre os conceitos relacionados a ciência estavam certos, porém esse não era o foco, já que as(os) oficinairas (os) estavam ali como suporte para explicar o que era correto ou não, mas o importante era o contato e aproximação dos alunos com a ciência. Nesse sentido, observamos que

as músicas, quando levadas para um espaço de divulgação científica, não possuem como limite de seus objetivos pedagógicos explorar apenas aspectos conceitualmente corretos, mas também as reflexões proporcionadas, a partir das letras, sobre o papel da ciência e do cientista. Dessa maneira, apesar de equívocos conceituais ou epistemológicos, é possível uma construção de um espaço dialógico nas atividades de divulgação científica. Após uma reflexão sobre as oficinas e os artifícios pedagógicos usados nela, principalmente a música, foi possível observar a satisfação dos estudantes que participaram da oficina, pois houve a articulação de seus conhecimentos prévios com os conhecimentos e informações apresentadas pelosicineiros. E isso é o que o pedagogo francês Georges Snyders (1988) entende por “satisfação cultural”, que é a articulação “cultura primeira” (conhecimentos prévios do estudante), com a “cultura elaborada” (aprofundamento de conceitos e consciência social). Assim, o uso da música na divulgação científica se mostrou uma excelente ferramenta pedagógica, pois proporcionou aos alunos, novos conhecimentos e uma satisfação durante a aprendizagem.

Palavras-chave: Canção. Divulgação Científica. Oficinas.

MED Talks: o aluno no centro do palco

Nicolas Teixeira Cabral¹

Lavinia Amaral Campos Alves²

Deivid William da Fonseca Batistão³

Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO: Em geral, as técnicas de aprendizagem mais eficazes envolvem a abordagem ativa do conteúdo, por exemplo adotando a estratégia de aprender ensinando, em vez de abordagens passivas, como a leitura de textos ou a participação como ouvinte em aulas teóricas (DUNLOSKY *et al*, 2013). Essa abordagem torna o aprendizado mais custoso a curto prazo, porém mais eficaz a longo prazo (BJORK; BJORK, 2011). O *MED Talks* foi um evento organizado por alunos da Faculdade de Medicina na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em 2019, a partir da observação de que todos os eventos de ensino da UFU tinham professores como palestrantes, e quase nunca alunos. A proposta era criar um espaço em que discentes da universidade pudessem participar das atividades de ensino como sujeitos ativos criadores de conteúdo, e não consumidores apenas. Os principais objetivos do projeto foram: 1. chamar atenção para a importância das habilidades em oratória na formação superior; 2. ajudar a criar a consciência de que alunos do ensino superior devem ser considerados pensadores independentes, com capacidade de protagonizar atividades de ensino na universidade; 3. estimular que os oradores se debruçassem sobre um assunto de sua escolha e reconhecessem o desafio de transformar as informações adquiridas através do estudo em informação sistematizada

¹ nicolasteixeiracabral@gmail.com

² laviniaamaralalves@gmail.com

³ dbatistao@ufu.br

e didática, ou seja, o desafio de ensinar o que supostamente se sabe. Considerando que falar em público para outros discentes é uma atividade relativamente difícil; que o estresse moderado é construtivo, mas o estresse exagerado é destrutivo (ANISMAN; MERALI, 1999); e que uma das formas mais eficazes de avaliar sua competência em qualquer tarefa é simulando a mesma, o projeto incluiu uma aula prévia sobre oratória e um ensaio geral que mimetizava o evento da forma mais fiel possível. As inscrições para oradores foram divulgadas online em redes sociais e os alunos foram selecionados de acordo com a adequação de sua proposta a três grandes eixos definidos para o evento: 1. medicina marginal, que seriam tópicos da medicina pouco vistos durante a graduação regular, como medicina espacial, medicina nuclear e medicina do sono; 2. a medicina vista pelas outras profissões, que buscava enriquecer a discussão médica, trazendo a visão dos alunos de outros cursos sobre assuntos ligados à medicina; e 3. o médico e o aluno universitário em seu mundo, que buscava discutir assuntos das humanidades e das artes relacionados à medicina ou à vida universitária. Cinco alunos foram selecionados, quatro discentes da graduação em medicina e um discente da graduação em jornalismo, e cada um produziu uma apresentação de cerca de 18 minutos. Os temas selecionados foram: medicina nuclear, medicina do sono, *fake news* em saúde, o papel da arte na formação discente e as origens históricas do vírus da imunodeficiência humana. O evento teve cerca de 130 alunos presentes, a maioria discentes do curso de medicina da UFU, com uma minoria de alunos de outros cursos e outras universidades. O feedback dos ouvintes do evento foi recolhido via formulário eletrônico, porém apenas cerca de 10% dos presentes responderam, a maioria elogiando o formato e o conteúdo das aulas. Entre os apresentadores, todos consideraram a experiência muito positiva. Em 2020, o projeto foi reiniciado, agora em formato mais extenso, envolvendo publicações de discentes de diversos institutos da UFU em um blog na internet através da plataforma Medium e em podcast, publicado em diversas plataformas, incluindo Spotify, Deezer e Google

Podcasts. Além disso, o *MED Talks* 2020 inclui a produção de um curso de oratória especialmente para universitários. O interesse crescente da comunidade acadêmica pelo *MED Talks* evidencia a demanda por projetos que estimulem o protagonismo discente nas atividades de ensino e divulgação científica.

Palavras-chave: Divulgação científica. Educação em saúde. Protagonismo discente.

Podcast e divulgação científica: um caminho para inclusão

Juliana Correia Almeida¹
Cristiane Porto de Magalhães ²
Universidade Tiradentes

RESUMO: A revolução da informação (CASTELLS, 2011) ainda é recente e seu processo de consolidação está em curso. Importantes teóricos desenvolvem um olhar importante para entender a cultura contemporânea e a relação com a tecnologia, em especial a internet, tais como Bauman (2009, 2007), Canclini (2010, 2008), Castells (2011, 2013, 2017), Sennett (2006), Lemos (2005, 2013), Santaella (2010), Lemos; Felice (2014), Levy (1996, 1999, 2015). A cultura digital, hipermidiática e hipervisível, apresenta elementos que favorecem a sociedade de consumo, do espetáculo, mas, também, é um ambiente que vem beneficiando a divulgação científica através de diversas plataformas a partir de hipertexto informatizado ou conteúdo multimídia. Dentro do processo de convergência, a comunicação transmidiática tem protagonizado importantes mudanças na relação que envolve a divulgação de ciência e canais de acessibilidade de conteúdo. Diante da complexa mudança nas sociabilidades com o desenvolvimento de outro ambiente, o ciberespaço, a divulgação científica surge a partir de diversas frentes (universidades, grupos de pesquisa, instituições de fomento, ações individuais, etc.) democratizando o acesso com a utilização das plataformas digitais mais utilizadas para ter maior alcance. Na internet, com o rádio, por exemplo, há a transformação do ouvinte tradicional que

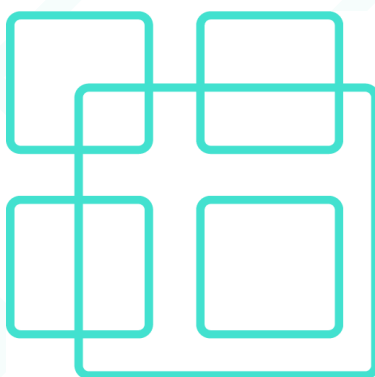
¹ julianaalmeida.ufs@gmail.com

² crismporto@gmail.com

passa a usufruir de características distintas, como a perenidade das informações a partir de divulgação do conteúdo na rede. Isso possibilita o mecanismo de ter uma comunicação mais participativa através de uma reconfiguração cultural e nos processos de produção. O aumento na capacidade de processamento e armazenamento dos computadores atrelado ao surgimento das redes, da fibra óptica e, sobretudo, das linguagens de programação direcionadas para a web, possibilitaram que inovadoras ferramentas fossem desenvolvidas permitindo ainda que as aplicações multimídia ficassem cada vez mais ao alcance dos utilizadores finais. Tecnologias como o streaming de áudio e de vídeo fizeram com que a qualidade na transmissão dos dados se tornasse muito mais interativa, ou seja, em vez dos utilizadores terem de esperar pelo carregamento completo dos arquivos, podem ouvir em simultâneo as partes dos arquivos já ‘descarregados’. Funcionalidades como esta tiveram enorme importância no sucesso dos novos aplicativos de rádio na internet, tornando-os mais ágeis e funcionando em tempo real. Neste segmento, surge o podcast, uma das configurações entre os formatos sonoros disponíveis na internet e que tem mudado a forma de fazer comunicação sonora. A linguagem sonora, antes caracterizada pela efemeridade, passa a ser perene a partir dos podcast’s nas plataformas digitais. Junção da palavra Ipod (MP3 player da Apple) e *broadcasting* (transmissão em rede), o podcast surgiu em 2004 e consiste em um arquivo sonoro disponibilizado em um site ou mídias sociais. O objetivo desse artigo é analisar como o podcast tem se tornado uma importante ferramenta de divulgação científica a partir das suas características como baixo custo de produção, portabilidade e fácil compartilhamento. Aspectos importantes dessa ferramenta devem ser levados em consideração como a criação de um público que acompanha o podcast a partir de estratégias de compartilhamento do conteúdo como a tecnologia de “Feed RSS”, um sistema de notificações que possibilita ao ouvinte ser avisado sobre a postagem de novos episódios. Para tanto, será feito um estudo de caso dos podcast’s produzidos pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/DF), intitulado “Viralizados” que

discute a pandemia da Covid-19 a partir da divulgação de informações básicas sobre a doença, impactos na saúde, sociedade e a evolução dos estudos. “Viralizados” conta com entrevista com profissionais da Fiocruz/DF de diversas áreas que fazem uma discussão abrangente sobre os impactos da pandemia. Importante ressaltar que o podcast faz parte de um projeto maior de divulgação científica estruturado pelo órgão, chamado “Covid-19 – DivulGAÇÃO CIENTÍFICA”. Como resultado, espera-se a compreensão de como o podcast pode integrar de forma eficiente a divulgação científica sendo instrumento de fácil acesso dentro do universo multimídia.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Podcast. Cultura digital.



SESSÃO 10

SEXTA-FEIRA, 9 DE OUTUBRO, 13h

A interpretação como prática profissional: entre a psicologia e a psicanálise

Beatriz Almeida Gabardo¹

Caroline Heloisa Sapatini²

Prof^a. Dr^a. Ana Paula R. F. Garcia³

Faculdade de Enfermagem – Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Dentro do campo científico da psicologia, uma das possíveis atuação dos psicólogos é na clínica. Esta área é descrita como campo específico da saúde, que tem por objetivo a compreensão dos processos inter e intrapessoais, além de apresentar um caráter curativo ou preventivo. A psicoterapia é a prática psicológica clínica mais conhecida popularmente e acaba por definir a psicologia clínica em nossa sociedade (JACÓ-VILELA; MELLO, 2018). Uma das abordagens teóricas dentro da Psicologia clínica é a Psicanálise. Enquanto abordagem teórica, ela oferece um arcabouço teórico e técnico pautado na concepção de inconsciente, de sexualidade infantil, de transferência, de resistência e de interpretação do material que aparece no campo analítico na relação paciente e profissional (BUSCH, 2010). A absorção desses elementos da Psicanálise pela Psicologia levou a criação de uma terapia sistemática e com fundamentação psicanalítica que foi nomeada como psicoterapia psicanalítica. Fatores como intervenções e a formação do psicanalista tem sido apontados como distanciamentos da psicanálise clássica e da psicoterapia de base psicanalítica (RAVITZ, 2017). A formação em psicanálise é definida

¹ beatriz_gabardo@hotmail.com

² carolhsapatini@gmail.com

³ apgarcia@unicamp.com

por um tripé composto pela análise pessoal, supervisão clínica e estudos teóricos (FREUD, 2017). Com maior importância na tríade da formação se encontra a análise pessoal, uma vez que só se é possível apreender os conceitos psicanalíticos pela experiência destes em um processo analítico, no contato com o próprio inconsciente (FREUD, 2017). O contato do sujeito com o seu inconsciente na experiência analítica, com os conceitos teóricos e com as experiências de atendimentos pontuadas pela supervisão clínica constituem o percurso único de cada sujeito em tornar-se psicanalista (BERNARDES, 2019). Essa formação em psicanálise é entendida como uma transmissão, se diferencia do ensino nas demais as áreas de conhecimento, pois ela advém de um desejo da própria pessoa e de um saber do inconsciente que não é encontrado em nenhum ensino sistematizado de um curso ou ensinado por um mestre (LAURU, 2017). Portanto, possuir um diploma de psicologia, ou qualquer outra graduação, não garante a autorização e o surgimento de um psicanalista (BERNARDES, 2019). Tal como a formação psicanalítica há também diferenças no campo das intervenções feitas por um psicólogo e por um psicanalista. Este estudo justifica-se a partir desse descompasso entre psicanálise e psicologia, mais precisamente na formação e nas intervenções, onde o psicólogo que opta por fazer uma clínica psicanalítica se encontra nesse entre-meio entre essas áreas do conhecimento. Desta forma, este trabalho tem o objetivo de mapear e examinar evidências científicas e culturais sobre a interpretação nos campos da psicologia e da psicanálise. Para atingir tal objetivo será realizado uma revisão de escopo, revisão de literatura capaz de mapear e clarificar o que há de relevante sobre a problemática na literatura atual, além de identificar lacunas (ARKSEY; O'MALLEY, 2005). Este trabalho tem como aparato teórico a concepção de que a intervenção é um divisor entre psicanálise e psicologia. Em psicologia, a interpretação é uma forma de intervenção verbal com o objetivo de tornar o desconhecido conhecido, por meio da linguagem. Nela, o psicólogo atribui e produz sentido as emoções, relações, falas, comportamentos e ideias que surgem no

processo de psicoterapia. Sendo assim, o psicólogo assume uma posição de saber sobre o mal-estar do sujeito (KEMBERG, 2016). Na psicanálise a interpretação é de outra ordem, caracteriza-se por uma revelação que surge no para além da comunicação, posto que o sujeito em análise irá considerar a lógica de seu inconsciente para atribuir sentido as suas experiências de não-sentido, que até então convocavam o mal-estar (LACAN, 1998). O psicanalista é responsável por pontuar o não sentido no discurso do analisante e o trabalho deste é elaborar algum sentido para sua experiência analítica (FINK, 2019). O inconsciente, nesta perspectiva, caracteriza-se por aquilo que é censurado e retorna no sintoma, nas lembranças da infância, no falar, nas suas formações e nos mitos. Nesse contexto, a interpretação psicanalítica, especialmente em uma perspectiva lacaniana, visa criar reverberações do inconsciente que levem a geração de algo novo pelo sujeito. Com esse objetivo, a linguagem usada é deliberadamente evocativa, equívoca e polivalente, respeitando a lógica inconsciente. A interpretação psicanalítica é uma produção concreta de sentido que devolve ao sujeito falante a posição de detentor da verdade sobre si (LACAN, 1998). Esta pesquisa se encontra em fase inicial, porém o resultado esperado é que se possa delinear esses dois campos, psicanálise e psicologia, o que permitirá a abertura para um olhar para o sujeito, o psicólogo no seu fazer clínico e para a sua condição de entre-meio da ciência destes campos do saber.

Palavras-chave: Psicanálise. Psicologia clínica. Psicoterapia. Ensino.

Dar forma ao trauma: a memória do Holocausto em Maus, a história de um sobrevivente

Guilherme Henrique Vicente¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Mesmo que o Holocausto seja um acontecimento histórico razoavelmente esclarecido, ainda há diversas dimensões sobre o extermínio de judeus e outras minorias durante a Segunda Guerra Mundial que ainda são discutidos, mais de 75 anos após o desmantelamento dos campos de concentração. Uma dessas questões é de ordem ética e estética: diz respeito a como dar forma ao que se passou com as vítimas e os sobreviventes para que seu trauma venha à tona em um momento em que a maioria das testemunhas restantes começa a desaparecer, debate que aparece nas discussões de muitos autores, como Robin (2016) Levi (1988;2004), Seligman-Silva (2003) e Agambem (2008) Tal questionamento se torna ainda mais prevalente quando pensamos nos inúmeros produtos culturais feitos sobre ou com base no Holocausto, nas mais diversas mídias: do cinema à literatura, ter como base o trauma desse acontecimento para contar histórias reais ou ficcionais se tornou comum com o passar dos anos. Entre alguns marcos disso está o documentário *Shoah* (1985) de Claude Lanzmann e *A Lista de Schindler* (1993), de Steven Spielberg, que utilizam linguagens e estéticas diferentes (documentário x produção de ficção *hollywodiana*). Entratanto, uma das narrativas que mais chama a atenção quando é *Maus, a história de um sobrevivente*, história em quadrinhos produzida pelo sueco/norte-americano Art Spiegelmann ao longo dos anos 80 e que ganhou popularidade no começo dos anos 90. O autor lança mão dos quadrinhos, uma arte popular por excelência (ROBIN, 2016) para contar a história do seu pai, um sobrevivente do Holocausto, que dá seu testemunho sobre

¹ henriqueguilherme4@gmail.com

a vida nos campos. Contudo, resumir *Maus* a uma mais uma história sobre o Holocausto exclui uma série de aspectos que marcam a singularidade das páginas do livro. Além de mostrar como a história dos sobreviventes pesa sobre os seus desce descendentes, vemos em vários trechos de caráter metanarrativo como Spiegelmann se debate sobre a melhor maneira de conta a história do seu pai, se é possível fazer isso nunca tendo estado em um campo de concentração ou mesmo se os quadrinhos são capazes de dar forma ao testemunho desse trauma, que adentra no campo do indizível, do furo na linguagem (MARIANI, 2016). Tudo isso é fonte de crises e questionamentos para o autor, o que também aparece nas páginas, em caráter metanarrativo. Outro ponto que não passa despercebido em *Maus* é a antropomorfização dos personagens: os nazistas são gatos, os judeus são ratos, os norte-americanos são cachorros, por exemplo. Tal escolha movimentava diversos sentidos, retomando inúmeras questões ideológicas, que perpassam toda a narrativa e também são motivos de outras das crises retratadas nos quadrinhos. Com base nisso, o presente resumo, que tem como base uma pesquisa de mestrado em andamento, busca identificar como a memória do Holocausto trabalha os sentidos em *Maus, a história de um sobrevivente* a partir, principalmente, da perspectiva teórica da análise de discurso de linha francesa, que tem como principais nomes Orlandi e Pêcheux, entre outros. Para tal, são mobilizados alguns conceitos essenciais desse dispositivo teórico, como memória (que funciona como interdiscurso) metáfora e condições de produção, além de nos interrogarmos sobre os sentidos do testemunho. Com isso, é possível apontar, de forma preliminar, que a obra de Art Spiegelmann aciona muito da memória do Holocausto presente em outros relatos e produtos culturais, mas faz isso invocando um forte senso de incompletude: não há ali um sentido completo, um sentido único sobre o que foi o Holocausto e nem era possível haver, principalmente pelo fato do que aparece no livro ser, sobretudo, resultado, do testemunho do pai, sujeito às falhas de memória decorrente do trauma.

Palavras-chave: Holocausto. Memória. Testemunho. Quadrinhos. Análise de discurso.

Colagens, palavras e silêncio: representações do sujeito mulher em @reliquia.rum

Bianca Martins Peter¹
Universidade de Taubaté

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo tecer reflexões sobre as representações do sujeito feminino no projeto @reliquia.rum, idealizado para homenagear mulheres vitimadas pela pandemia da COVID-19. Idealizada pela antropóloga e pesquisadora da área de Direitos Humanos Debora Diniz, o @reliquia.rum surgiu do silêncio que rondou o número da primeira morte da COVID-19 no Brasil: uma mulher, empregada doméstica, morre no Rio de Janeiro depois de contrair o vírus de sua patroa (que não havia lhe comunicado a contaminação). Incorporada somente no digital, a página do Instagram veicula, diariamente, imagens realizadas pelo artista plástico Ramon Navarro, tornando-a um álbum de memórias, e convocando a humanização das estatísticas. Cada postagem é, em si, uma composição artística: a mulher homenageada, vítima de uma pandemia dos tempos atuais, tem detalhes da sua história transformados num texto-descrição de autoria de Debora Diniz. Mas o que é colocado em evidência é a colagem confeccionada a partir de uma pintura ou fotografia de uma mulher de séculos passados, acompanhadas de símbolos e montagens surrealistas, a qual o texto-descrição integra, que acaba por conferir uma representação outra àquela mulher homenageada. Para as primeiras publicações, Diniz (2020) afirmou que se baseou em notícias, as quais mantêm o anonimato do morto. No entanto, à medida que o projeto se popularizou, pessoas entraram em contato com os autores propondo que homenageassem pessoas de sua

¹ biancamapeter@gmail.com

família, essas já com nome, corpo e história bem delimitados – e que são homenageadas pela página. A proposta de manter o anonimato e as colagens, porém, permaneceu. Essa montagem provoca comentários e questionamentos por parte dos usuários que interagem com a publicação, tais como: “por que não mostrar uma fotografia da homenageada?”, “por que não informar seu nome?”. A partir desses questionamentos, o presente trabalho se baseia nas postulações da Análise do Discurso realizadas por Eni Orlandi (1995, 2007) no seu trabalho sobre o silêncio. Para a autora, há três categorias possíveis para o silêncio: 1) o silêncio fundador, que produz condições para a significação; e a política do silêncio, que se divide em: 2a) silêncio constitutivo; 2b) o silenciamento. Considerando a histórica subalternização das mulheres, num processo que envolve silenciamento e que se materializa em enunciados como os de Diniz e Navarro, sinaliza-se que as categorias do silêncio constitutivo e da censura local, da dimensão política do silêncio, foram propícias à análise do *corpus* escolhido, e as publicações foram analisadas de maneira a observar *indiretamente* (ORLANDI, 2007) a política do silêncio trazida à superfície pelas publicações digitais analisados. Além disso, foram consideradas as próprias colocações de Debora Diniz e Ramon Navarro sobre o projeto, bem como os comentários que se vincularam às matérias, para dar conta de observar os movimentos que o silêncio provocou naqueles que interagiram com a postagem. Como resultado, foi possível interpretar um empenho do @reliquia.rum de unir o individual e o coletivo, o presente e o passado, por meio de um recorte de gênero, com o qual Diniz e Navarro constituíram esse *inventário de relíquias* que evoca, a cada publicação, representações de mulheres atravessadas pelo silenciamento: a condição da mulher que permanece anônima no hoje e no ontem, em fotografias ou em obituários de uma pandemia; os números que, ao substituírem o nome, silenciam a condição de sujeito da vítima; as imagens que atravessaram o tempo como representativas de uma época passada, mas que representam somente mulheres que puderam ser representadas e/ou fotografadas, ligadas

a uma classe social específica. Além disso, observou-se que o objetivo do projeto em fazer com “que a tragédia da perda seja parte de nossa memória coletiva” (RELIQUIA. RUM, 2020, n. p.) foi realizado por meio de um silêncio intencionado, da ocultação dos nomes e das imagens “reais”, substituindo-os pelas colagens e traços biográficos, para possibilitar a leitura do corpo feminino como algo historicamente marcado pelo silenciamento, coletivizando-o. Como efeito de sentido dessa abordagem, os comentários das postagens expressaram questionamentos e reflexões, próprios do sentido deslizante do silêncio.

.Palavras-chave: Debora Diniz. Análise do discurso. Silêncio.

Análise do discurso do ex-presidiário: identidades em jogo

Fábio Pacheco Piantoni¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Estão em dispersão os discursos acerca do egresso do sistema prisional. São leis, notícias, reportagens, postagens em blogs, projetos institucionais de reabilitação, declarações e discursos de campanhas políticas, geração de índices de reincidência criminal, ditos das esferas judiciária, midiática e social. Sobrepostos, em aliança ou oposição do que se é dito *acerca de*, há o discurso de próprio indivíduo, ainda preso, porém à condição temporal do antes, do durante e do depois do que se é, ou seja, a figura do egresso do sistema prisional. Um eu manifesto em relatos encorpando projetos sociais, documentários, entrevistas e reportagens. O presente trabalho busca compreender a relação da discursivização do termo/pressão *ex* + (*nominalização*), com os processos de subjetivação do indivíduo que deixa o espaço/tempo prisional. A tese de doutorado acerca dos *Egressos do Sistema Penitenciário no Brasil* de Lígia Mori Madeira traça um panorama de apoio a egressos. A pesquisa tem como foco a atuação dos programas de apoio nas trajetórias de vida deste sujeito. Madeira defende que os egressos são marcados pela experiência prisional e suas consequências, como a prisionização e o estigma; que a temporalidade da condição de egresso, somada à temporalidade das próprias iniciativas resultam em manutenções longe do crime e na redução do peso na condição de homens infames; e que a legislação e os programas criam o egresso. O egresso, portanto, pode ser uma criação legal e institucional. A lei o define e as instituições conceituam o sujeito

¹ fabio.piantoni@gmail.com

egresso. Neste projeto, entende-se o egresso como sendo ainda um preso, porém algemados às instituições de apoio, ao discurso jurídico e à temporalidade de sua redenção. Fora deste tempo/espaço discursivo o egresso pode ser compreendido como um outro, um ex, um (ex)bandido, um (ex)preso e (ex)detendo, como materializados nos títulos das notícias. Portanto, há distintas maneiras de nomear o sujeito recém liberado da prisão. A lei e os programas de apoio os nomeiam e conceituam como egressos; notícias, com uso do ex, remontam a situação passada a fim de nominalizar no presente um sujeito marcado pelo tempo/espaço prisional. A diferença se dá por uma questão de Linguagem. Orlandi (1984) esclarece que a linguagem não pode ser considerada como produtora ou como produto. Para a linguista, “a linguagem passa a ser considerada no momento de sua existência como tal, ou seja, como discurso. Dessa forma ela pode ser observada na dinâmica de seu funcionamento, em que se procuram determinar os processos de constituição e que são de natureza sócio histórica” (p.11). Devida esta natureza sócio histórica, a ideologia passa a ser pensada como uma função da relação necessária entre linguagem e mundo. Para se definir ideologia em uma abordagem epistemológica que considera a linguagem como discurso, deve-se levar em conta as relações estabelecidas entre as condições de produção e a base linguística dos enunciados como “interpretação do sentido em uma certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários” (ORLANDI, 1996a, p.9). Cabe, deste modo, um estudo não apenas sociológico, ou de fatos e dados, mas sim o estudo do discurso acerca deste objeto imaginário criado pela (e em torno) da linguagem e da ideologia materializada em discurso. Monica Zoppi-Fontana (1997) entende o discurso como “um objeto teórico, integralmente linguístico e integralmente histórico, como o espaço teórico que permite estudar a relação entre língua (o sistema de signos linguísticos) e a ideologia (como determinação histórica do sentido pelas relações de forças que se confrontam numa dada formação social)” (p.38). Para Pêcheux (1975), as determinações ideológicas são

reproduzíveis por meio do discurso. “O estudo do discurso explicita como a linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca” (ORLANDI, p.43). É na relação entre ideologia e linguagem que as palavras se significam e dependerá do modo como o sujeito irá se inscrever em determinada formação discursiva para constituir um sentido e não outro. Nomear o indivíduo que cumpriu a pena prisional como egresso ou ex-presidiário é ideológico e determinado por formações discursivas. É tarefa da Análise do Discurso fundada por Pêcheux revelar as instabilidades e a heterogeneidade das Formações Discursivas e ir além “é preciso poder explicar o conjunto complexo, desigual e contraditório das formações discursivas em jogo numa situação dada, sob a dominação do conjunto das formações ideológicas, tal como a luta ideológica das classes determina” (PÊCHEUX, 1988, p. 254). O presente trabalho espera compreender os efeitos de sentido dados na discursivização de determinado sujeito, e assim ampliar os dispositivos teóricos que auxiliam e compõe maneiras de ler o arquivo, o que repercutirá na divulgação científica e no desenvolvimento de políticas públicas.

Palavras-chave: Análise do discurso. Subjetivação. Sistema Prisional. Divulgação Científica.

Artes visuais e cinema super 8 em São Luís – MA: aproximações e atravessamentos

Joseane Aranha Dantas¹

Instituto Federal do Maranhão - Câmpus Centro Histórico

Josenilma Aranha Dantas³

Universidade Estadual Paulista – UNESP/Câmpus Assis

RESUMO: Por mais sedutora que possa ser uma tecnologia, ela não pode ser tratada como um fim em si mesma, mas a serviço dos conceitos, opções ideológicas e construções criativas que nascem do imaginário de quem a utiliza. A bitola super 8 surge no Brasil nos anos 70 como suporte de baixo custo em relação aos formatos mais sofisticados como o 16mm e o 35 mm. Seu uso não ocorreu de modo isolado, pois encontramos uma interessante produção de filmes e uma movimentação cultural em torno dessa bitola. O Maranhão possui uma vasta e diversificada produção nesse formato, e embora boa parte dela tenha sido realizada no gênero documentário (a opção pelo documentário se deu pelo comprometimento com os aspectos histórico-sociais, já que apresentaria tais temas de uma forma mais referencial), é possível observar uma série de ficções e vídeos experimentais, alguns deles premiados em festivais da época. Os temas das produções cinematográficas maranhenses que fizeram uso do suporte super 8 eram diversos e entre as abordagens estão as manifestações culturais, a religiosidade, as festas populares, as questões agrárias e ambientais, os costumes e práticas das cidades, bem como questões politicamente explosivas da representação do estado do Maranhão e suas contradições

¹ joseanedantas14@gmail.com

² jadeadantas@gmail.com

sociais. Tanto o temário, como a pluralidade estética que perpassa pela arte expandida, a literatura, música, teatro, fotografia e artes plásticas são características importantes dos artefatos produzidos a partir dessa bitola na capital maranhense. No âmbito nacional, o interesse dos artistas plásticos pelo suporte e em produzir suas obras em super 8 se intensificou entre os anos 1970 e 1975, período em que alguns artistas passam a inscrever e concorrer com seus filmes em jornadas e festivais, a exemplo de Paulo Bruscky, Antonio Dias, Daniel Santiago. Outros artistas como Hélio Oiticica, Arthur Omar, Lygia Pape também fizeram uso da bitola para desenvolver seus trabalhos. Eles viram no amadorismo, na popularidade e no fácil manuseio da máquina, maleabilidade e facilidade técnica, a possibilidade de experimentar múltiplas linguagens e de criar uma linguagem alternativa de cunho autoral, subvertendo, assim, as formas de produção e circulação das suas obras. No Maranhão, a gênese dos usos da bitola por artistas e cineastas está atrelada à criação do coletivo de artistas e realizadores do Laboratório de Expressões Artísticas, o Laborarte. Criado em 1971, o laboratório reunia e mobilizava jovens universitários, profissionais liberais, artistas interessados em desenvolver trabalhos com materiais e linguagens diversas. Também era objetivo do laboratório formar público em literatura, música, teatro, fotografia, artes plásticas e cinema. Nesse contexto, o estado ampliou o debate sobre o fazer cinema em super 8, ao ponto de produzir um vasto e diversificado número de obras - cerca de 100 filmes, muitos deles premiados em festivais-, produzidos por 20 realizadores. A presente comunicação pretende abordar as aproximações, intersecções e um “entremeio” entre as artes visuais e o cinema super 8 no Maranhão, com o objetivo de compreender como essas novas formas de produzir ‘imagens em movimento’, a partir do dispositivo, possibilitaram novas visualidades e novas formas de mobilizar o olhar. A fundamentação teórica desta pesquisa está balizada nas operações que fazem o trânsito entre o cinema e as artes visuais. Pretende-se aqui revisitar o conceito de dispositivo em Aumont (2004;2013) como possibilidade de compreender

as novas formulações do fazer cinema a partir dos usos da tecnologia (suporte super 8) que impulsionaram experimentações artísticas e produziram novas visualidades. Por se tratar de um *corpus* complexo de filmes diversos e dotados de especificidades, e buscar pontos de cruzamentos e aproximações com o campo das artes visuais, entende-se que as questões como os processos artísticos para compor as imagens, as operações quanto ao uso da bitola super 8 por artistas e cineastas, o contexto de produção cultural e a recepção e interações do público com esses artefatos são aspectos importantes para serem vislumbrados a partir de um cotejo com a teoria do cinema. Neste sentido, também nos interessa os estudos de Machado (2001;2013) sobre as produções cinematográficas rodadas em super 8 na década de 70 e início dos anos 80, principalmente no que diz respeito a algumas particularidades no que se refere à convergência e interação dessas produções com outras linguagens como as artes plásticas, tendo em vista que a produção realizada por artistas plásticos soma um terço da produção nacional.

Palavras-chave: Cinema. Artes visuais. Bitola super 8.